



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

RAISSA GONÇALVES DE ANDRADE MOREIRA

**ANÁLISE FUNCIONAL DA TIPOLOGIA DAS ESTRUTURAS
CORRELATAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO EM TEXTOS ORAIS E
ESCRITOS DA CIDADE DE NATAL**

**JOÃO PESSOA
2019**

RAISSA GONÇALVES DE ANDRADE MOREIRA

**ANÁLISE FUNCIONAL DA TIPOLOGIA DAS ESTRUTURAS
CORRELATAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO EM TEXTOS ORAIS E
ESCRITOS DA CIDADE DE NATAL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Linha de Pesquisa: Diversidade e Mudança Linguística

Orientador: Prof. Dr. Camilo Rosa Silva.

**JOÃO PESSOA
2019**

**Catálogo na publicação Seção de Catalogação
e Classificação**

M838a Moreira, Raissa Gonçalves de Andrade.

Análise funcional da tipologia das estruturas
correlatas no português brasileiro em textos orais e
escritos da cidade de Natal / Raissa Gonçalves de
Andrade Moreira.- João Pessoa, 2019.

123 f. : il.

Orientação: Camilo Rosa Silva.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/PROLING.

1. Correlação. 2. Articulação de orações. 3.
Funcionalismo. I. Silva, Camilo Rosa. II. Título.

UFPB/BC

RAISSA GONÇALVES DE ANDRADE MOREIRA

**ANÁLISE FUNCIONAL DA TIPOLOGIA DAS ESTRUTURAS
CORRELATAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO EM TEXTOS ORAIS E
ESCRITOS DA CIDADE DE NATAL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística.

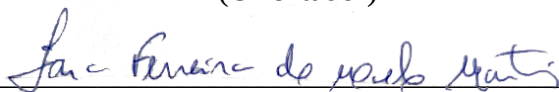
Linha de Pesquisa: Diversidade e Mudança Linguística

Orientador: Prof. Dr. Camilo Rosa Silva.

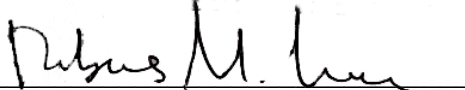
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Camilo Rosa Silva (UFPB-PROLING)
(Orientador)



Prof. Dra. Iara Ferreira de Melo Martins (PROFLETRAS-UEPB)
Examinadora Externa



Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena (UFPB - PROLING)
Examinador Interno

Prof. Dra. Mônica Mano Trindade Ferraz (UFPB-PROLING)
Suplente

Examinada a proposta
Conceito

Em: ____/____/____

JOÃO PESSOA
2019

A todas as pessoas que torcem por mim. Em especial aos amigos
e familiares. Tudo por vocês.

DEDICO

AGRADECIMENTOS

Agradecer, palavra sinônima da expressão “dar graças”. É justamente com esse sentimento que inicio este trabalho de conclusão, expressando gratidão àqueles que me marcaram em uma trajetória de dois anos, contribuindo para meu crescimento pessoal, afetivo, intelectual. Gratidão!

Não deixaria de agradecer, portanto, a minha mãe, que se dá de corpo e alma para que sua filha chegue a ser “doutora”. Aos meus tios, tias, primos e primas pelas alegrias cotidianas que me enchem de energia.

Aos amigos de todos os momentos: Iandia, Livia, Carla, Valnikson, Marcos e Natália que poetizam minha rotina. Às amigas do curso de Letras: Júlia, Larissa, Thayse, Mayara, Saionara e Dayane pelas dificuldades e fofocas diárias.

À Samyra que está sempre comigo, que me ajuda, me apoia, e me contagia com a sua alegria.

À Daniela Sayuri, aquela que possui um coração imenso, por quem eu tenho profunda admiração e que é de grande importância na minha vida, por sempre me apoiar e caminhar ao meu lado.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pela concessão de bolsa de mestrado durante os dois anos do curso.

Aos professores do PROLING, que tornaram os caminhos do mestrado muito mais fascinantes. Sobretudo, a Dra. Mônica Trindade, por ser um exemplo de professora e ter me ensinado a compreender a semântica.

Em especial, a Macelio, amizade estabelecida no mestrado e pessoa com quem sempre posso contar. A todos os membros do Grupo de Investigações Funcionalistas (GIF), que muito me ajudaram no crescimento acadêmico.

Ao meu querido orientador Dr. Camilo Rosa, que me abraçou, ajudou a transformar meus projetos e planos em concretude. Camilo Rosa é um exemplo de ser humano e profissional e que não mediu esforços para me auxiliar, sempre! Obrigada pelos ensinamentos e pelo compromisso. Sou sua fã!

Aos professores Dra. Iara Ferreira e Dr. Rubens Marques, pelas críticas e orientações que me foram dadas na qualificação, e agora, por terem aceito o convite de participar da banca e pelas contribuições dadas no processo de avaliação deste trabalho.

A todos vocês, então, meu profundo agradecimento e carinho.

RESUMO

A correlação, na perspectiva tradicional de estudos da gramática, é considerada um recurso retórico que pertence à coordenação ou à subordinação, nas quais exerce a função de enfatizar igualmente os termos conectados. A presente pesquisa, de cunho quanti-qualitativo e orientada teoricamente pela abordagem da linguística funcional (GIVÓN, 1995; HOPPER e TRAUGOTT, 1997; NEVES, 1997, MÓDOLO, 2008, entre outros), tem como objetivo descrever o comportamento das estruturas correlatas em contextos de uso, considerando seu tratamento nas perspectivas tradicionais e funcionais. O *corpus* escolhido para coleta de dados é o D&G – Natal (FURTADO DA CUNHA, 1998), que fornece amostras de textos orais e também escritos. Para a análise, são considerados aspectos semânticos, sintáticos e discursivos do comportamento das estruturas correlatas, revelados no exame da prototipicidade dos itens complexos presentes nos dados do *corpus*, classificação que contempla pares aditivos, alternativos, comparativos e consecutivos. A análise realizada confirma a hipótese de que as correlatas apresentam feições particulares relacionadas à sua estrutura, revelando, também, suas especificidades quanto aos aspectos semânticos e discursivos. A conclusão leva a crer que a correlação é mesmo um processo distinto da coordenação e da subordinação.

Palavras-chave: correlação; articulação de oração; Funcionalismo.

ABSTRACT

The correlation, in the traditional perspective of grammar studies, is considered a rhetorical resource that belongs to coordination or subordination, it also has the function of emphasizing the connected terms. The aim of this research is to quantify the behavior of the correlated structures in a quantitative and qualitative way, using the functional linguistic approach (GIVÓN, 1995; HOPPER and TRAUGOTT, 1997; NEVES, 1997, MÓDOLO, 2008) considering their treatment in traditional and functional perspectives. The corpus chosen for data collection is D & G - Natal (FURTADO DA CUNHA, 1998), which provides samples of oral and written texts. For the analysis, the semantic, syntactic and discursive aspects of the behavior of the correlated structures, revealed in the prototype analysis of the complex items present in the corpus data, are considered as semantic, syntactic and discursive aspects, which includes alternative, comparative and consecutive additive pairs. The analysis confirms the hypothesis that the correlates present particular features related to its structure, revealing, also, its specificities regarding the semantic and discursive aspects. The conclusion leads one to believe that correlation is indeed a distinct process of coordination and subordination.

Keywords: Correlation; Articulation of Prayer; Functionalism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: <i>Continuum</i> da articulação de cláusulas	39
Figura 2: Analogização das construções espelhadas	87

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Distribuição dos informantes do <i>corpus</i> D&G conforme a escolarização	69
Tabela 02: Quantificação do <i>corpus</i> analisado conforme o gênero	70
Tabela 03: Quantificação da classificação dos tipos de correlação.....	75
Tabela 04: Quantificação da classificação dos tipos de correlação – língua falada.....	75
Tabela 05: Quantificação da classificação dos tipos de correlação – língua escrita	76
Tabela 06: Quantificação dos conectores correlativos alternativos – língua falada.....	76
Tabela 07: Quantificação dos conectores correlativos alternativos – língua escrita	77
Tabela 08: Quantificação dos conectores correlativos comparativos – língua falada.....	77
Tabela 09: Quantificação dos conectores correlativos comparativos – língua escrita	78
Tabela 10: Quantificação dos conectores correlativos aditivos – língua falada.....	78
Tabela 11: Quantificação dos conectores correlativos aditivos – língua escrita	78
Tabela 12: Quantificação dos conectores correlativos consecutivos – língua falada.....	79
Tabela 13: Quantificação dos conectores correlativos consecutivos – língua escrita	79

LISTAS DE QUADROS

Quadro 01: Diferença entre a gramática formalista e a gramática funcionalista	20
Quadro 02: Dependência e encaixamento.....	36
Quadro 03: Propriedades relevantes para o cline da combinação de orações	36
Quadro 04: Classificação da gramática tradicional: coordenação e subordinação	42
Quadro 05: A correlação para a gramática tradicional	45
Quadro 06: Tipos de orações correlatas	51
Quadro 07: Oração aditiva nas gramáticas tradicionais.....	52
Quadro 08: Conjunções aditivas	53
Quadro 09: Oração alternativa nas gramáticas tradicionais.....	58
Quadro 10: Conjunções alternativas	57
Quadro 11: Oração comparativa nas gramáticas	58
Quadro 12: Conjunções comparativas	60
Quadro 13: Oração consecutiva nas gramáticas	64
Quadro 14: Conjunções consecutivas	65
Quadro 15: Critérios de análise observados.....	71
Quadro 16: Prototipicidade dos conectores alternativos	110
Quadro 17: Prototipicidade dos conectores comparativos	112
Quadro 18: Prototipicidade dos conectores aditivos.....	113
Quadro 19: Prototipicidade dos conectores consecutivos.....	114
Quadro 20: Conectores mais prototípicos	115
Quadro 21: Dependência e encaixamento com correlação	117

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. A LINGUAGEM DO SÉCULO XX: UMA VISÃO FUNCIONALISTA	16
1.1 Funcionalismo linguístico	16
1.2 A concepção de gramática para o funcionalismo	17
1.3 O fenômeno da gramaticalização.....	22
1.3.1 Princípios, parâmetros e mecanismos de gramaticalização	25
1.3.2 Princípio da Unidirecionalidade	29
1.3.3 Princípio da Iconicidade	31
1.4 A teoria dos protótipos.....	32
2. PROCESSOS DE ESTRUTURAÇÃO SINTÁTICA	35
2.1 Articulação de oração	35
2.2 A correlação como procedimento sintático	40
2.3 Tipos de orações correlatas no português brasileiro.....	50
2.3.1 Orações correlatas aditivas	51
2.3.2 Orações correlatas alternativas	55
2.3.3 Orações correlatas comparativas	59
2.3.4 Orações correlatas consecutivas	63
3. PERFIL METODOLÓGICO	67
3.1 Natureza e tipo da pesquisa	68
3.2 Caracterização do <i>corpus</i>	68
3.3 Seleção dos dados	70
3.4 Critérios de análise.....	71
4. ANÁLISE DOS DADOS	74
4.1 As ocorrências dos tipos de correlação	74
4.2 O fenômeno da correlação nos dados de análise	79
4.2.1 Estruturas correlatas alternativas	79
4.2.2 Estruturas correlatas comparativas	87
4.2.3 Estruturas correlatas aditivas	95
4.2.4 Estruturas correlatas consecutivas	103
4.3 Gramaticalização dos pares correlatos	105
4.4 Critérios de prototipicidade na categorização dos conectores correlatos	109
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	116
REFERÊNCIAS	120

INTRODUÇÃO

O tema de nossa pesquisa, a correlação, é um dos conteúdos que se destaca dentro dos estudos linguísticos da área de sintaxe. No entanto, percebemos que, em nossas gramáticas, esse fenômeno ainda é pouco explorado, carecendo de uma revisão acerca da estruturação do período composto.

Nesse sentido, o fenômeno da correlação se apresenta como um tema que necessita de análises mais aprimoradas, essencialmente com base em dados da língua em uso. Com isso, a finalidade desta investigação é fornecer contribuições para o estudo das estruturas correlatas que transmitem valor de alternância, adição, comparação e consequência, em recortes de uso da língua.

Ao refletimos sobre a amplitude dos estudos gramaticais, focalizamos a perspectiva da Gramática Funcional (GF). Neves (2007) e Castilho (2010) entendem essa gramática como uma abordagem que busca unir a teoria da organização gramatical à teoria da interação. Sendo acessível a pressões de uso, ela leva em conta a capacidade que as pessoas têm de, além de codificar e decodificar expressões, usarem e interpretar essas expressões a serviço de suas necessidades comunicacionais.

Assim, a Gramática Funcional tem como princípio fundamental a existência de uma relação não arbitrária entre a instrumentalidade do uso da língua – o funcional – e a sistematicidade da estrutura da língua – o gramatical (MACKENZIE, 1992). Em outras palavras, a gramática funcional visa à explicação das regularidades nas línguas, e através delas, aspectos recorrentes das circunstâncias sob as quais as pessoas interagem verbalmente.

Seguindo os aportes dessa corrente teórica, baseia-se a investigação em dados de fala e escrita, extraídos do *corpus* Discurso & Gramática (D&G – Natal), com vistas a mapear os usos efetivos da língua. Amparados nesse contexto, investigamos, na presente pesquisa, o fenômeno linguístico de correlação, cotejando o tratamento que a abordagem tradicional¹, em autores como Cunha e Cintra, (2001), Cegalla (2008), Bechara (2009) e Rocha Lima (2011), entre outros, lhe dispensam para confrontá-lo com o que pensam autores de gramáticas consideradas funcionalistas, a saber: Castilho (2010), Neves (2011[2000]), entre outros.

Nesse contexto, nosso ponto de partida, de teor essencialmente funcional, assume, com outros autores mencionados adiante, a correlação como mais um processo de articulação

¹ O termo *tradicional* não pretende, em nenhuma passagem deste trabalho, soar como crítica negativa; é somente uma forma de distinguir trabalhos mais vinculados à fortuna histórica da tradição em estudos gramaticais daqueles que têm uma abordagem mais influenciada pela linguística, em especial, a chamada Linguística Funcionalista. Padeceria de realismo, por exemplo, restringir Evanildo Bechara ao rótulo de “tradicional”.

de orações, tanto quanto a coordenação e a subordinação, não se restringindo à visão tradicional que classifica as orações em coordenadas e subordinadas.

Nessa conjuntura, existem orações correlatas que podem ser classificadas como correlatas alternativas, aditivas, comparativas e consecutivas. Respectivamente, apresentamos, a seguir, trechos retirados do *corpus* de análise deste trabalho que demonstram o funcionamento desse fenômeno como um terceiro tipo de arranjo sintático:

(1) [...] tem a Batista ... Presbiteriana ... Assembléia de Deus ... aquela Reino de Deus ... Adventista do Sétimo Dia ... tem todos esses filamentos a serem seguidos ... eu não me conformo quando eu vejo um crente ... um protestante da Assembléia de Deus pregando um Deus grosso ... rude ... que não perdoa ... que ... sabe ... **ou** você segue aquelas coisas que são pregadas ali ... na íntegra ... **ou** você está à margem ... (DF31/D&G/:23 – língua falada);

(2) Do lado da comissão técnica, há interesse **não só** no dinheiro, **mais também** em agradar a terceiros, ou seja, pessoas que agem por trás, que manipulam o técnico, como o próprio presidente da CBF, Ricardo Texeira que buscando também interesses próprios, faz com que o técnico não possa convocar quem ele realmente quer ou escalar o time que ele acha o ideal. (CM26/D&G/:16 – língua escrita);

(3) [...] realmente eu nunca me dobrei pra ele ... sabe? nunca me dobrei ... já com esse meu namorado não ... e às vezes eu penso que vale *mais* a pena a gente ser **como** eu era com o Alexandre **do que** com ... agora com o Tarcísio... (RF19/D&G/:107 – língua falada);

(4) [...] logo em seguida somos bombardeados por uma outra de fraca consistência onde o enredo desemboca numa repetição de temas que, de **tão** explorados, não despertam curiosidade alguma aos telespectadores **que** não vêem outra opção senão assistirem esses maus momentos que a tv brasileira nos oferece. (IM30/D&G/:78 – língua escrita).

Nos exemplos (1), (2), (3) e (4), percebemos o uso de conectores correlativos, ou seja, pares que foram redobrados (*ou... ou; não só... mais também; mais... do que; tão... que*), logo, podemos dizer que na correlação as conjunções vêm em pares, estando cada elemento do par em uma oração. Nesse sentido, observamos que, nas estruturas que dispõem de termos correlatos, ocorre uma relação de prótase e apódose. Conceituamos prótase, de acordo com Câmara Jr. (1981), como uma enunciação que tem como finalidade principal intensificar um elemento e gerar, com ele, uma possibilidade de expectativa que prepara para a enunciação da proposição seguinte, a apódose.

Nesses exemplos, percebemos uma relação de interdependência, característica típica das correlatas. Desse modo, a partir dessas breves observações, já se justifica um estudo mais aprofundado dessas orações, pois elas diferem das coordenadas aditivas/alternativas e das subordinadas comparativas/consecutivas descritas na perspectiva da tradição gramatical.

Pesquisas realizadas, como por exemplo, por Rodrigues (2007) e Rosário (2012), evidenciaram que a correlação constitui um processo autônomo de articulação de orações

tanto quanto a coordenação e a subordinação. Módolo (2008) assevera que as sentenças correlatas apresentam uma dependência entre dois elementos ou expressões conectivas (ex.: *não só... mas também, tão... quanto, quer... quer*, etc.), e explica que um dos elementos se encontra na primeira sentença e o outro na segunda, correlacionando-se, o que difere da articulação tradicional estabelecida por apenas uma conjunção, como ocorre nas sentenças coordenadas e subordinadas.

Nessa perspectiva, este trabalho busca resposta para o seguinte questionamento: quais características das estruturas correlatas aditivas, alternativas, comparativas e consecutivas que as diferenciam das típicas coordenadas e subordinadas?

Nossa hipótese inicial é a de que as estruturas correlatas alternativas, aditivas, comparativas e consecutivas se diferenciam do processo da coordenação e da subordinação, uma vez que apresentam funções particulares, relacionadas à sua constituição estrutural, como também, em relação aos aspectos semânticos e discursivos.

Na tentativa de respondermos a essa indagação, guiamo-nos pelo objetivo geral de descrever o comportamento das estruturas correlatas em situações reais de comunicação e, de maneira mais específica, objetivamos: i) Descrever a quantificação dos conectores correlatos alternativos, aditivos, comparativos e consecutivos; ii) Comparar o comportamento da correlação nas perspectivas tradicional e funcional; iii) Demonstrar que as estruturas correlatas alternativas, aditivas, comparativas e consecutivas apresentam características que as diferenciam das típicas coordenadas e subordinadas; iv) Analisar o comportamento semântico e sintático que envolve essas estruturas dentro da correlação; v) Analisar a prototipicidade dos conectores correlatos, a partir da verificação da presença/ausência de critérios de pertencimento propostos à categoria.

Os objetivos são motivados pelo fato de que apenas a coordenação e a subordinação são vistas, na análise tradicional, como processos de articulação de orações nos períodos compostos. Assim, a correlação, quando considerada, aparece como um subtipo da subordinação e da coordenação. Em relação a esse processo, também na perspectiva funcionalista, consideramos que esse fenômeno ainda não foi suficientemente estudado de maneira aprofundada. Logo, a temática aqui escolhida se faz relevante ao verificarmos que há poucos estudos sobre o fenômeno da correlação como sendo um terceiro tipo de articulação de orações.

No estudo sobre a correlação, consideramos como fundamental a concepção reflexiva sobre o estudo gramatical. Nesse contexto, destaca-se o papel que a perspectiva funcionalista tem, sobretudo na contemporaneidade, ao focalizar a língua não apenas como um sistema

organizado, um esquema fechado, particular, individualizado, mas principalmente como um construto em seu uso, dinâmico em sua funcionalidade.

A fim de atingirmos os objetivos supracitados, sistematizamos o presente trabalho em quatro capítulos, além desta introdução, das considerações finais e das referências. O primeiro capítulo será destinado a esclarecer conceitos do Funcionalismo Linguístico, o qual é pressuposto fundamental para a pesquisa em questão. Além de apresentarmos brevemente a teoria linguística adotada, destacamos o conceito de gramática com base em diversos autores, abordando também o fenômeno da gramaticalização e o princípio da prototipicidade dos itens.

O segundo capítulo, que trata dos processos de estruturação sintática, está dividido em três seções. Na primeira seção, traçamos um estudo de como é visto o processo de estruturação sintática. Na segunda seção, são vistas as estruturas correlatas pela gramática tradicional, fazendo um comparativo entre a coordenação e a subordinação. Na mesma seção, traçaremos como é abordado o processo de articulação de orações para os funcionalistas. Na terceira seção, pontuamos algumas discussões sobre as orações aditivas, alternativas, comparativas e consecutivas.

No terceiro capítulo, apresentamos o recorte de dados detalhadamente, e os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa. Nesse sentido, o capítulo está dividido em quatro seções. Na primeira seção, apresentamos a natureza e tipo de pesquisa. Na segunda, será feita a caracterização do *corpus*. Na terceira, apresentamos como foi realizada a seleção dos dados. E na quarta seção, destacaremos quais critérios serão usados em nossa análise.

Por fim, o quarto capítulo destina-se ao aprofundamento da análise de dados. Neste capítulo, encontraremos os dados das modalidades falada e escrita, de maneira a comprovar nossas hipóteses já elencadas e a atingir os objetivos propostos. Assim, nossa análise está dividida em quatro seções: na primeira, mostraremos a quantificação dos termos correlatos, bem como a sua classificação; na segunda, iremos analisar o fenômeno da correlação nos dados de análise; na terceira analisaremos o processo de gramaticalização em alguns itens correlatos; e, na quarta seção, iremos analisar a prototipicidade dos conectores correlatos.

Diante disso, almejamos contribuir para a descrição dos fenômenos sintáticos da língua, bem como colaborar para os estudos descritivos na área da correlação.

1. A LINGUAGEM DO SÉCULO XX: UMA VISÃO FUNCIONALISTA

Este primeiro capítulo será destinado a apresentar conceitos e contribuições do Funcionalismo Linguístico para pesquisas atuais, a fim de auxiliar o desdobramento e a análise desta pesquisa. Sendo assim, está dividido em quatro seções. Na primeira, apresentamos as noções básicas que constituem a abordagem do Funcionalismo Linguístico. Na segunda seção, delineamos a concepção de gramática para essa corrente teórica. Na terceira, tratamos do fenômeno da gramaticalização, apresentando características, conceitos e seus princípios. Por fim, na quarta, pontuaremos alguns tópicos sobre o princípio da prototipicidade.

1.1 O Funcionalismo Linguístico

O século XX foi marcado por muitas mudanças em relação aos estudos dos fenômenos da linguagem, uma vez que houve o deslocamento do historicismo para o descritivismo, configurando uma nova tendência de analisar as línguas naturais, denominada linguística estrutural ou estruturalismo. Além disso, surge outra proposta, a qual enfatiza que as línguas não podem ser estudadas apenas como estruturas autônomas, dissociadas do uso, tendo em vista que elas existem para estabelecer relações comunicativas entre falantes e ouvintes. Obviamente, estamos nos referindo à perspectiva funcionalista de estudos da linguagem.

Os estudos linguísticos demonstram que a noção de sistema deve-se a Saussure, já que, com ele, se inicia a visão da língua como sistema, defendendo uma prioridade do todo em relação aos elementos que o compõem. Martelotta e Areas (2003, p. 17) explicam que: “O termo sistema mais tarde foi substituído pelo termo estrutura: uma vez aceita a visão de que a língua constitui um sistema – um conjunto cujos elementos agrupam-se num todo organizado – cumpre analisar-lhe a estrutura.”

Assim, podemos dizer que os estudos estavam voltados em analisar sincronicamente a estrutura, logo a análise linguística focava as relações internas que estruturavam os elementos da língua. Em contraponto a essa visão, o Funcionalismo defende que a língua deve ser entendida como um sistema funcional, no sentido de que ela não é usada para si mesma, mas sim para um determinado fim. Nas palavras de Martelotta e Areas (2003, p. 19) o polo funcionalista “a função que a forma linguística desempenha no ato comunicativo tem papel predominante”.

Desse modo, percebemos que o Polo Funcionalista caracteriza-se pela concepção de língua como instrumento de comunicação, que não pode ser analisada como um objeto

autônomo, mas como uma estrutura que está sujeita à mudança, devido às pressões de usos nas diferentes situações comunicativas, uma vez que está a serviço da interação social.

De acordo com Furtado da Cunha (2013, p. 9), na Linguística Funcional:

a sintaxe é compreendida como uma estrutura em constante mutação em consequência das vicissitudes do discurso, ao qual se molda. Ou seja, há uma forte vinculação entre discurso e gramática: a sintaxe tem a forma que tem em razão das estratégias de organização da informação empregadas pelos falantes no momento na interação discursiva.

Posto isto, o Polo Funcionalista não confere autonomia à sintaxe em relação à semântica, já que o discurso e a semântica são considerados como componentes centrais para o estudo da sintaxe. O falante reorganiza a gramática em função do uso e da sua necessidade comunicativa, logo a gramática é afetada pelas experiências dos usuários com a língua.

De maneira geral, o Funcionalismo busca entender para que servem as unidades linguísticas, o que é o mesmo que dizer que o funcionalismo se ocupa, exatamente, das funções dos meios linguísticos de expressão (NEVES, 2007). A autora explica que:

Na tradição desse modelo de ver a linguagem destaca-se um centro condutor de reflexão que é a noção de ‘função’, entendida não apenas como entidade sintática, mas como a união do estrutural (sistêmico) como o funcional. Rejeitando uma preocupação com a pura competência para a organização gramatical de frases, a reflexão se dirige para a multifuncionalidade dos itens, ou seja, para uma consideração das estruturas de expressão das funções a que serve a linguagem, que por natureza é funcional. (2007, p.18)

À vista disso, Neves (2007), ao constituir esse pensamento, observa que as estruturas linguísticas recebem a configuração de função, e as suas diferentes funções são os diferentes modos de significação do enunciado, o que ajuda na comunicação entre usuários de uma língua.

Outro ponto de destaque no Funcionalismo diz respeito a sua gramática, uma vez que ela é “construída” pelo uso. A próxima seção focará essa temática.

1.2 A concepção de gramática para o Funcionalismo

Um das observações feitas nos estudos propostos pela corrente do Funcionalismo refere-se ao fato de que uma Gramática Funcionalista se aplica às diversas línguas e aos diversos tipos de línguas, pois nelas se equilibram o geral e o particular. Nesse sentido, a gramática, para essa teoria, deve ser olhada como o produto instável ou ainda como um sistema de regularidades decorrentes das pressões de uso, que estão ligadas a diversos

interesses e necessidades comunicativas e pragmáticas. A partir disso, se manifesta a chamada *gramática emergente*.

Esse termo foi concebido por Hopper (1987), para referir-se a uma gramática que está em constante evolução, uma vez que, conforme o uso, novas estruturas gramaticais se desenvolvem. Em vista disso, ou seja, em decorrência da frequência de uso, a regularidade da gramática é instável, e nunca completa. Nesse caso, Tavares (2012, p. 33) explica que:

[...] a gramática é um repertório de construções linguísticas que, outrora, representavam estratégias retóricas criativas expressivas para a constituição do discurso, mas que, devido à alta frequência de uso, acabam se tornando rotinizadas, convencionizadas, passando assim, a fazer parte da gramática.

Para tanto, a gramática redefinida por Hopper (1987) é amparada nos usos discursivos e corresponde a uma organização cognitiva que está relacionada com as experiências passadas individuais de ativação discursiva do sujeito falante. O linguista explica que, quando o sujeito fala, aciona cognitivamente um conjunto de experiências passadas de uso de certas construções. Diante disso, podemos afirmar que a gramática, para Hopper (1987), se opõe à perspectiva de uma gramática como sistema abstrato e unificado de regras e princípios.

Nesse seguimento, a gramática é vista como um produto social, assim como o discurso. Hopper (1987) expõe que a noção de frequência, regularidade ou rotinização é uma noção-chave na defesa teórica de uma gramática a emergir do discurso. Logo, é a união da difusão sistemática da frequência com certas distribuições de formas. Tavares (2012, p. 34) esclarece que o discurso:

Pode ser definido como um mosaico sempre provisório, que é composto pela organização em andamento de construções lexicais e gramaticais concatenadas e encaixadas umas nas outras, sob influência de uma gama de fatores que condicionam cada situação discursiva (fatores cognitivos, comunicativos, sociais, estilísticos, etc.)

Portanto, na constituição do discurso, temos, de um lado, a repetição de construções gramaticais que já estão rotinizadas, sendo intensificada cada vez mais sua regularização. De outro lado, temos a gramática que pode emergir diferente cada vez que for usada, uma vez que “as construções gramaticais são suscetíveis ao rearranjo e à remodelação a cada situação comunicativa.” (TAVARES, 2012, p.34)

Vale ressaltar que as adaptações e negociações se dão a partir de experiências anteriores de cada interlocutor com o uso das construções gramaticais em situações de interação variadas. Assim, as experiências do falante e do ouvinte com a língua são

particulares, tendo em vista que: “podem ser distintas em diversos graus, eles têm de se esforçar para se fazer entender e para tentar entender, negociando e adaptando funções e formas para levar sua interação linguística adiante, o que instiga a mudança” (TAVARES, 2012, p.35).

Dessa maneira, é interessante mencionar a importância da frequência de uso, tendo em vista que é um fator que age no estabelecimento e na manutenção da gramática, pois possibilita a criação de novas construções. Sendo assim, a gramática é adaptada para o uso diário da língua e é por ele constantemente reconfigurada.

É relevante chamar atenção para o fato de que a gramática, na perspectiva emergente, não abriga apenas construções tradicionalmente consideradas pertinentes ao âmbito gramatical, já que:

quaisquer porções linguísticas recorrentes como expressões, idiomáticas, provérbios, clichês, fórmulas, sintagmas especializados, transições, aberturas, fechamentos. Tais elementos tendem à rotinização e à fixação, e são sujeitas às pressões contextuais como todas as construções gramaticais. HOPPER (1987 *apud* TAVARES, 2012 p.144)

Logo, podemos dizer que esses fatores fazem com que a gramática não seja vista como fechada, autocontida, mas sim aberta, vigorosamente passível à mudança e afetada pelos usos reais de interação. Nessa conjuntura, Hopper (1987) assegura que o processo de constituição da gramática é constante, gradual e sempre dirigido pelo discurso.

A partir de algumas definições sobre *Gramática Emergente*, concluímos que a gramática para o Funcionalismo é organizada por um conjunto de regras que são observadas nos usos dos componentes linguísticos, as quais assomam do discurso. Assim, adota-se, nesse paradigma, um modelo de gramática dinâmico, cujo “estatuto vai sendo constantemente negociado na fala, não podendo, em princípio, ser separada das estratégias de construção do discurso” (HOPPER, 1988, p.118 *apud* CASTILHO, 2010, p. 138).

Para Halliday (1985, p. 28-29), as gramáticas formais se opõem às funcionais porque, assentadas na lógica e na filosofia, têm uma orientação primariamente sintagmática. As funcionais, por seu lado, assentadas na retórica e na etnografia, são primariamente paradigmáticas. As diferenças entre essas duas correntes da gramática são apontadas por Halliday, do modo como demonstrado no Quadro 01, a seguir:

QUADRO 01: Diferença entre a gramática formalista e a gramática funcionalista

Gramática formalista	Gramática funcionalista
Orientação primariamente sintagmática	Orientação primariamente paradigmática
Interpretação da língua como um conjunto de estruturas entre as quais podem ser estabelecidas relações regulares	Interpretação da língua como uma rede de relações: as estruturas como interpretação das relações
Ênfase nos traços universais da língua (sintaxe como base: organização em torno da frase)	Ênfase nas variações entre línguas diferentes (semântica como base: organização em torno do texto ou discurso)

Fonte: (HALLIDAY,1985, *apud* NEVES, 1997).

Assim sendo, há uma implicação nas escolhas entre os termos do paradigma, com a ideia de que escolha produz significado. Logo, “a gramática funcionalista é o mecanismo linguístico que liga as seleções significativas - umas às outras - que derivam das várias funções da linguagem, e as realiza numa forma estrutural unificada” (HALLIDAY, 1973, p. 364). Ou seja, a gramática organiza as opções em alguns conjuntos dentro dos quais o falante faz seleções simultâneas, seja qual for o uso que esteja fazendo da língua.

A partir daí, os componentes fundamentais do significado na língua são os componentes funcionais. De tal modo, de acordo com Halliday (1985), todas as línguas são organizadas em torno de dois significados principais: o "ideacional", ou reflexivo, e o "interpessoal", ou ativo. Esses componentes, as *metafunções* da teoria de Halliday, são as manifestações, no sistema linguístico, dos dois propósitos mais gerais que fundamentam todos os usos da linguagem: entender o ambiente (ideacional) e influir sobre os outros (interpessoal). Associado a esses dois, o terceiro componente metafuncional, o "textual", lhes confere relevância.

De acordo com essa concepção, cada elemento, numa língua, é explicado por referência à sua função no sistema linguístico total. Nesse sentido, uma gramática funcional é a que constrói todas as unidades de uma língua – suas orações, suas expressões – como configurações orgânicas de funções e, assim, tem cada parte interpretada como funcional em relação ao todo.

Dik (1978) concebe a linguagem como o componente da competência comunicativa do homem que o habilita a estabelecer relações comunicativas por meio das expressões. Consequentemente, uma teoria da gramática não deve contentar-se em expor as regras da língua como uma finalidade em si, mas deve tentar o quanto possível, explicar essas regras em termos de sua funcionalidade em relação aos modos como são usadas e em relação aos propósitos desses usos.

A gramática funcional para Dik (1978) é uma relação de componentes integrados. Este autor inclui a pragmática na concepção de gramática desde os seus primeiros trabalhos:

A própria função referencial da linguagem é considerada como uma ação pragmática, cooperativa: um falante quer levar um destinatário a deduzir uma mensagem coerente a partir do conhecimento dos significados codificados nos signos, do conhecimento da situação e do conhecimento do mundo em consideração, isto é, a partir da informação pragmática (DIK, 1978, p. 128, tradução nossa)².

Logo, a gramática funcional consiste numa teoria funcional da sintaxe e da semântica, a qual só pode ter um desenvolvimento satisfatório dentro de uma teoria pragmática, isto é, dentro de uma teoria da interação verbal. Requer-se dela, pois, que seja "pragmaticamente adequada" (DIK, 1978, p. 6), embora se reconheça que a linguagem necessita de arranjos sintáticos para funcionar.

Neves (1997) defende que a gramática funcional é uma teoria geral da organização gramatical de línguas naturais que procura integrar-se em uma teoria global de interação social. Nessa teoria, se aceita que as relações entre as unidades e as funções têm prioridades sobre seus limites e sua posição, entendendo-se a gramática como acessível às pressões do uso. Dessa forma, Neves (1997, p.15) explica que:

Quando se diz que a gramática funcional considera a competência comunicativa, diz-se exatamente que o que ela considera é a capacidade que os indivíduos têm não apenas de codificar e decodificar expressões, mas também de usar, interpretar essas expressões de uma maneira interacionalmente satisfatória.

Em outras palavras, a gramática funcional para Neves visa explicar que os falantes, além de codificar e decodificar as expressões usam a língua conforme as suas necessidades comunicativas.

Outro ponto relacionado à gramática é sua relação com a cognição, podendo haver diversos modelos, realçando diferenças no seio dessa relação. Givón (1995) fixa-se particularmente no postulado da não autonomia do sistema linguístico, na concepção da estruturação interna da gramática como organismo que unifica sintaxe, semântica e pragmática e no exame dos aspectos icônicos da gramática.

Assim, para Givón (1995 *apud* NEVES, 2007), a língua não pode ser descrita como um sistema autônomo porque a gramática só pode ser entendida por referência a parâmetros

²Texto original: The referential function of language itself is considered as a pragmatic action, cooperative: a speaker wants to lead a recipient to deduce a correct message from the knowledge about the coded means in signs, from the situational knowledge and knowledge of the world, taking consideration, thus, from pragmatic information (DIK, 1978, p. 128)

como cognição e comunicação, processamento mental, interação social e cultura, mudança e variação, aquisição e evolução.

Givón (2012) considera a existência de uma correlação icônica entre o ‘empacotamento’ cognitivo e o ‘empacotamento’ gramatical. Entretanto, reconhece a possibilidade de que, sem que isso implique diferenças profundas na cognição do evento, as diversas línguas apresentam diferenças na codificação estrutural de um mesmo evento ou na codificação de semelhantes tarefas do processamento de fala. Isso se deve ao fato de haver diferentes recursos à disposição do falante nas diferentes línguas.

De acordo com Neves (1997), em um modelo cognitivista da gramática, a estruturação das categorias linguísticas se faz dentro dos mesmos princípios que orientam a estruturação de todas as categorias humanas, por exemplo, as perceptuais. Para tanto, supõe-se que a teoria gramatical deve ser capaz de dar conta das relações entre as categorias linguísticas e as categorias cognitivas, considerando uma relação icônica entre os sistemas.

Diante desse contexto, no Funcionalismo se abrigam alguns temas de grande relevância para o estudo da linguagem, dentre eles, o estudo da gramaticalização e seus desdobramentos, os quais serão tratados na próxima seção.

1.3 O fenômeno da gramaticalização

A concepção de língua como sendo algo homogêneo e estático foi, de há muito, rompida, uma vez que o avanço dos estudos da linguística vêm ao encontro de uma visão de língua como um sistema heterogêneo e mutável. Assim sendo, dentre os vários processos de mudança linguística, a gramaticalização é considerada um dos mais comuns que se tem observado nas línguas.

O estudo do fenômeno da gramaticalização desenvolveu-se, na Linguística Funcional Norte-Americana, a partir dos anos de 1970, quando houve um resgate do papel das transformações que sofreram os elementos linguísticos. Entretanto, Gonçalves *et al.* (2007) expõem que as primeiras considerações sobre o fenômeno da gramaticalização devem-se ao francês Antoine Meillet, figura central nos estudos sobre o tema, uma vez que foi o primeiro a usar o termo *gramaticalização* para se referir ao processo em que uma palavra autônoma passa a ter uma função gramatical, embora as noções de gramaticalização já existissem no século X.

Heine *et al.* (1991, p. 3) formulam um dos conceitos clássicos de gramaticalização: “A gramaticalização consiste no aumento do percurso de um morfema que avança do léxico para a gramática ou de um estado menos gramatical para um estado mais gramatical³.”

Gonçalves *et al.* (2007) explicam que nos estudos realizados por Meillet tinha-se, primeiramente, a ideia de gramaticalização como uma ferramenta da linguística histórica, que buscava dar conta das origens e mudanças que envolviam os morfemas gramaticais, assim complementando o campo da etimologia e da evolução das palavras. Entretanto, estudos realizados pelo autor comprovaram a possibilidade de a gramaticalização ser concebida também como processo sincrônico.

Neves (1997) abraça a definição clássica ao afirmar que a gramaticalização é um processo dinâmico, histórico (mas também sincrônico) e unidirecional, no qual parte-se de uma unidade menos gramatical para uma mais gramatical. A pesquisadora explica algumas consequências da gramaticalização: o caráter regularizador do processo, o aumento da previsibilidade e a maior sujeição do falante às regras do sistema:

Trata-se da passagem de menor para maior regularidade, e de menor para a maior previsibilidade; e, afinal, no percurso de uma regularização, trata-se de uma passagem que torna o falante, num determinado ponto enunciado, mais sujeito a determinações do sistema, e menos livre para escolhas nas quais possa exercer sua criatividade. (NEVES, 1997, p. 129).

Sendo assim, o processo de gramaticalização implica na codificação dos usos econômicos da língua para aquelas funções da linguagem que os falantes mais utilizam, portanto, a gramaticalização está relacionada com as necessidades comunicativas do contexto em que o falante está inserido.

De acordo com Gonçalves *et al.* (2007, p. 16), a gramaticalização pode ser considerada paradigma ou processo. Ela é paradigma se “observada num estudo de língua que se preocupe em focalizar a maneira como formas gramaticais e construções surgem e como são usadas.” Além disso, é processo se “se detiver na identificação e análise de itens que se tornam mais gramaticais.”

Ainda conforme Gonçalves *et al.* (2007, p. 16), a gramaticalização pode ser entendida tanto sob a perspectiva sincrônica quanto diacrônica. Para os autores, será diacrônica se “a preocupação do estudo estiver voltada para a explicação de como as formas gramaticais surgem e se desenvolvem na língua” e será sincrônica se o enfoque for a “identificação de

³ Texto original: The grammaticalization consists of increasing the path of a morpheme that moves from the lexicon to the grammar or from a less grammatical state to a more grammatical state.

graus de gramaticalidade que uma forma linguística desenvolve a partir dos deslizamentos funcionais a ela conferidos pelos padrões fluidos de uso da língua, portanto, sob um enfoque discursivo-pragmático”.

Givón (1995) assevera que o processo de gramaticalização pode ser verificado tanto diacronicamente quanto sincronicamente. Ele justifica que isso pode ocorrer pelo fato de que uma construção linguística pode ampliar-se gradativamente no tempo, passando por estágios diversos até chegar a uma gramaticalização plena, resultando, assim, em um processo diacrônico.

Em contrapartida, do ponto de vista cognitivo, a gramaticalização é um processo instantâneo, envolvendo um ato mental pelo qual uma relação de similaridade é reconhecida, ou seja, um item lexical, em determinado contexto, pode ter um uso gramatical. Visto sob essa ótica, constitui-se em um processo sincrônico.

Hopper e Traugott (1997) explicam que uma estrutura em processo de gramaticalização segue um *cline* de mudança, ou seja, percorre uma linha de evolução: vai de um “item de conteúdo”, passando pelas categorias “palavra gramatical” e “clítico”, chegando, por fim, à categoria “afixo flexional”.

Esses autores também mostram que os estudos sobre a gramaticalização podem ser observados tanto sob uma perspectiva diacrônica quanto sincrônica. E evidenciam que, em uma abordagem sincrônica, a gramaticalização é entendida como um fenômeno morfossintático discursivo. Já por uma perspectiva diacrônica, podemos observar em que estágios da língua itens lexicais tornaram-se gramaticais e quais itens gramaticais tornaram-se mais gramaticais ainda. Ou seja:

A perspectiva diacrônica (ou histórica) investiga as fontes das formas gramaticais e os tipos de caminhos de mudança que os afetam. A partir dessa perspectiva, a gramaticalização é conhecida como um conjunto de mudanças linguísticas através das quais um item lexical, em certos usos, torna-se mais gramatical. A perspectiva sincrônica, por sua vez, vê a gramaticalização como primariamente um fenômeno sintático, discursivo-pragmático, a ser estudado do ponto de vista de modelos fluidos de uso linguístico. HOPPER & TRAUGOTT, (1993, *apud* ROSÁRIO, 2014, p. 39).

Pelo exposto, percebemos que a gramaticalização ocorre na linha diacrônica quando um item lexical restringe-se em autonomia semântica e, em certos usos, torna-se gramatical, enquanto que o modelo sincrônico de gramaticalização é visto como um fenômeno sintático, discursivo-pragmático, considerando-se que ele é instantâneo e já ocorre no interior da própria gramática.

Lehmann (1995[1982]) entende a gramaticalização como um processo de morfologização. A gramaticalização tanto pode levar um item de uma categoria lexical a uma gramatical, quanto de uma categoria menos gramatical para uma mais gramatical. Na mesma linha, contribuíram Heine *et al.* (1991 *apud* GONÇALVES, 2007, p 23) ao afirmarem que a gramaticalização é:

[...] um processo que pode ser encontrado em todas as línguas conhecidas e que pode envolver qualquer tipo de função gramatical, quando uma unidade lexical assume uma função gramatical, ou quando uma unidade gramatical assume uma função ainda mais gramatical.

Completando esse pensamento, Furtado da Cunha (2003, p. 173) já asseverava que a tendência é que esse processo ocorra com itens ou expressões muito frequentes, “o que faz com que o termo normalmente sofra desgaste fonético, perdendo assim, expressividade”.

Desde que a gramaticalização se difundiu como paradigma, manifestou-se a ideia de que o discurso motiva as transformações que os elementos linguísticos sofrem e que essas transformações apresentam uma unidirecionalidade. Nesse contexto, de acordo com Martelotta (2011, p.92), a gramaticalização é definida como:

Um processo de mudança linguística unidirecional, segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais.

Em síntese, existem diversos mecanismos de renovação das línguas. A gramaticalização é um desses processos de mudança do sistema linguístico. Por meio desse mecanismo, o falante molda a gramática de sua língua, motivado pela sua necessidade de expressão.

Após termos alçado alguns conceitos sobre a gramaticalização, podemos defender que a passagem de um item linguístico de um estágio para o outro é instanciada pelo atendimento de princípios de alguns mecanismos reveladores da regularização, os quais serão tratados na próxima seção.

1.3.1 Princípios, parâmetros e mecanismos de gramaticalização

Para Hopper (1991), a gramática de uma língua é sempre emergente, uma vez que sempre estão surgindo novas funções/valores/usos para formas já existentes, e, nesse processo de emergência, verificável a partir de padrões fluidos da linguagem, é possível reconhecer graus variados de gramaticalização que uma forma vem assumir nas novas funções que passa a executar.

Ainda de acordo com Hopper (1991), a gradação de abstraticidade pela qual passa o processo de mudança linguística envolve a relação entre aspectos sincrônicos e diacrônicos com processos pragmático-discursivos. Isso ocorre porque, segundo o estudioso, a realização da fala é manifestada a partir dos propósitos comunicativos do falante, com a expressão de ideias novas para representar conceitos concretos e conhecidos, o que visa à facilitação da compreensão do ouvinte. Nesse sentido, o linguista propõe cinco princípios que conduzem a gramaticalização e que são aplicáveis a qualquer processo de mudança linguística: estratificação, divergência, especialização, persistência e descategorização.

O princípio da *estratificação* ocorre porque a gramaticalização gera novos itens, que desempenham funções nas quais coexistem e competem com as formas antigas. Sendo assim, no transcorrer do tempo, formas que exercem a mesma função no mesmo contexto tendem à eliminação de concorrentes, embora isso não seja regra categórica. Nesse sentido, Vitral *et al.* (2010, p. 206) afirmam que na relação de estratificação ocorrem fenômenos de variação estável no sentido laboviano do termo, uma vez que as formas:

Podem persistir por tempo indeterminado ou, a partir de certo momento, começar a se desenvolver na direção de eliminar uma das formas equivalentes. Talvez ilustre esta última opção o caso da forma composta do pretérito mais-que-perfeito, com o auxiliar *ter*, fruto de gramaticalização, que parece tender a substituir de maneira completa a forma *simples*.

Sendo assim, ligada ao processo de gramaticalização, e que pode ser um fator determinante para que itens coexistentes se tornem concorrentes, encontra-se também a frequência de uso desses itens linguísticos. Como exemplo desse princípio, podemos citar a variação entre *nós* e *a gente* ou entre *tu* e *você* que confirmam tal coexistência.

O princípio da *divergência* refere-se à permanência do item lexical original convivendo de forma autônoma ao lado da forma gramaticalizada, embora divirjam funcionalmente. Como exemplo desse princípio, podemos observar a relação do nome *mente* (ex.: *a mente do adolescente*), que, como sabemos, diverge funcionalmente do sufixo - *mente* formador de advérbios (ex.: *ele foi felizmente aprovado*).

O princípio *especialização* relaciona-se com a frequência de uso. Assim, o elemento linguístico vai-se tornando mais recorrente em dado contexto e se especializando em desempenhar a função realizada por outro. Se, por exemplo, considerarmos o uso da forma pronominal *a gente*, notaremos que o processo de gramaticalização pelo qual passou levou-a a especializar-se como pronome de primeira pessoa do plural, e isso acontece de modo a

suplantar o pronome *nós*. Nesse mesmo sentido, mais uma vez, uma das formas tende a desaparecer (ao menos em contexto específico da língua) pela concorrência de outra.

Por sua vez, pelo princípio da *persistência*, notamos que algum traço da palavra-fonte permanece no seu novo uso na língua. Nas palavras de Gonçalves *et al.* (2007, p. 83), é o princípio que “prevê a manutenção de alguns traços semânticos da forma-fonte na forma gramaticalizada”. Desse modo, o item lexical *gente*, que implica um número plural na função de substantivo coletivo, ao passar a pronome, pela forma *a gente*, mantém esse traço, isto é, faz referência a vários seres.

Quanto ao princípio da *descategorização*, os itens perdem os traços da categoria em que eram reconhecidos originalmente. Por exemplo, formas plenas, como nomes e verbos, perdem a sua flexibilidade formal e sintática, e passam a exercer funções das formas mais gramaticalizadas. A forma *a gente*, diferentemente da forma original, passou a se correlacionar a adjetivos no masculino ou feminino em estruturas predicativas a depender do gênero do referente (*a gente* está bonita – referência exclusiva a mulheres / *a gente* está bonito – referência mista, genérica ou a homens).

Considerando os cinco princípios elencados por Hopper (1991), podemos assegurar que eles acentuam o caráter gradual da gramaticalização, uma vez que conferem aos elementos analisados o grau de “mais” ou “menos” gramaticalizados. Portanto, a verificar se eles pertencem ou não à gramática, ou seja, esses princípios não discriminam os processos de mudança que resultam em gramaticalização e os que não resultam.

Outros estudos, como a proposta de Lehmann (1995[1982]), visam a determinar o grau de autonomia de formas em estágio mais avançados de gramaticalização. Nesse seguimento, para contemplar os efeitos da gramaticalização de um item a partir dos eixos paradigmáticos e sintagmáticos, o autor propõe seis parâmetros, que pretendem aferir a de autonomia de um item, o que, por consequência, mede o grau de gramaticalidade, tendo em vista que a autonomia de um item é postulada inversamente proporcional a seu estatuto de gramatical.

O primeiro parâmetro paradigmático é o da *integridade*, que se refere ao tamanho substancial de um signo, tendo em vista sua carga semântica e fonológica. A perda da integridade semântica e fonológica demonstra o avanço do item rumo à gramaticalização. Exemplificando, podemos verificar o funcionamento dos verbos auxiliares, os quais têm seu conteúdo semântico esvaziado, quando comparado com o uso como verbos plenos. Para ficar mais claro, vejamos Gonçalves *et al.* (2007, p. 73): “Ler no escuro pode *danar* a vista/ *danou-se* no espinho da roseira.” No exemplo, observamos que o primeiro verbo é usado em um

sentido mais abstrato, codificando aspecto inceptivo, enquanto que o segundo é usado no sentido mais concreto.

O parâmetro da *paradigmaticidade* tem a ver com a relação de um item com os demais itens do seu paradigma. Quanto maior a integração de um item no seu paradigma, maior seu grau de gramaticalização. Assim, deve-se levar em consideração a integração formal e semântica de um paradigma como um todo e a integração formal e semântica do item em análise. Por exemplo, os verbos da família de *começar* indicam que de verbos plenos, passam a constituir perífrases aspectuais marcando aspecto inceptivo, logo, aparecem em usos mais gramaticalizados em relação às formas-fonte de que se originam. Nesse sentido, quando comparado o paradigma dos verbos plenos ao dos auxiliares, nota-se que os verbos plenos estabelecem um paradigma aberto, enquanto que os auxiliares estabelecem um paradigma fechado e mais coeso.

O parâmetro da *variabilidade paradigmática* diz respeito à obrigatoriedade de uso de um item dentro do universo do seu paradigma. Quanto menor a possibilidade de uso de outro item no lugar daquele que está se gramaticalizando, mais avançado é o grau de gramaticalização. Como por exemplo, desse parâmetro Gonçalves *et al.* (2007, p. 75) chamam a atenção para as perífrases aspectuais que marcam aspecto inceptivo, verbos como *botar, danar, desandar, dar, entrar, pegar, por e principiar*, que podem admitir várias perífrases. “O meu coração se põe a cantar./ O meu coração *começa/dana/desanda/entra/pega/principia/se bota* a cantar.”

Além desses três parâmetros do eixo paradigmático, o quarto parâmetro elencado por Lehmann (1995[1982]) está no eixo sintagmático e é chamado de *escopo*, referindo-se à extensão da relação do item com a construção na qual se insere. O grau de gramaticalização de um item aumenta quando ele deixa de se relacionar com constituintes de complexidade arbitrária para se relacionar com palavra ou radical. Nesse cenário, o item passa da relação com constituintes de complexidade arbitrária para a relação com palavra ou com radical, como por exemplo, os casos das alternantes aspectuais de inceptividade.

O parâmetro da *conexidade* diz respeito ao grau de coesão ou dependência de um item com outro. Quanto maior for o grau de fusão, maior o grau de gramaticalização. Podemos verificar esse parâmetro no uso do verbo epistêmico *achar*, tendo em vista que possui uma posição mais fixa no interior da frase. Ele se relaciona especificamente com o pronome que. Como por exemplo, “Eu *acho* até *que* é bom falar.”

Por fim, o parâmetro da *variabilidade sintagmática* se relaciona com a liberdade de movimentação de um item na construção de que faz parte. Quanto menor for à mobilidade,

maior é o grau de gramaticalização. Assim, podemos verificar esse parâmetro na mobilidade que alguns verbos, como *achar*, apresentam no sintagma. Observando as proposições apresentadas por Lehmann (1995[1982]), averiguamos que esses seis parâmetros são diferentes quanto às funções específicas envolvidas nos canais de gramaticalização. Em relação à correlação e à dependência desses parâmetros, eles são teoricamente dependentes um do outro.

Por sua vez, do ponto de vista cognitivo, considerando-se a natureza dos processos que fazem da expressão linguística uma capacidade humana, Bybee (2010) defende que processos cognitivos de domínio geral possibilitam aprender aspectos mais gerais da língua, tornando observável sua relação com outros domínios e sua consequente caracterização como um sistema adaptativo complexo.

Nessa conjuntura, dentre os processos de domínio geral que estão na base do uso da língua, Bybee (*apud* OLIVEIRA, 2013, p.149) apresenta cinco processos linguísticos que são:

- a) Categorização: propriedade cognitiva em reconhecer e associar entidades por semelhança, em representar e agrupar por meio de traços comuns.
- b) Encadeamento (*chunking*): vinculação de sentido e forma de constituintes, na formação de unidades complexas.
- c) Memória enriquecida: estocagem de detalhes da experiência com a língua, envolvendo conhecimento gramatical, semântico e pragmático dos usos linguísticos.
- d) Analogia: produção de enunciados com base em outros já produzidos, que servem de modelo para novos.
- e) Associação transmodal: experiências co-ocorrentes tendem a ser associadas em termos cognitivos.

Vale salientar que embora estes processos adotem uma conduta pelo paradigma Construcional Funcionalista, função e forma (função = forma), chamamos atenção para a relação dialógica que tais processos têm com os princípios apontados por Hopper e Lehmann para a avaliação do grau de gramaticalização dos itens linguísticos.

Finalizada essa explanação sobre alguns princípios e parâmetros considerados importantes para os critérios de gramaticalização, na próxima seção, serão apresentadas algumas considerações sobre o princípio da unidirecionalidade, no qual identifica-se o trajeto funcional percorrido por um item, teoricamente sempre de um estágio mais concreto para outro mais abstrato.

1.3.2 Princípio da Unidirecionalidade

O processo de gramaticalização é normalmente caracterizado como unidirecional no sentido de que os elementos representacionais se tornam gramaticais e não o contrário.

Gonçalves *et al.* (2007) definem o princípio da Unidirecionalidade como uma regra geral que identifica um fenômeno. Os autores reconhecem esse princípio fundamental da gramaticalização, que pode ser observado por meio dos mecanismos atuantes no processo.

Dessa maneira, para Traugott (1988), o conceito importante para a unidirecionalidade é a noção de *continuum*, que pode ser usada para mostrar a transição entre as classes de palavras, como por exemplo, a passagem de advérbios a conectivos oracionais.

Esse *continuum* também foi observado por Traugott e König (1991 *apud* GONÇALVES *et al.*, 2007, p. 39) na passagem entre categorias semânticas, como o deslizamento de um valor temporal a causal.

Muitos trabalhos estudam as categorias cognitivas a fim de explicar as transformações funcionais das palavras, a exemplo da ordenação proposta por Heine *et al.* (1991): Pessoa > Objeto > Processo > Espaço > Tempo > Qualidade. Essa sequência acarreta que as mudanças são operadas da esquerda para a direita e, nesse caso, de categorias cognitivas mais próximas do indivíduo [+concretas], para categorias mais distantes dos indivíduos [-concretas].

Hopper e Traugott (1997) explicam que nessa linha de categorias, as transformações ocorrem em uma única direção: das categorias cognitivas mais próximas do indivíduo para as mais distantes. As mudanças ocorrem de um estágio A para um estágio B, jamais de B para A.

Os teóricos definem a unidirecionalidade enfatizando a especificidade dos contextos discursivos que propiciam a gramaticalização e afirmam que a passagem de [lexical] > [gramatical] não é direta. Gonçalves *et al.* (2007) esclarecem que

[...] a escala [item lexical usado em contextos linguísticos específicos] > [sintaxe] > [morfologia] representa que itens lexicais que se tornam gramatizados cumprem, primeiramente, funções necessariamente discursivas, tornando-se em seguida sintaticamente fixos e, posteriormente, vindo a construir um morfema.

Sendo assim, existe uma relação entre os estágios A e B, em que A ocorre antes de B, mas não o inverso.

Martelotta (2010, p. 141) argumenta que a unidirecionalidade se deve principalmente a forças dinâmicas que atuam no processo comunicativo, e alerta que isso não impede que outros mecanismos de natureza “eminente sintática” sejam ativados.

Isto posto, a percepção de ocorrência do princípio da unidirecionalidade, corrobora a noção de que os itens, ao se gramaticalizarem, passam de um estágio mais concreto para outro estágio mais abstrato. Finalizada essa explanação sobre o princípio da unidirecionalidade, na próxima seção, serão apresentadas algumas considerações sobre a iconicidade.

1.3.3 Princípio da Iconicidade

Um dos princípios mais discutidos em relação à gramaticalização é o princípio da iconicidade, entendido como “a correlação natural e motivada entre forma e função, isto é, entre código linguístico (expressão) e seu significado (conteúdo).” (MARTELOTTA, 2011, p. 167)

Nesse sentido, os linguistas funcionais defendem a ideia de que a estrutura da língua reflete de alguma maneira, a estrutura da experiência, pois a linguagem é uma faculdade humana. O linguista explica que “a suposição geral é de que a estrutura linguística revela o funcionamento da mente, bem como as propriedades da conceitualização humana do mundo.” (MARTELOTTA, op. cit., p. 167)

Givón (1990) proveu um argumento essencialmente icônico para a gramaticalização e sua unidirecionalidade. O autor argumentou que relações semânticas estão associadas aos padrões formais usados para expressá-las. Assim, levantou a hipótese de que a informação lexical de caráter representacional tende a ser expressa por formas plenas estruturalmente mais complexas; também, que os elementos de valor gramatical, por não possuírem função representacional, não apresentam informações semanticamente imprescindíveis, e, por isso, sofrem erosão mais facilmente.

Nessa perspectiva, Givón (1990) propõe a existência de subprincípios de iconicidade. Em sua versão mais branda, o princípio da iconicidade se manifesta em três subprincípios, que se relacionam à quantidade de informação, ao grau de integração entre os constituintes da expressão e do conteúdo e à ordenação sequencial dos seguimentos.

O subprincípio da *quantidade* determina que, quanto maior a quantidade de informação, maior a quantidade da forma, de tal modo que a estrutura de uma construção gramatical indica a densidade do conceito que ela expressa.

O subprincípio da *integração* prevê que os conteúdos que estão mais próximos cognitivamente também estarão mais integrados no nível da codificação – o que está próximo mentalmente coloca-se próximo sintaticamente.

Há, ainda, o fenômeno da iconicidade relacionado à ordenação dos elementos na cadeia sintática. Sendo assim, temos os subprincípios de *ordenação sequencial*. O primeiro deles é o *subprincípio da ordenação linear*, segundo o qual a ordem das orações no discurso tende a espelhar a sequência temporal em que os eventos descritos ocorram. O segundo é o *subprincípio da relação entre ordem sequencial e topicalidade*, nesse caso temos uma conexão entre o tipo de informação veiculada por um elemento da cláusula e a ordenação que ele assume.

Em suma, podemos entender o princípio da iconicidade como uma motivação para os fenômenos linguísticos ocorrerem de uma forma ao invés de outra, ou seja, como uma inclinação oposta a uma concepção de que as línguas seriam caracterizadas pela arbitrariedade. Concluída essa síntese sobre a iconicidade, serão apresentadas na próxima seção uma breve contextualização sobre a teoria dos protótipos.

1.4 A teoria dos protótipos

A teoria dos protótipos representa uma tentativa de superar as dificuldades apresentadas pela teoria clássica de classificação das palavras. Silva (2005) explica que essa teoria foi caracterizada por Aristóteles, para o filósofo grego cada palavra pertence a uma determinada classe. Assim,

as classes gramaticais são discretas e possuem propriedades inerentes, tal como se encontra na tradição gramatical. A essa classificação aristotélica se opõe a categorização natural de Wittgenstein, que reivindica limites imprecisos para as classes, cujos elementos se integram em diferentes graus. (SILVA, 2005, p. 64)

Nesse sentido, Silva (2005, p. 64) destaca que “os protótipos se impõem como os membros centrais das categorias de nível básico, o que significa que existem atributos mais centrais – ou prototípicos – que outros”.

Silva (2005), em seu estudo, elenca critérios para determinar a prototipicidade de elementos contrastivos, uma vez que existem itens que possuem mais atributos ([+] prototípicos de uma categoria do que outros [-] prototípicos. Os critérios são: 1. Ocupar posição fixa na fronteira das orações; 2. Ser passível de conectar termos; 3. Ratificar e ressaltar o valor contrastivo das informações e, 4. Apresentar alto índice de frequência.

O uso desses critérios foi de fundamental importância para destacar os itens mais e menos prototípicos dentro da categoria dos elementos contrastivos, além de servirem de suporte para a criação de critérios adequados para informar a prototipicidade das construções correlatas aqui estudadas.

Neves (2007) explica que a noção de protótipo parte da relação entre cognição e gramática. Ela comenta que o membro que possui o maior número de propriedades que bem caracterizam uma categoria, portanto, o protótipo, determina a classificação dos demais membros dessa categoria. Sendo assim, a categoria decorre:

Das relações associativas entre os diversos referentes, não sendo necessariamente postulada uma entidade central que a represente. Como mostra Kleiber (1988), essa é, na verdade, uma ‘versão ampliada’ da semântica do protótipo, a qual sucedeu a uma versão padrão, que apresentou duas fases: na primeira, o protótipo é entidade

central em torno da qual se organiza a categoria, situando-se no centro aqueles exemplares que têm maior semelhança com o protótipo, e na periferia os que têm menor semelhança (o protótipo é o melhor exemplar da categoria, para o falante, e a análise semântica representa associar-se um vocábulo a um referente, na determinação do protótipo); na segunda fase, o protótipo é visto como uma entidade cognitivamente construída com base nas propriedades típicas da categoria (pode-se, ainda, falar de um melhor representante ou exemplar da categoria, mas apenas com base no conjunto das propriedades que representam da melhor forma a categoria. (NEVES, 2007, p. 22)

De maneira semelhante à de Neves (2007) em relação à prototipicidade, Taylor (1989) já utilizava o conceito de *protótipos*, como forma de referenciar a categorização de exemplares não tão claros de uma determinada categoria. Com isso, de acordo com o pesquisador, as categorias são caracterizadas a partir de seus atributos. Logo, esses atributos, são distribuídos por todos os membros de uma categoria. Taylor (1989) esclarece que membros [+ prototípicos] de uma categoria compartilham mais atributos, enquanto membros [- prototípicos] compartilham menos atributos e representam estruturas marginais.

Nesse sentido, podemos dizer que a teoria dos protótipos, aponta que as categorias específicas têm limites difusos e podem até mesmo fundirem-se uma na outra. Sendo assim, de acordo com Rosário (2012, p. 24), “alguns atributos podem ser compartilhados por apenas alguns membros de uma categoria, como pode haver categorias até mesmo sem atributos compartilhados por todos seus membros”. O pesquisador informa que a teoria dos protótipos possibilita algumas vantagens:

Entre as várias vantagens da Teoria dos Protótipos devemos sublinhar a possibilidade de inclusão de dados não canônicos, antes deixados à margem por abordagens de cunho aristotélico. Os casos ambíguos e de difícil classificação não ficam marginalizados nessa abordagem. Ao contrário, também os membros periféricos podem ser associados às diversas categorias, já que não é necessário que todos os membros de uma determinada categoria apresentem os mesmos traços em comum. (ROSÁRIO, 2012, p.24)

Podemos justificar essa citação de Rosário (2012), quando Silva (2005, p. 64) declara que não devemos rejeitar os exemplos que são considerados como membros marginais de uma categoria, “pelo contrário, todos os dados são relevantes para a construção de um mapa categorial, uma vez que sua formatação considera os atributos em ordem de representatividade.”

Diante desse contexto, cada protótipo nos possibilita realizar um conjunto de tarefas inferenciais ou imaginativas sobre uma dada categoria. Logo, a prototipicidade é “possivelmente uma consequência de propriedades inerentes da percepção humana, como a saliência cognitiva” (Rosh, 1973 *apud* FURTADO DA CUNHA *et al*, 2013, p. 29).

Assim, Furado da Cunha *et al.* (2013, p. 29) demonstram que esse processo envolve tanto a gradualidade (não discretude) quanto à fixidez de determinados traços ou propriedades. Portanto, ao invés de serem definidas, em termos binários e discretos, as coisas percebidas distribuem-se num *continuum* categorial, em que alguns elementos localizam-se “nos polos da escala, com propriedades conceituais mais ou menos bem definidas, e outras se situam em instâncias intermediárias, por compartilharem características de uma mesma categoria”.

Após essa contextualização sobre a teoria dos protótipos, chamamos atenção para o estudo de articulação de orações no próximo capítulo. Nesse sentido, serão feitas, a seguir, algumas explicações sobre esse processo.

2. PROCESSOS DE ESTRUTURAÇÃO SINTÁTICA

Este segundo capítulo será destinado a explicar os processos de estruturação sintática e está dividido em três seções. Na primeira, discutiremos de como é visto os processos de estruturação sintática. Na segunda, veremos como se comportam as estruturas correlatas na gramática tradicional, e como é tratado o processo de articulação de oração dentro do Funcionalismo. Por fim, na última seção, apresentamos algumas discussões sobre as orações aditivas, alternativas, comparativas e consecutivas.

2.1 Articulação de oração

A abordagem tradicional concentra-se, predominantemente, em apresentar de um lado o conceito de coordenação – independência sintática – e em direção oposta o conceito de subordinação, que se define como uma oração principal com um (ou mais de um) de seus termos expressos em forma oracional. Entretanto, pesquisadores de orientação funcionalista vêm desenvolvendo estudos sobre processamento sintático, rompendo com a tradição da dicotomia de coordenação e subordinação.

Heine *et al.* (1991) explicam que tanto o fenômeno da coordenação quanto o fenômeno da subordinação teriam se desdobrado a partir de estruturas discursivas que se convencionalizaram. Por isso, a combinação de orações pode ser interpretada como uma gramaticalização da organização retórica do discurso.

Os autores complementam que a tendência de teorizar a forte distinção entre os tradicionais processos de coordenação e subordinação, resulta, em parte, de vestígios de estudos da modalidade escrita de línguas indo-europeias. Desta maneira, Hopper & Traugott (1997, p.170) defendem a existência dos seguintes processos:

Parataxe ou independência relativa: Pode apresentar orações justapostas ou coordenadas. As primeiras se caracterizam pela adjacência de dois ou mais núcleos expressos em um único contorno entonacional sem o uso de elementos conectores. Já as coordenadas diferem das primeiras pelo fato de virem ligadas formalmente por um conector.

Hipotaxe: Em que há um núcleo, e uma ou mais orações que não podem ficar sozinhas e que são, por conseguinte, relativamente dependentes. Incluem as orações relativas apositivas e as adverbiais da gramática tradicional.

Subordinação ou, em forma extrema, encaixamento: Em outras palavras, dependência completa, em que uma margem está completamente incluída no constituinte do núcleo. Abrangem as orações completivas e as relativas restritivas.

Observando os processos sintáticos adotados por Hopper & Traugott (1997), Rosário (2014) explica que a parataxe, segundo os autores, é menos integrada que a hipotaxe, que por sua vez é menos integrada que a subordinação.

Sendo assim, observando a combinação dos traços [dependência] e [encaixamento], Hopper & Traugott (1997, p. 170-171) propõem dois *continuum*, que intencionam ilustrar seu ponto de vista teórico, conforme quadros apresentados a seguir:

QUADRO 02: Dependência e encaixamento

Parataxe (coordenação)	>	Hipotaxe	>	Subordinação
- Dependência		+ Dependência		+ Dependência
- Encaixamento		- Encaixamento		+ Encaixamento

Fonte: Hopper & Traugott (1997, p. 170-171)

QUADRO 03: Propriedades relevantes para o *cline* da combinação de orações

Parataxe (Interdependência)	→	Hipotaxe (Independência)	→	Subordinação (Dependência)
Núcleo	→		→	Margem
Integração mínima	→		→	Integração máxima
Máxima combinação explícita	→		→	Mínima combinação explícita

Fonte: Hopper & Traugott (1997, p. 170-171)

O que Hopper & Traugott (1997) esclarecem é que as orações complexas tendem a uma gramaticalização em três etapas graduais. Gonçalves *et al.* (2007, p. 55) explicam que, a partir das propriedades dadas nessa esquematização,

a parataxe se caracteriza pela relativa independência e integração mínima entre as orações; a hipotaxe, pela relativa interdependência e por um grau intermediário de integração; e a subordinação, por total dependência e integração máxima entre as orações.

Gonçalves *et al.* (2007, p. 55), ao observarem a caracterização das orações, propõem uma nova divisão à classificação tradicional das orações complexas. Têm-se, então, “sob a designação de *parataxe*, orações coordenadas e justapostas; sob a designação de *hipotaxe*, orações adverbiais e, por fim, sob o rótulo de *subordinação*, apenas as subordinadas substantivas e adjetivas restritivas”.

De acordo com Rosário (2013, p. 47), esses *continuum* não esgotam todas as possibilidades de integração em todas as línguas do mundo, uma vez que “uma esquematização que desse conta desse objetivo seria altamente complexa, talvez impossível”.

Levando em consideração a trajetória *parataxe* > *hipotaxe* > *subordinação* e baseando-se no que foi postulado por Hopper & Traugott (1993, p. 173), para o *cline* de gramaticalização de itens linguísticos, Gonçalves *et al.* (2007) destacam que:

- (i) o padrão oracional à direita é mais gramaticalizado do que o outro à sua esquerda;
- (ii) a mudança de um tipo de oração complexa para outro se dá de um ponto à esquerda para um ponto à direita, o que remete ao princípio de unidirecionalidade no processo de combinação de orações. (GONÇALVES *et al.*, 2007, p. 55)

Em relação à correlação, Hopper & Traugott (1997), apesar de apresentarem um estudo de grande profundidade teórica, não defendem a correlação como outro “ponto de aglomeração” do *cline*, assim como a conhecemos em português. Em conclusão, ao propor os três processos de estruturação sintática (*parataxe*, *hipotaxe* e *subordinação*), eles deixaram de fazer menção a estruturas interdependentes, como é o caso das orações correlatas.

Outro teórico de base funcionalista que traça um amplo estudo sobre a tipologia de orações em diversas línguas do mundo é Lehmann (1985). Ele apresenta uma hierarquia de integração de orações que inclui as correlatas. Essa hierarquia pode ser esquematizada da seguinte maneira:

Parataxe > Díptico correlativo > Hipotaxe > Cossubordinação > Encaixamento

Fonte: Lehmann (1985, p.183-184)

Lehman (1985) é um dos poucos estudiosos considerados funcionalistas a agasalhar as chamadas orações correlatas no *continuum* de integração de orações. A partir da hierarquia proposta pelo autor, observamos que as correlatas se situam entre a *parataxe* e a *hipotaxe*, e não podem ser encaixadas. Todavia, não há estudos posteriores sobre o fenômeno em destaque.

Desse modo, para o teórico citado, os processos de articulação de orações não podem ser descritos através das dicotomias coordenação/subordinação e *parataxe*/*hipotaxe*. Ele estabelece uma tipologização das sentenças complexas a partir de um *continuum* que leva em conta níveis de maior ou menor vinculação sintática entre orações.

Esse *continuum* representa a hierarquia entre um grau extremo no estatuto de ‘sentença’ (a coordenação), e um grau extremo de perda desse estatuto (a dessentencialização), aquele em que uma oração se torna um simples constituinte da outra oração (configurando encaixamento, ou seja, existência de um único estado de coisas no conjunto). Quanto à forma de cada oração, o grau máximo no estatuto oracional é o de uma

oração desenvolvida, o grau mínimo é o de uma nominalização (dessentencialização), ficando no intermédio a oração reduzida.

Lehmann (1988) postula seis parâmetros semântico-sintáticos, que julga relevante para o estudo da articulação de orações em qualquer língua, e a formulação de uma tipologia de frases complexas:

- (a) rebaixamento hierárquico da cláusula subordinada;
- (b) nível sintático do constituinte ao qual a oração subordinada se vincula;
- (c) dessentencialização da subordinada;
- (d) gramaticalização do verbo principal;
- (e) entrelaçamento das duas orações;
- (f) explicitude da articulação.

Levando em consideração os aspectos de vinculação de oração, esses seis parâmetros são agrupados pelo autor em três pares: (a)-(b), (c)-(d) e (e)-(f). Tais parâmetros podem sinalizar autonomia ou integração da cláusula subordinada; expansão ou redução da sentença subordinada ou da principal; isolamento ou articulação das cláusulas.

A correlação entre esses aspectos e os parâmetros de Lehmann (1988) é assim explicada por Gonçalves *et al.* (2007, p. 86):

o primeiro e o segundo parâmetro podem sinalizar autonomia ou integração da cláusula subordinada na principal; o segundo e o terceiro podem constituir indícios de expansão ou redução da cláusula subordinada ou da principal; o quinto e o sexto podem indicar isolamento ou articulação das cláusulas.

Desta forma, cada um desses parâmetros é analisado a partir de um *continuum* que se estende entre dois extremos: um polo de máxima elaboração e outro de máxima compressão de informação lexical e gramatical, como mostra a figura 1.

elaboração <—————> compressão	
Rebaixamento hierárquico da cláusula subordinada	
fraca	forte
parataxe	encaixamento
Nível sintático	
alto	baixo
sentença	palavra
Dessentencialização	
fraca	forte
oração	nome
Gramaticalização do verbo principal	
fraca	forte
verbo lexical	afixo gramatical
Entrelaçamento	
fraco	forte
orações de disjunção	orações de sobreposição
Explicitude da articulação	
máxima	mínima
síndese	assíndese

FIGURA 1: *Continuum* da articulação de cláusulas (LEHMANN, 1988, p. 217)

De acordo com Lehmann (1988), cada extremo desses *continuum* tem a ver com um tipo de oração: o primeiro equivale a uma combinação de sentenças que são sintaticamente iguais e interligadas por um conectivo (sentenças paratáticas); o segundo, a uma combinação de sentenças com um dos predicados reduzidos, encaixamento na cláusula principal em um constituinte de nível sintático baixo e nominalização (sentenças encaixadas).

De outro modo, esses *continuum* partem de um polo em que o nível de vinculação sintática entre as cláusulas combinadas é mais frouxo para um polo em que esse nível de vinculação é mais estreito. Lehmann (1988) ainda acrescenta que entre esses dois tipos de polos intermediários existem: orações correlatas, cláusulas nominais fraca ou fortemente dessentencializadas, cláusulas adverbiais fortemente nominalizadas, serialização verbal etc.

Castilho (2010) especifica que, para analisar o grau de integração entre as orações, é preciso analisá-las em três requisitos: (1) formas de ligação; (2) graus de coesão; e (3) tipologia. O Linguista explica que a ligação entre as orações pode ocorrer por justaposição, às chamadas coordenadas assindéticas; por coordenação, formada por orações independentes umas de outras, ou de subordinadas, formadas por orações encaixadas uma em outras; e por correlação, formada por um elemento juntivo na primeira oração, que determina a ocorrência de um elemento redobrado na segunda.

Em relação ao grau de coesão, o teórico ressalta que para avaliar o grau de integridade é necessário alterar a ordem de figuração, uma vez que elas são orações que se estruturam de formas diferentes, e, dependendo do tipo de articulação, existe a possibilidade de inversão. Entre os graus de integração, ele destaca aquelas que apresentam grau de dependência, como as subordinadas, as que apresentam grau de independência como as coordenadas, e as correlatas que apresentam em sua base o redobramento de conjunções.

Castilho (2010) expõe que a maior parte dos estudiosos desconsidera a correlação. O autor entende que as orações complexas podem ser descritas a partir dos seguintes parâmetros:

a) *Coordenação ou independência*

Sentenças complexas justapostas: uma sentença se apõe à outra, sem qualquer nexo conjuncional.

Sentenças complexas coordenadas: uma sentença se coordena à outra por meio de nexos conjuncionais.

b) *Subordinação ou dependência*

Sentenças complexas encaixadas: uma sentença está encaixada num constituinte de outra, gerando-se os seguintes tipos de dependência: (i) o encaixamento ocorreu no sintagma verbal; (ii) o encaixamento ocorreu no sintagma nominal.

Sentenças complexas em adjunção: uma sentença está em relação de adjunção com outra, sem encaixamento.

c) *Correlação ou interdependência*

Sentenças complexas correlatas: uma sentença está em relação de interdependência com outra quando na primeira figura uma expressão correlacionada com outra expressão, constante na segunda sentença. (CASTILHO, 2010, p.339-340)

Observando a classificação das orações complexas, percebemos que Castilho (2010) considera as orações correlatas como um terceiro tipo de integração de orações. Nessa conjuntura, entendemos que ainda há pouca investida nos estudos sobre correlação. Surge, então, a necessidade de aprofundar o olhar sobre esse fenômeno. Nesse contexto, será feita, na próxima seção, uma contextualização acerca desse tópico.

2.2 A correlação como procedimento sintático

A Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) não menciona o processo da correlação como procedimento sintático, sendo assim considerado um simples recurso retórico que pertence tanto à coordenação quanto à subordinação. Diante disso, o estudo das sentenças complexas se encontra nas gramáticas na parte do período composto, que se divide em apenas dois processos: a coordenação e a subordinação.

Nesse sentido, Garcia (1988) explica que em um período composto as orações se interligam mediante dois processos sintáticos universais: a coordenação e a subordinação. A

justaposição, apesar de abranger uma e outra, é ensinada no Brasil como variante da primeira, e a *correlação*, como variante da segunda.

Para a classificação desses processos, é levado em conta o grau de dependência entre elas. Sendo as orações coordenadas “aquelas que, no período, não exercem função sintática umas em relação às outras, isto é, são orações independentes” (CUNHA & CINTRA, 2001, p. 391). Já as orações subordinadas são as que, “ao contrário das orações coordenadas e intercaladas, exercem alguma função sintática em relação à outra” (CUNHA & CINTRA, 2001, p. 392).

Ainda sobre o grau dependência dessas orações, Luft (1983, p. 45) afirma que “o período composto pode ser estruturado de dois modos, conforme a natureza das orações que o compõem: a) apenas com orações independentes, b) com oração principal e oração(es) subordinada(s)”.

Diferentemente de Cunha & Cintra (2001) e Luft (1983), Azeredo (2002, p. 155) considera que além da coordenação e da subordinação, há um terceiro tipo de procedimento sintático: a justaposição. E explica esse terceiro tipo lançando mão da noção de que:

Dois ou mais constituintes do enunciado se dizem unidos por justaposição quando não há qualquer marca formal – concordância, palavras gramaticais – dessa união. As palavras gramaticais que servem de instrumento a estes processos são os conectivos.

Azeredo (2002, p.118) também chama atenção para a coordenação correlativa, e explica que esse processo se realiza por meio dos pares *ou... ou, ora... ora, quer... quer, não... nem* — que exprimem disjunção — *não só... mas também, não só... senão também, não apenas... mas ainda, tanto... como* — que exprimem união — *senão... ao menos, não... mas, mas... não* — que exprimem preferência/compensação.

Para Bechara (2009, p. 46), a coordenação pode ser também chamada de parataxe, uma vez que:

[...] o que caracteriza a parataxe é a circunstância de que unidades combinadas são equivalentes do ponto de vista gramatical, isto é, uma não determina a outra, de modo que a unidade resultante da combinação é também gramaticalmente equivalente às unidades combinadas. Não sobem a estrato de estruturação superior. Assim, duas palavras combinadas persistem no nível da palavra e não constituem um “grupo de palavras”, como se passassem ao nível imediatamente superior.

Nesse sentido, podemos dizer que na parataxe as sentenças mesmo que combinadas, continuam independentes. Sendo assim, não assumem nenhum posto de dependência ou

interdependência entre elas, mas assumem uma relação paratática de independência, mesmo combinadas.

Bechara (2009) menciona o estudo da coordenação e da subordinação e explica que os processos sintáticos são tradicionalmente chamados de orações coordenadas e orações subordinadas. Para o autor, as conjunções coordenativas “reúnem orações que pertencem ao mesmo nível sintático: dizem-se independentes umas das outras e, por isso mesmo, podem aparecer em enunciados separados” (p. 395). Já as conjunções subordinativas “são um transpositor de um enunciado que passa a uma função de palavra, portanto de nível inferior dentro das camadas de estruturação gramatical” (p.396).

Nesse contexto, para alguns gramáticos como Bechara (2009), Cunha e Cintra (2001), Cegalla (2008) e Rocha Lima (2011), as orações coordenadas subdividem-se em assindéticas, aquelas que não apresentam conjunções, e sindéticas, aquelas que apresentam conjunções, podendo ser aditivas, explicativas, alternativas, conclusivas ou adversativas. Já as orações subordinadas são subdivididas em subordinadas substantivas, adjetivas e adverbiais, sendo que cada uma delas ainda apresenta subclassificações de acordo com a função que desempenha em relação à oração principal.

O quadro 04, a seguir, mostra de forma resumida a classificação apontada por esses gramáticos em relação aos processos sintáticos da oração.

QUADRO 04: Classificação da gramática tradicional: coordenação e subordinação

Período composto	Coordenação e subordinação
Período composto por coordenação	Coordenadas assindéticas e sindéticas
Coordenadas sindéticas	1. Aditivas 2. Adversativas 3. Alternativas 4. Conclusivas 5. Explicativas
Período composto por subordinação	Oração principal + subordinada
Subordinadas substantivas	1. Subjetivas 2. Predicativas 3. Objetivas diretas 4. Objetivas indiretas 5. Completivas nominais
Subordinadas adjetivas	1. Explicativas 2. Restritivas
Subordinadas adverbiais	1. Finais 2. Conformativas ou modais 3. Temporais 4. Condicionais 5. Concessivas 6. Causais 7. Concomitantes 8. Frequentativas

Fonte: pesquisadora

Conceituando a coordenação e a subordinação com base nos gramáticos tradicionais, podemos dizer que na coordenação as orações não exercem função sintática uma em relação à outra (independência). Diferentemente da coordenação, a subordinação é o processo em que uma oração exerce função sintática em outra, ou seja, é membro sintático da oração principal (dependência).

Neves (2007) destaca a “coordenação gramatical e subordinação psicológica” na análise de certas frases complexas portuguesas, e explica que é uma armadilha que não resolve o problema de distinção entre estruturas coordenadas e subordinadas. Nessa situação, baseada na proposta de Halliday (1985) de cruzamento de um eixo tático (de interdependência) com um eixo semântico-funcional (de relação entre processos), a autora aponta a importância de se fazer uma abordagem sistêmica dos processos possíveis de vinculação de sentenças:

Se, por exemplo, uma coordenação é, no eixo tático, uma parataxe (uma continuação) tanto quanto a aposição, entretanto no eixo lógico-semântico é possível distinguir entre o caráter de extensão, que tem a coordenação, e o caráter de elaboração, que tem a aposição. Essas duas relações, por outro lado, se distinguem de uma articulação causal, ou de uma articulação condicional, por exemplo, em ambos os eixos: trata-se, agora, no eixo tático, de uma hipotaxe (uma dominação), e, no eixo semântico-funcional, de um caso de realce, ou encarecimento (nem extensão nem elaboração) (NEVES, 2007, p. 229).

No entanto, muitos estudos, como veremos a seguir, vêm revelando que as classificações apresentadas pela nomenclatura da gramática tradicional apresentam incoerências, principalmente em relação à ideia de dependência sintática.

Oiticica (1945; 1952), para além da coordenação e da subordinação, considera a correlação um terceiro tipo de processo sintático. No livro intitulado *teoria da correlação*, provavelmente a obra da língua portuguesa que mais apresenta contribuições para a análise desse fenômeno, lançado em 1952, o autor analisa de forma minuciosa a correlação.

O autor embasa a sua análise em dois pontos fundamentais: o modo como as orações se interligam – “[...] entre elas aparecem sempre dois termos conectivos”; e a interdependência semântica entre as orações, na qual reside toda a força da correlação – “[...] os pensamentos estão conexos, neste caso, por dois termos que, sempre, além disso, devem estar explícitos” (OITICICA, 1952, p. 17).

Portanto, para o autor, a correlação pode ser definida como um processo estruturador de orações, o que se difere da coordenação e da subordinação. Sendo assim, a correlação

acontece pela forma como as orações se apresentam: “entre as orações aparecem sempre dois termos conectivos” (OITICICA, 1952, p. 21).

Oiticica (1952), ao considerar a correlação um processo sintático autônomo, classifica as orações correlatas em quatro tipos: aditiva, comparativa, consecutiva e quantitativa. Contudo, as orações correlatas comparativas apresentam duas subdivisões: a) Qualitativas – “as orações se prendem uma à outra por comparação, com paralelismo na apresentação dos dois conceitos” e b) Quantitativas – de igualdade.

Diante desse contexto, chamamos atenção para os autores que concordam com a proposta de Oiticica, tanto autores mais antigos, como Ney (1955), Chediak (1960), Melo (1968), quanto aos autores mais atuais, como Módolo (1999), Castilho (2004), Rodrigues (2007), de que a correlação é um processo autônomo de composição do período, ou seja, um procedimento sintático distinto dos demais.

Assim como Oiticica (1942; 1952), Ney (1955) inclui a correlação como um terceiro tipo de estrutura do período composto. Segundo ele, “na correlação há interdependência das declarações, e sempre dois conectivos claros ou subentendidos, ou somente um claro e outro subentendido através dos quais se faz a correlação” (NEY, 1955, p. 61).

Melo (1968) também entende o processo da correlação como independente dos outros processos, como podemos ver na seguinte passagem:

Para nós a correlação é um processo sintático irreduzível a qualquer dos outros dois, um processo complexo, em que há, de certo modo, interdependência. Nele, dá-se a intensificação de um dos membros da frase, intensificação que pede um termo, muitas vezes ocorre como que uma retenção para um salto, a que se segue o salto. (MELO, 1968, p. 152)

Com isso, percebemos que Melo (1968) considera o processo da correlação como independente da coordenação e da subordinação, como sendo um terceiro tipo de classificação, pois se trata de um processo complexo, em que há a intensificação de um dos elementos da frase.

O quadro 05, elaborado por Rodrigues (2007, p. 230), mostra um resumo acerca do tratamento dado à correlação na gramática tradicional. Antes, é pertinente realçar que os autores quando consideram a correlação, a enquadram como um subtipo que pode pertencer tanto à coordenação, quanto a subordinação. Discordamos desse tratamento, pois como estamos vendo e veremos ao longo desta pesquisa, a correlação possui características que a diferenciam das típicas coordenadas e subordinadas.

QUADRO 05: a correlação para a gramática tradicional

GRAMÁTICO	EXPLICAÇÃO DA NOMENCLATURA ORAÇÕES CORRELATAS	MENÇÃO INDIRETA À CORRELAÇÃO
Cunha 1990, p. 539) Cunha & Cintra (1985, p. 578-601)	_____	Orações comparativas, consecutivas e, às vezes, proporcionais podem estar em correlação com um membro da oração principal.
Rocha Lima (1998, p. 259-84)	_____	Menciona “fórmulas correlativas” e “expressões correlativas” (cf. orações subordinadas comparativas, proporcionais e coordenadas aditivas).
Luft (2002, p. 259-84)	Orações correlatas aditivas (cf. p. 46) Orações correlatas comparativas (cf. p. 46) Orações correlatas Consecutivas (cf. p. 46)	Afirma que outros gramáticos consideram orações proporcionais correlativas (cf. p. 62).
Kury (2002, p. 62-109)	Orações consecutivas correlatas (cf. p. 98) Orações proporcionais correlatas (cf. p. 104)	Menciona: aditivas com correlação (cf. p.66) palavra ou locução correlativa (cf. p.91 – orações comparativas) comparativas quantitativas se acham em correlação com uma palavra intensiva da oração principal (cf. p.92)

Fonte: RODRIGUES, 2007, p. 230

Cunha (2001) e Cunha & Cintra (2001) mencionam de forma indireta a correlação apenas nas orações consecutivas e defendem que a correlação ocorre, às vezes, nas orações proporcionais em relação à oração principal.

Rocha Lima (1998, p. 259) afirma o caráter enfático da correlação: “dar mais vigor à coordenação”. Nessa mesma direção, Bechara (2009, p. 321) acentua o caráter enfático da correlação aditiva: “expressão enfática da conjunção aditiva *e* pode ser expressa pela série *não só... mas também* e equivalentes”.

Luft (1983) menciona de forma direta a correlação nas orações aditivas, comparativas, consecutivas e proporcionais. Kury (2002) por sua vez, menciona de forma direta as orações correlatas consecutivas e as orações correlatas proporcionais e de forma indireta as orações correlatas aditivas, as orações correlatas comparativas.

Diante do exposto, podemos inferir que a maioria dos gramáticos da língua portuguesa considera a correlação como encandeamento sintático que funciona ora no âmbito da coordenação ora no âmbito da subordinação.

Avançando nos estudos sobre correlação, Azeredo acrescenta o componente discursivo na caracterização do processo correlativo ao afirmar que “a correlação é um expediente retórico, de rendimento enfático no discurso”. “Portanto, distinto dos processos sintáticos distintos da coordenação e da subordinação” (AZEREDO, 2002, p. 351).

Entre os autores atuais que defendem a correlação como processo independente, Rodrigues (2007) considera a correlação como um processo que se distingue dos demais, uma vez que, enquanto a subordinação é marcada pela dependência sintática das orações e a coordenação é marcada pela independência entre elas, a correlação é marcada pela interdependência. Para tanto, a autora leva em conta os seguintes aspectos:

- a correlação apresenta conjunções que vêm aos pares, cada elemento do par em uma oração;
- no período composto por correlação, as orações não podem ter sua ordem invertida, isto é, não apresentam a mobilidade posicional típica das subordinadas adverbiais;
- as correlatas não podem ser consideradas parte constituinte de outra, como ocorre com as substantivas e as adjetivas. (p. 232-233)

Rodrigues (2007), respaldada pela abordagem tradicional e apoiada na de estudiosos das mais variadas perspectivas teóricas, propõe que a correlação em Português seja subdividida em correlação aditiva, correlação alternativa, correlação comparativa, correlação proporcional e correlação consecutiva.

Rosário e Rodrigues (2017, p. 18) citam Castilho (1988) para comprovar que o processo da correlação é um terceiro tipo de processamento sintático, afirmando que o autor, ao apresentar os tipos de ligação sentencial,

utiliza-se do conceito de sentenças complexas – duas ou mais sentenças que funcionam como constituintes de uma unidade maior, estruturando-se tais constituintes coordenada, subordinada ou correlativamente. Tais sentenças envolvem três tipos de relação intersentencial: (I) estruturas independentes ou coordenadas; (II) estruturas dependentes ou subordinadas; (III) estruturas interdependentes ou correlatas.

Sendo assim, percebemos que a correlação, para Castilho, é abalizada como um terceiro tipo de encadeamento sintático, considerando estruturas independentes ou coordenadas, estruturas dependentes ou subordinadas e estruturas interdependentes ou correlatas.

Rosário e Rodrigues (2017, p. 44) definem a correlação como:

O processo de composição do período em que existe interdependência das orações. Caracteriza-se por suas orações ligarem-se por meio de dois conectivos e manifestarem intensificação, realce, ênfase. A primeira oração depende da segunda, assim como a segunda depende da primeira, motivo pelo qual não há oração principal no período composto por correlação, já que ambas as orações são correlatas.

Outro estudioso desse fenômeno que assevera que as sentenças correlatas têm uma relação de interdependência é Módolo (2005). O autor afirma que a divisão em coordenada e subordinada não é precisa e explica que isso pode ser observado quando há uma confusão entre as orações coordenadas explicativas e as subordinadas causais. O mesmo acontece na classificação dos pares correlatos, que são tradicionalmente classificados entre as orações coordenadas e as orações subordinadas. Para justificar esse pensamento, Módolo (2005) exemplifica da seguinte maneira:

- a) Erasmo *não só* chegou *como também* tomou café
- b) Erasmo tomou o café *tão* depressa *que* engasgou (p. 3)

A partir do exemplo, concordamos com Módolo (2005) que as orações (a) e (b) não podem ser consideradas nem coordenadas (pois não são independentes umas das outras), nem subordinadas (pois não são dependentes). Assim sendo, ele sugere uma proposta de substituir a dicotomia coordenação e subordinação por um *continuum*. Nesse sentido ele descreve que “a correlação é entendida como uma etapa intermediária recortando esse *continuum* e dividindo propriedades ora com as coordenadas e ora com as subordinadas” (MÓDOLO, 2005, p. 3).

Assim, teríamos a seguinte esquematização do *continuum* proposto por Módolo (2005):



De tal modo, a correlação está no intervalo entre as orações prototípicas da coordenação e da subordinação, possuindo traços característicos tanto de uma como da outra.

Módolo (2005) acrescenta que a composição das estruturas correlatas pode suceder-se de duas maneiras:

- a) correlatas espelhadas (formadas por espelhamento, por repetição do mesmo elemento conectivo, como no caso das correlatas alternativas e alguns tipos de comparativas de igualdade): *ou... ou, seja... seja, ora... ora, quer... quer, tanto... tanto, assim... assim, qual... qual, quem... quem, tal... tal, quanto... quanto, já... já, nem... nem*;

b) correlatas não espelhadas (em que os elementos conectivos são diferentes, como no caso das correlatas aditivas, consecutivas, proporcionais, hipotéticas, equiparativas, diferenciativas e algumas comparativas). (MÓDOLO, 2005, p. 1)

Módolo (2008) assevera que a estrutura das duas sentenças que se correlacionam está estreitamente veiculada por expressões conectivas. Desse modo, a correlação apresenta um relacionamento simultâneo entre as partes, em que o processo de redobrimento sintático está na base de sua gramaticalização.

Nesse contexto, para o estudioso, a estrutura das orações correlatas apresenta dois elementos ou expressões conectivas como: *não só... mas também, que... tão; ou... ou*, etc., explicando que um dos elementos se encontra na primeira oração, e o segundo elemento na segunda oração, assim, correlacionando-se. Isso se difere das orações coordenadas e subordinadas, tendo em vista que as conexões estabelecidas se dão apenas por uma conjunção.

Sendo assim, percebemos que o período composto por correlação difere do período composto por coordenação e do período composto por subordinação em relação a sua estrutura, como também, na relação que se estabelece entre as orações formadoras do período.

Castilho (2010) explica que há uma precariedade na distinção entre as noções de coordenação e subordinação, uma vez que são tênues as relações entre coordenadas explicativas e subordinadas causais, entre coordenadas adversativas e subordinadas concessivas, entre sentenças gerundiais adjetivas e adverbiais etc. O autor argumenta que “pesquisas sobre a modalidade falada trouxeram evidências adicionais sobre a precariedade da linha que separa a coordenação e a subordinação” (CASTILHO, 2010, p.385). Logo, o pesquisador agrega o estatuto das correlatas como um terceiro tipo de relações intersentenciais.

Para entender melhor o que acontece com as correlatas, Castilho apresenta mais três exemplos com novos pares correlativos que indicam ideias de adição, alternância e comparação:

(5)

- a) O aluno **não só** estuda **como também** trabalha. (p. 386)
- b) Você **ou** estuda **ou** trabalha, as duas coisas ao mesmo tempo serão muito difíceis. (p. 386)
- c) Apareceu com um perfume **tão** adocicado **quanto** enjoativo. (p. 386)

Observando as sentenças anteriores, notamos que em (5) a primeira sentença possui um elemento gramatical, negrito nos exemplos, a que corresponde obrigatoriamente outro elemento gramatical da segunda, igualmente negrito, sem os quais o arranjo sintático seria inaceitável ou duvidoso:

(5')

- a) O aluno não só estuda trabalha. (p.386)
- a') O aluno estuda como também trabalha. (p.386)
- b) Você estuda trabalha. (p. 386)
- c) Apareceu com um perfume adocicado enjoativo. (p.386)

Então, o que se percebe é que as conjunções (5) não são formas simples nem se resumem a encabeçar a segunda sentença; pelo contrário, trata-se de conjunções complexas, que são estruturadas, de acordo com Castilho (2010), em:

1. Junção de advérbios de negação, focalizando na primeira sentença, comparação e inclusão na segunda sentença, em (a).
2. Repetição de expressões em (b).
3. Junção de advérbios de intensificação a complementadores em (c). (p. 387)

Sendo assim, o processo de redobramento sintático está na base da gramaticalização das conjunções correlatas. Castilho (2010, p. 387) explica que esse processo consiste na ocorrência de um segmento X a que corresponde obrigatoriamente um segmento Y. E informa que “os efeitos de redobramento sintático estão por toda parte na gramática do português, porém nem sempre nos damos conta que estamos diante de um mesmo fenômeno.”

Castilho (2010, p. 387) fortalece sua argumentação, citando sete estruturas redobradas identificadas por Moraes de Castilho (2005), dentre as quais destacamos as estruturas correlatas:

- (1) Redobramento por repetição, em que o termo Y funciona como antitópico: X = sintagma nominal/sintagma preposicional; Y = sintagma nominal/sintagma preposicional. Ex: *O menino^x saiu de casa logo cedo, o menino^y*
- (2) Redobramento por topicalização: X = construção de tópico; Y = pronome resumptivo. Ex: *O menino^x, ele^y saiu de casa logo cedo.*
- (3) Redobramento de pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos: X = pronome pessoal, possessivo, demonstrativo; Y = sintagma preposicionado. Ex: *Eu te^x disse para você^y.*
- (4) Redobramento de pronomes adverbiais locativos e temporais: X = pronome circunstancial locativo, temporal; Y = sintagma preposicionado. Ex: *Vai ter confusão lá^x em casa^y.*
- (5) Redobramento da negação: X = quantificador; Y = advérbio de negação. Ex: *Não^x fala não^y.*
- (6) Redobramento de quantificadores: X = quantificador; Y = quantificador. Ex: *Você vale tanto^x, quanto^y pesa.*
- (7) Redobramento por correlação: X = sentença 1; Y = sentença 2. Ex: *Você falou tanto^x que fiquei rouco só de ouvir.*

A partir dessa caracterização, percebemos que o fenômeno da correlação ocorre por meio do redobramento das conjunções, em que o par que está na primeira parte da estrutura depende do segundo par que está na segunda parte da estrutura, e vice versa.

Castilho (2010) recorre à posição defendida por Oiticica (1952), para quem as relações de coordenação e de subordinação não captam todas as possibilidades de relacionamento intra ou intersentencial. Para tanto, expõe que Oiticica propôs um estatuto próprio para as correlatas, e identificou os seguintes tipos:

- (i) correlação aditiva;
- (ii) correlação comparativa;
- (iii) correlação consecutiva;
- (iv) correlação alternativa.

Sendo assim, não é adequado considerar as aditivas e as alternativas exclusivamente como coordenadas, nem as comparativas e as consecutivas como subordinadas adverbiais. Oiticica (1952, *apud* CASTILHO, 2010) defende que as correlatas apresentam diferenças em relação às coordenadas e às subordinadas, pois são classificadas em três categorias: a primeira é de natureza discursiva – põem em relevo dois atos de fala – a segunda, de natureza semântica – combinam diferentes categorias – E a terceira de natureza gramatical, são interligadas por meio de conjunções complexas.

Outro autor em quem Castilho (2010) se fundamenta é Câmara Jr. (1975), o qual defende que os arranjos binários captam melhor as estruturas linguísticas e, por isso, a justaposição seria uma modalidade de coordenação e a correlação seria modalidade de subordinação.

Após essa breve apresentação sobre o fenômeno da correlação, com contribuições de alguns pesquisadores que consideram esse fenômeno como independente da coordenação e da subordinação, serão retratados, no próximo tópico, os tipos de orações correlatas.

2.3 Tipos de orações correlatas no português brasileiro

No tópico anterior, foram mencionados quatro tipos de construções correlatas – aditivas, alternativas, comparativas e consecutivas – apresentadas por Castilho (2010). Por outro lado, estudos vêm mostrando que há diversos outros tipos. Vejamos algumas dessas construções no quadro elaborado por Rosário (2012):

QUADRO 06: Tipos de orações correlatas

Luft (2000)	Castilho (2004)	Melo (1978)	Melo (1997)	Uchôa (2004)
Aditivas	Aditivas	-	-	Aditivas
Comparativas	Comparativas	Comparativas	Comparativas	Comparativas
Consecutivas	Consecutivas	Consecutivas	Consecutivas	Consecutivas
Alternativas	Alternativas	Alternativas	Alternativas	-
-	-	Equiparativas	-	-
Proporcionais	-	-	-	-
-	-	-	Paralelísticas	-

Fonte: Rosário, 2012, p.37.

Analisando o quadro, podemos afirmar que entre os gramáticos existe um consenso em relação às comparativas e às consecutivas. Entretanto, ocorrem divergências na classificação, visto que as equiparativas, as proporcionais e as paralelísticas são mencionadas apenas por um autor cada uma, como também, em relação às aditivas, que não são consideradas por dois deles. Já as alternativas deixaram de ser mencionadas por um dos autores.

Diante do exposto, verificamos que essas discordâncias, no que diz respeito ao fenômeno da correlação, podem ser fruto de uma escassez nos estudos de estruturação sintática, sendo assim, necessárias mais pesquisas que contribuam para a análise desses processos. Para tanto, vejamos a seguir algumas discussões sobre as orações aditivas, alternativas, comparativas e consecutivas, foco de estudo desta pesquisa.

2.3.1 Orações correlatas aditivas

As orações aditivas são vistas pela tradição gramatical como pertencentes ao grupo das coordenadas, todavia, verificamos que não podemos classificá-las apenas como coordenadas, uma vez que as correlatas aditivas apresentam características próprias que as diferenciam de tal grupo. Considerando o objetivo desse tópico, apresentamos definições de alguns autores sobre as orações aditivas.

QUADRO 07: Oração aditiva nas gramáticas tradicionais

ORAÇÃO ADITIVA NAS GRAMÁTICAS	
Melo (1978, p. 145)	São aquelas que expressam adição.
Luft (2000, p. 49)	São aquelas que expressam adição e podendo ocorrer na correlação.
Cunha e Cintra (2001, p. 580)	São aquelas que servem para ligar simplesmente dois termos ou duas orações de idêntica função.
Kury (2003, p. 66)	São aquelas que quando os vários pensamentos coordenados estão simplesmente em sequência, sem o acréscimo de outra ideia. Pode ocorrer correlação por meio de locuções.
Cegalla (2008, p. 590)	São aquelas que as orações aditivas são aquelas que dão ideia de adição.
Bechara (2009, p. 396)	São aquelas que apenas indicam que as unidades que une (palavras, grupos de palavras e orações) estão marcadas por uma relação de adição.
Rocha Lima (2011, p. 235)	São aquelas que as orações aditivas relacionam pensamentos similares.

Fonte: pesquisadora

De acordo com o quadro, analisamos que as definições das aditivas apresentam similaridade, tendo em vista que todos os autores definiram-nas como aquelas que expressam uma ideia de adição. Todavia, percebemos, por meio da definição de Cegalla (2008), Cunha e Cintra (2001) e Rocha Lima (2011), que o conceito é pautado nas orações coordenadas, a partir de suas conjunções, ocorrendo, assim, não só laconismo como também uma circularidade na definição.

É necessário destacar que os autores não se aprofundam no que diz respeito à estrutura e nem mesmo mencionam outros tipos de relações semânticas que desempenha esse tipo de oração.

Outro ponto para o qual podemos chamar a atenção é que apenas Luft (2000) e Kury (2003) destacam que as orações aditivas também podem ser correlatas por meio de locuções correlativas.

Levando em consideração que existe alguma associação entre as relações estabelecidas pelas conjunções e as orações que elas conectam, prestemos atenção para as conjunções aditivas destacadas pelos autores.

QUADRO 08: conjunções aditivas

CONJUNÇÕES ADITIVAS	
Melo (1978, p. 145)	As principais conjunções aditivas são: <i>e</i> , <i>nem</i> , <i>mas também</i> , etc.
Luft (2000, p. 49)	As principais conjunções são <i>e</i> , <i>nem</i> . Apresenta como orações correlatas às aditivas introduzidas por <i>não só... mas também</i> .
Cunha e Cintra (2001, p.580).	As principais conjunções aditivas são: <i>e</i> , <i>nem</i> [= <i>e não</i>].
Kury (2003, p. 66)	As principais conjunções aditivas são : <i>e</i> , <i>nem</i> , ou pelas locuções <i>não só... mas (também)</i> , <i>tanto... como</i> , e análogas.
Cegalla (2008, p. 590)	As principais conjunções aditivas são: <i>e</i> , <i>nem</i> , <i>mas também</i> , <i>mas ainda</i> , <i>senão também</i> , <i>como também</i> , <i>bem como</i> .
Bechara (2009, p. 407)	As principais conjunções aditivas são: <i>e</i> (para a adição das unidades positivas) e <i>nem</i> (para as unidades negativas).
Rocha Lima (2011, p. 260)	As principais conjunções aditivas são:: <i>e</i> e <i>nem</i> . A primeira une duas afirmações; a segunda (equivalente a e não), duas negações.

Fonte: pesquisadora

A partir do quadro, averiguamos que existe uma consonância entre os autores em relação às conjunções *e* e *nem*, as quais se apresentam como as conjunções mais comuns das orações aditivas. Salientamos que as conjunções correlatas aditivas são mencionadas apenas por Luft (2000) e Kury (2003).

Vale destacar que Bechara (2009), por mais que considere apenas o *e* e o *nem* como conectores de adição, menciona as típicas conjunções correlatas aditivas, e explica que elas são vistas como expressões enfáticas da coordenação. O autor esclarece que “para esta ênfase o idioma se serve de vários recursos. Assim, a adição pode vir encarecida das expressões do tipo: *não só... mas (também) não só... mas (ainda) não só... senão (também) não*, etc”. (p. 407)

A partir desses autores, podemos afirmar que as orações aditivas são mencionadas de modo genérico, de maneira que a ideia de adição só surge nas gramáticas quando se fala de conjunções. Rosário (2012, p.128) assevera que é possível:

uma sistematização das construções aditivas em um *continuum* de crescente integração e dependência. Assim, defendemos que nem todas as estruturas aditivas são estruturas de coordenação. Ao contrário, as diferentes construções estendem-se em um espectro que vai da justaposição paratática até a hipotaxe aditiva (introduzidas por *além de*).

Sendo assim, percebemos que as estratégias de veiculação da ideia de adição no português são variadas. Rosário (2012) explica, ainda, que essa variedade de modos para a representação da correlação aditiva se difere do papel desempenhado pela coordenação aditiva, uma vez que são distintas tanto no plano morfossintático quanto semântico-pragmático.

Na *Gramática de Usos*, Neves (2011[2000]) inicia o estudo das orações mostrando quais são as conjunções coordenadas, a primeira delas é a coordenação com *E*. A conjunção *E* marca uma relação de adição entre os segmentos coordenados, porém é exposto que existe outra forma de construção das aditivas, a qual a autora classifica como correlativas, do tipo de *não só..., mas também, como também*. Tomamos o seguinte exemplo:

1) Pesquisador infatigável, estudava **não só** o organismo humano, **mas também** o animal. (p. 742)

A partir desse exemplo, Neves (2011[2000]) justifica que esse tipo de construção forma as orações aditivas binárias, sendo que essas construções ficam no meio do caminho entre:

a) as **não correlativas aditivas** com *E*, como:

2) Pesquisador infatigável, estudava o organismo humano, **e** o animal. (Aditivas enéreas) (p.742)

b) as **correlativas comparativas**, como

3) Pesquisador infatigável, estudava **tanto** o organismo humano, **quanto** o animal. (comparativas binárias) (p.742)

Outro tipo de conjunção aditiva apresentada, que, na visão da citada autora, assume a correlação é a conjunção *NEM*. É esclarecido que, “diferentemente do *E*, o *NEM* pode construir-se em correlação, e assim, ocorrer já no primeiro dos (dois ou mais) segmentos negativos postos em relação de adição” (Neves, 2011[2000], p. 752). A autora acrescenta que na primeira posição, o *NEM* compõe com o segundo *NEM* a correlação aditiva negativa:

4) **nem** a virtude, **nem** a modéstia contribuíram para a minha defesa naquele difícil transe. (p. 752)

5) Nos minuciosos relatórios enviados pelos agentes de seguros **nem** os homens, **nem** as mulheres, **nem** as mulheres despedaçadas foram incluídas. (p. 752)

A autora também explica que podem ocorrer duas correlações em sequência:

6) Eu ficava olhando seu gesto impreciso porque uma bolha de sabão é mesmo imprecisa, **nem** sólida **nem** líquida, na realidade **nem** sonho. (p. 752)

Ou ainda, se o verbo do enunciado preceder o conjunto correlacionado por *nem*, a negação do enunciado tem de marcar-se por algum outro elemento de negação; nesse caso fica evidente que o *NEM* do primeiro elemento da correlação não é uma conjunção:

7) Era quase um menino, **não** tinha **nem** pai, **nem** mãe, **nem** parentes vivos. (p. 753)

8) Eu **não** quero **nada** que venha daquele homem, **nem** perdão, **nem** compreensão, **nem** justiça, **nem** ódio eu quero! (p. 753)

De acordo com Módolo (2008), a correlação aditiva estabelece uma relação de adição entre as partes correlacionadas, sendo assim, existem os seguintes tipos de construções correlativas aditivas:

(i) *constituído de uma única partícula na segunda parte correlacionada:*

não só... mas, não só... senão, não só... porém, não só... como, não só... também, não somente... mas, etc.

(ii) *constituído de duas partículas na segunda parte correlacionada:*

não só... mas também, não só... mas ainda, não só... mas até, não só... senão também, não só... senão ainda, não só... senão que, etc.

(iii) *constituído, por cruzamento sintático, de três partículas na segunda parte correlacionada:*

não só... senão que também, não somente... senão que também;

(iv) *o termo intensificador interferindo no primeiro elemento da correlação:*

não tão-somente... mas, não tão-somente... mas ainda (MÓDOLO, 2008, p. 1095)

Nessa conjuntura, percebemos que as conjunções aditivas no âmbito da correlação não são formas simples nem se resumem a encabeçar a segunda sentença; pelo contrário, trata-se de conjunções complexas, e, por consequência, ocasionam maior esforço cognitivo por parte do interlocutor para adesão desses enunciados. A seguir, verificamos as orações alternativas.

2.3.2 Orações correlatas alternativas

Assim como ocorre com as orações aditivas, observamos que há algumas divergências envolvendo a classificação das orações alternativas. Alguns pesquisadores as classificam como coordenadas, enquanto outros as classificam como correlatas. Nesse sentido, se faz necessário apresentar uma síntese com relação ao tratamento dado à oração alternativa por alguns gramáticos. Vejamos:

QUADRO 09: Oração alternativa nas gramáticas tradicionais

ORAÇÃO ALTERNATIVA NAS GRAMÁTICAS	
Melo (1978, p. 147)	São aquelas que indicam ideia de alternância ou de exclusão.
Luft (2000, p. 51)	São aquelas que apresentam ideia de alternância e pode ocorrer correlação.
Cunha e Cintra (2001, p.580).	São aquelas que ligam dois termos ou orações de sentido distinto, indicando que, ao cumprir-se um fato, o outro não se cumpre.
Kury (2003, p. 68)	São aquelas que as várias orações exprimem pensamentos que se alternam, ou se excluem.
Cegalla (2008, p. 290)	São aquelas que exprimem alternativa, alternância.
Bechara (2009, p. 396)	São aquelas que possuem um valor alternativo, quer para exprimir a incompatibilidade dos conceitos envolvidos, quer para exprimir a equivalência deles.
Rocha Lima (2011, p. 260)	Não apresentou definição para as alternativas, apenas disse que: as orações coordenadas sindéticas recebem o nome das conjunções que as iniciam, classificando-se, portanto, em: aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas.

Fonte: pesquisadora

De acordo com o quadro, as definições das alternativas são pautadas apenas nas conjunções.

Kury (2003) e Cegalla (2008) são os únicos a levarem em consideração o viés semântico dessa estrutura. Cunha e Cintra (2001), mesmo citando que as alternativas são aquelas que ligam dois termos ou orações de sentido distinto, não exploram a carga semântica que esses termos podem desempenhar. Bechara (2009), embora mencione as relações semânticas marcadas pelas conjunções, não aprofunda, apenas classifica o tipo de oração de acordo com os conectores.

De maneira geral, podemos dizer que as definições sobre as orações alternativas são circulares, e que a definição das orações a partir de suas conjunções é empregada pela maioria das gramáticas tradicionais.

Levando em consideração que existe uma ligação entre o sentido expresso pelas conjunções e as orações que elas introduzem, atentemos para as definições de conjunções alternativas apresentadas pelos mesmos autores, considerando como tais gramáticos abordam essa questão. É interessante destacar que, mesmo não mencionando a correlação, devemos prestar atenção ao modo como os gramáticos apresentam os conectivos correlativos alternativos.

QUADRO 10: Conjunções alternativas

CONJUNÇÕES ALTERNATIVAS	
Melo (1978, p. 147)	As principais conjunções alternativas são: <i>Ou... ou, quer... quer, seja... seja, ora... ora.</i>
Luft (2000, p. 51)	A principal conjunção alternativa é <i>ou</i> . Apresenta como orações correlatas as alternativas que possui o <i>ou, ora</i> e <i>quer</i> redobrado.
Cunha e Cintra (2001, p.580).	As principais conjunções alternativas são <i>ou</i> (repetida ou não) e, quando repetidas, <i>ora, quer, seja, nem</i> , etc.
Kury (2003, p. 68)	As principais conjunções alternativas são: <i>Ou... ou, quer... quer, ora... ora.</i>
Cegalla (2008, p. 290)	As principais conjunções alternativas são: <i>ou, ou... ou, ora... ora, já... já, quer... que</i> , etc.
Bechara (2009, p. 397)	As principais conjunções alternativas são: <i>Ou... ou, quer... quer. seja... seja, ora... ora.</i>
Rocha Lima (2011, p. 260)	As principais conjunções alternativas são : o tipo é <i>ou</i> , que pode repetir- se, ou não, antes de todos os elementos coordenados. Além dela, indicam alternância: <i>ora... ora-, quer... quer-, já... já-, seja... seja.</i>

Fonte: pesquisadora

Verificamos que há um consenso entre os gramáticos em relação à conjunção *ou*, que pode vir repetida ou não. Vale destacar que as correlatas alternativas não são mencionadas de forma direta, embora elas sejam vistas como estruturas instanciadas por conjunções em repetição (ou conjunções duplicadas).

Embora os gramáticos acima tenham se referido à conjunção *seja... seja*, Bechara (2009) é o único que explica que esse par não está totalmente gramaticalizado, tanto que em certas construções aparece flexionado, como no exemplo: “Sempre discordam de tudo, *sejam* as discordâncias ligeiras, *sejam* de peso.” Por sua vez, ele não considera os pares correlatos *seja...seja*, *quer...quer* e *ora...ora* como conectores, como confirmado na afirmação a seguir:

A enumeração distributiva que matiza a ideia de alternância leva a que se empreguem neste significado advérbios como *já, bem, ora* (repetidos ou não) ou formas verbais imobilizadas como *quer... quer, seja... seja*. Tais unidades não são conectores e, por isso, as orações enlaçadas se devem considerar justapostas. (BECHARA, 2009, p.397)

Nesse sentido, comprovamos que Bechara (2009) não considera os itens citados acima como conectores, deixando de considerar, de certa forma, o processo de gramaticalização sofrido por essas formas verbais.

Garcia (1988), por sua vez, fundamenta que a alternativa típica *ou* “relaciona ideias que se excluem ou se alternam, podendo repetir-se antes de cada um dos elementos por ela

encadeados: *Ou vai ou racha*” (p. 40). O autor chama atenção que as outras alternativas vêm obrigatoriamente repetidas, em pares: *ora... ora, quer... quer, já... já, seja... seja*. E destaca que em algumas situações o par *quer... quer* se interpola com *seja... seja*, dando lugar a uma estrutura aparentemente híbrida alternativa-concessiva, pois:

Nesse caso, *seja* é mesmo o verbo *ser*, tanto assim que não só concorda com o nome (sujeito ou predicativo) que se lhe posponha como também pode ser substituído por outro verbo: “Hão de pagar o prejuízo, quer sejam (culpados) quer não sejam culpados.” “Hão de pagar o prejuízo, quer lhes caiba (a culpa) quer não lhes caiba a culpa”. (GARCIA, 1988, p.40)

Na *Gramática de Usos*, Neves (2011[2000]) menciona que a conjunção coordenativa *ou* marca uma disjunção na alternância entre o elemento coordenado no qual ocorre e o elemento anterior. Nessa perspectiva, a correlação é vista apenas em um caso nas coordenadas alternativas, quando os dois elementos coordenados iniciam por *ou*, a disjunção é sempre exclusiva. Exemplificando:

- 1) *Ou ninguém notara ou tinham pena de nós.*
- 2) *Ou se faz direito ou não se faz.* (p. 771)

Analisando o exemplo (1), dado por Neves (2011[2000]), observamos que a conjunção *ou* não é uma estrutura simples, uma vez que ela se redobrou, tornando-se uma estrutura complexa. Logo, no exemplo (1), podemos dizer que se trata de uma oração correlata alternativa, já que se cria uma expectativa para o que será explicitado pela apódose *ou tinham pena de nós*. É como se a primeira oração servisse como elemento focalizador para anunciar o que será apresentado na segunda oração.

Castilho (2010) afirma que as correlatas alternativas podem exprimir incompatibilidade dos conceitos envolvidos ou equivalência deles. A correlata alternativa introduz duas sentenças “iguais”, que não são sintaticamente autônomas, mas não chega a ser uma subordinação, pois não é um processo de encadeamento. Seus conectores podem ser *já... já, nem... nem, ora... ora, ou... ou, quer... quer, seja... seja*.

O teórico afirma que as correlatas alternativas não apresentam um comportamento homogêneo, “por serem ainda muito fortes suas características lexicais (algumas conjunções desse tipo ainda estão no começo da gramaticalização, o que diminui sua combinatória com outras expressões)” (CASTILHO, 2010. p.389).

Diante desse contexto, notamos que definir as orações alternativas apenas como coordenadas revela-se um procedimento limitado, posto que elas apresentam características particulares relacionadas à sua estrutura, como também, em relação aos aspectos pragmáticos,

semânticos e discursivos que as constituem como um processo de articulação de orações que pertence à correlação. A seguir, verificamos as orações comparativas.

2.3.3 Orações correlatas comparativas

O tratamento que as gramáticas dão às orações comparativas também apresenta lacunas em relação a sua classificação. Vale enfatizar que muitos autores as classificam ora como subordinadas e ora como correlatas. Nesse sentido, vejamos, a seguir, o que alguns gramáticos dizem em relação à oração comparativa.

QUADRO 11: Oração comparativa nas gramáticas tradicionais

ORAÇÃO COMPARATIVA NAS GRAMÁTICAS	
Melo (1978, p. 149)	São aquelas que exprimem uma ideia de comparação. Pode acontecer correlação: um termo em cada oração.
Luft (2000, p. 55)	São aquelas que apresentam ideia de comparação. Apresenta como orações correlatas comparativas às estruturas de grau.
Cunha e Cintra (2001, p.585).	São aquelas que iniciam uma oração que encerra o segundo membro de uma comparação, de um confronto.
Kury (2003, p. 91)	São aquelas que equivalem a um adjunto adverbial de comparação; As comparativas quantitativas se encontram em correlação com uma palavra intensiva da oração principal.
Cegalla (2008, p. 291)	São aquelas que introduzem orações que representam o segundo elemento uma comparação.
Bechara (2009, p. 397)	São aquelas em que a comparação pode ser assimilativa ou quantitativa
Rocha Lima (2011, p. 237)	Apenas expõe quais as conjunções.

Fonte: pesquisadora

Observando as definições sobre as orações comparativas, verificamos que, de modo semelhante às orações anteriores, a definição das orações comparativas é pautada apenas em relação às conjunções, esquecendo-se, assim, de verificar os aspectos estruturais, semânticos e pragmáticos.

Percebemos que Melo (1978), Luft (2000) e Kury (2003) apresentam de forma direta a correlação comparativa. Cunha e Cintra (2001) e Cegalla (2008) trazem a definição de forma indireta, pois eles explicam que a comparação ocorre por meio de dois termos, um que se inicia e outro que vem na segunda oração.

É interessante observar a definição de Bechara (2009) ao dividir as orações comparativas em assimilativa e quantitativa. O gramático explica que é assimilativa “quando

consiste em assimilar uma coisa, pessoa, qualidade ou fato a outra mais impressionante, ou mais conhecida” (p.403).

Já a comparação quantitativa, Bechara (2009, p. 403) explica que “consiste em comparar, na sua quantidade ou intensidade, coisas, pessoas, qualidades ou fatos”. Nesse caso, ele classifica em três tipos de comparação quantitativa:

- a) *Igualdade* – introduzida por *como* ou *quanto* em correlação com o advérbio *tanto* ou *tão* da oração principal.
- b) *Superioridade* – introduzida por *que* ou *do que* em correlação com o advérbio *mais* da oração principal.
- c) *Inferioridade* – introduzida por *que* ou *do que* em correlação com o advérbio *menos* da oração principal. (BECHARA, 2009, p. 404)

Nesse contexto, vale destacar quais as principais conjunções abordadas pelos gramáticos. Vejamos:

QUADRO 12: conjunções comparativas

CONJUNÇÕES COMPARATIVAS	
Melo (1978, p. 149)	As principais conjunções comparativas são: <i>Que, do que</i> , relacionados a <i>mais, menos, maior, menor, melhor, pior-, qual... tal-</i> , <i>como</i> (relacionado a <i>tal, tão, tanto</i>); etc.
Luft (2000, p. 55)	As principais conjunções comparativas são: <i>(tal) qual, tal e qual, assim como, (tal) como, (tão ou tanto)</i> , etc. E ainda apresenta as conjunções correlatas comparativas: por <i>tal... tal, mais, menos... (do) que</i> .
Cunha e Cintra (2001, p.585).	As principais conjunções comparativas são: <i>que, do que</i> (depois de <i>mais, menos, maior, menor, melhor e pior</i>), <i>qual</i> (depois de <i>tal</i>), <i>quanto</i> (depois de <i>tanto</i>), <i>como, assim com o, bem com o, com o se, que nem</i> .
Kury (2003, p. 91)	As principais conjunções comparativas são: admite, no âmbito das comparativas, a existência de palavras ou locuções correlativas como: <i>assim, assim também, tão, tanto, mais, menos</i> , etc.
Cegalla (2008, p. 291)	As principais conjunções comparativas são: “ <i>(tal) qual, tal e qual, assim como, (tal) como, (tão ou tanto) como, (mais) que ou do que, (menos) que ou do que, (tanto) quanto, que nem, feito (= como, do mesmo modo que), o mesmo que (= como)</i> ”.
Bechara (2009, p. 403)	As principais conjunções comparativas são: as unidades comparativas assimilativas são <i>como</i> ou <i>qual</i> , podendo estar em correlação com <i>assim</i> ou <i>tal</i> postos na oração principal. “ <i>A ignorância, qual outro Faetonte, ousa muito e se precipita como ele</i> ”.
Rocha Lima (2011, p. 237)	As principais conjunções comparativas são: <i>Que, do que</i> (relacionados a <i>mais, menos, maior, menor, melhor, pior-</i>), <i>qual</i> (relacionado a <i>tal-</i>), <i>como</i> (relacionado a <i>tal, tão, tanto</i>); <i>como se</i> , etc.

Fonte: pesquisadora

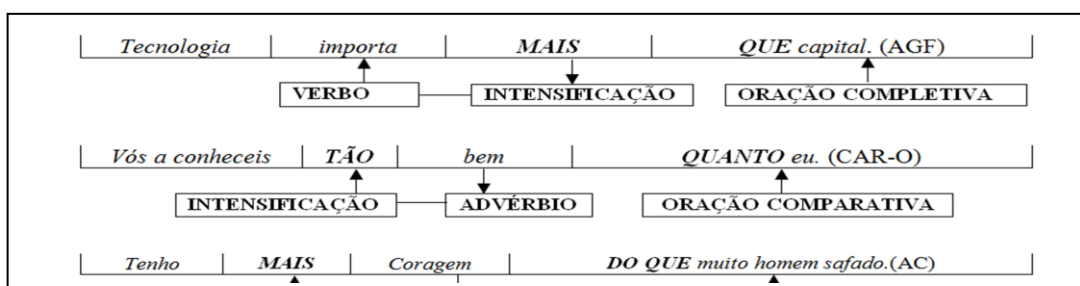
Podemos observar que há uma concordância em relação às conjunções comparativas. Destacamos que essas conjunções não apresentam estruturas simples, sendo assim, não

podem ser classificadas apenas como subordinadas, mas por sua estrutura e valor semântico, rotulamos como correlatas.

Neves (2011[2000]) também menciona o estatuto da correlação no *modo de construção das comparativas*, e esclarece que são compostas de uma oração nuclear, ou principal (como já foi dito, para a tradicional), e uma oração comparativa, que constitui um segundo termo de comparação em relação à oração principal.

Entretanto, Neves (2011 [2000], p. 898) destaca que as comparativas podem ocorrer por meio da correlação, e explica que são estruturas de dois formatos “em que um enunciado pode ser composto de uma oração principal que contenha a intensificação relativa de um processo (verbo), uma qualidade (adjetivo), uma circunstância (advérbio)” ou ainda uma “quantificação relativa de um elemento (substantivo)”.

Para exemplificar, a partir de Neves (2011 [2000], p. 898):



Neves (2011 [2000]) também explica que as construções comparativas que indicam *igualdade* implicam uma ideia de adição correlativa do tipo de: *não só..., mas também*, que se formam a uma comparação.

Nesse sentido:

- 1) Tanto *Dozinho* quanto *Rodopião* tinha morrido por vaidade. (p. 899)

Em que podemos esquematizar como sendo:

<i>= não só</i>	<i>Dozinho</i>
<i>como também</i>	<i>Rodopião</i>

Assim, observamos não apenas uma ideia de comparação, mas também uma ideia de adição correlativa.

Outro ponto que é chamado à atenção pela autora é quando ela explica que as correlativas comparativas também podem ocorrer nos seguintes casos:

- a) na oração principal, um elemento de inclusão (*também, assim também, etc.*);
- b) na oração comparativa, a conjunção comparativa *como* precedida pelo indicador fórico modal *assim* (*assim como*) (NEVES, 2011 [2000], p. 899).

Esses casos mencionados podem ser exemplificados da seguinte maneira:

2) *Assim como* o sistema se diferencia (na modernidade) em dois subsistemas (economia e estado, *também* ocorrem diferenciações no interior do “mundo vivido”. (p. 899).

Percebemos que essas construções também implicam uma ideia de adição comparativa como podemos ver no esquema:

= do mesmo modo que	<i>o sistema se diferencia em dois subsistemas</i>
do mesmo modo <i>também</i>	<i>ocorrem diferenciações no interior do “mundo vivido”</i>

Neves (2011 [2000]) explica que nas construções comparativas pode ocorrer o caso delas serem não correlatas, e as define como:

Construções que não têm nenhum elemento na oração principal marcado por quantificação relativa e têm a oração comparativa iniciada por conjunção ou locução conjuntiva indicadora de comparação de igualdade: *como*, *assim como*, *tanto quanto*, *tal qual*, *tal como*, *do mesmo modo que*. (NEVES, 2011 [2000], p. 900)

Outro ponto que é observado pela pesquisadora na correlação comparativa são as relações que elas exprimem que podem ser de *igualdade* ou de *desigualdade*. A comparação de desigualdade pode ser dividida em *superioridade* ou *inferioridade*. Logo, a comparação de igualdade pode ser dividida em *quantidade* e *intensidade* como em 3 e 4, respectivamente:

3) É sempre prudente levar na comitiva *tantos* domadores de feras *quantas* crianças houver (p.901)

4) Luizinho já sabia rastrear uma caça quase *tão* bem *quanto* o velho. (p.901)

Neves (2011 [2000]) ainda esclarece que o efeito semântico de alguns enunciados como *tanto... quanto/como* pode não ser exatamente comparativo, uma vez que:

O elemento *tanto* não quantifica nem intensifica, mas simplesmente destaca o primeiro membro do cotejo; o elemento *quanto/como* introduz o segundo membro do cotejo, e o efeito de sentido final é aditivo correlativo (*não só... mas/ como também*) (NEVES, 2011 [2000], p. 901).

Já em relação à comparação de *superioridade*, observamos que pode indicar uma *preferência* – com a correlação *antes... que/do que*, como podemos verificar no exemplo:

5) *Antes* um pássaro *na mão*, *que* dois *voando*. (p. 901)

Castilho (2010, p. 389) afirma que as correlatas comparativas podem se manifestar estabelecendo as seguintes ideias:

- i) Igualdade (*tanto... quanto*),
- ii) Superioridade (*mais... que ou do que*),
- iii) Inferioridade (*menos... que ou do que*)
- iv) Entre duas realidades ou conceitos.

Com isso, Castilho (2010) descreve três classificações para esse tipo de correlação:

I) Na primeira sentença, há intensificação relativa de um processo (verbo), de uma qualidade (adjetivo), de uma circunstância (advérbio) ou quantificação relativa de um elemento (substantivo). Na segunda sentença, há apenas um segundo termo da comparação, da mesma natureza do primeiro.

- a) *Tecnologia importa **mais que** capital.* (**mais** intensificador de **importa**)
- b) *Afinal quem é este Madruga, a voz agora **menos** agressiva **que** antes.* (**menos** intensificador de **agressiva**)
- c) *Vós a conheceis **tão bem quanto** eu.* (**tão** intensificador de **bem**)
- d) *Tenho **mais** coragem **do que** muito homem safado.* (**mais** quantificador de **coragem**) (p. 389)

II) Na primeira sentença, um termo é destacado por uma marca formal, como o primeiro membro de um cotejo, enquanto a segunda sentença também traz um membro destacado por meio de uma marca formal, o segundo membro do cotejo (da mesma natureza do primeiro). Tais construções são sempre de igualdade, implicando uma adição correlativa do tipo *não só..., mas também*, que se soma a uma comparação.

- e) ***Tanto** Dozinho **quanto** Rodopião tinham morrido por vaidade.*
Com a ideia de audição:
- e') ***Não só** Dozinho **como também** Rodopião tinham morrido por vaidade.* (p. 389)

III) Na segunda sentença, o segundo termo correlacionado é posto à altura do primeiro, expresso na primeira sentença, ocorrendo ambos em pé de igualdade:

- f) ***Assim como** nas discussões atuais sobre o aborto há opiniões divergentes, **assim** nos papos de botequim sobre o futebol nunca há acordo à vista.* (p. 389)

Podemos dizer que a tipologia das correlatas comparativas apresenta uma grande variedade, e defini-las apenas por suas conjunções é limitado, já que elas apresentam características particulares que as fazem não só orações subordinadas, como também orações correlatas. A seguir, verificamos as orações consecutivas.

2.3.4 Orações correlatas consecutivas

O estudo das orações consecutivas, assim como o das demais, também apresenta lacunas em relação a sua classificação. Assim como fazem com relação às comparativas,

alguns gramáticos já as classificam como correlatas, por sua estrutura ser complexa, diferentemente das coordenadas. Nesse sentido, se faz necessário apresentar alguns apontamentos em relação ao tratamento dado à oração consecutiva por alguns autores.

QUADRO 13: oração consecutiva nas gramáticas tradicionais

ORAÇÃO CONSECUTIVA NAS GRAMÁTICAS	
Melo (1978, p. 150)	São aquelas que exprimem uma ideia de consequência. Pode ocorrer correlação.
Luft (2000, p. 61)	São aquelas que indicam uma consequência do que foi dito anteriormente. Ideia de correlação nas conjunções dobradas.
Cunha e Cintra (2001, p.588).	São aquelas que iniciam uma oração na qual se indica a consequência do que foi declarado na anterior.
Kury (2003, p. 97)	São aquelas que equivalem a um adjunto adverbial de consequência; exprimem, pois, que o fato declarado na oração subordinada é consequência do que se enuncia na principal. Podem as consecutivas apresentar-se desenvolvidas (simples e correlatas), ou reduzidas (de infinitivo).
Cegalla (2008, p. 292)	São aquelas que exprimem consequência.
Bechara (2009, p. 403)	São aquelas que quando iniciam oração que exprime o efeito ou consequência do fato expresso na oração principal.
Rocha Lima (2011, p. 237)	Apenas expõe quais as conjunções.

Fonte: pesquisadora

Analisando o quadro, percebemos que as definições dos gramáticos são bastante frágeis, afirmando que as orações consecutivas são aquelas que exprimem uma consequência e a definição de oração consecutiva é traçada em relação às conjunções. A seguir, verificamos as conjunções destacadas por esses gramáticos:

QUADRO 14: Conjunções consecutivas

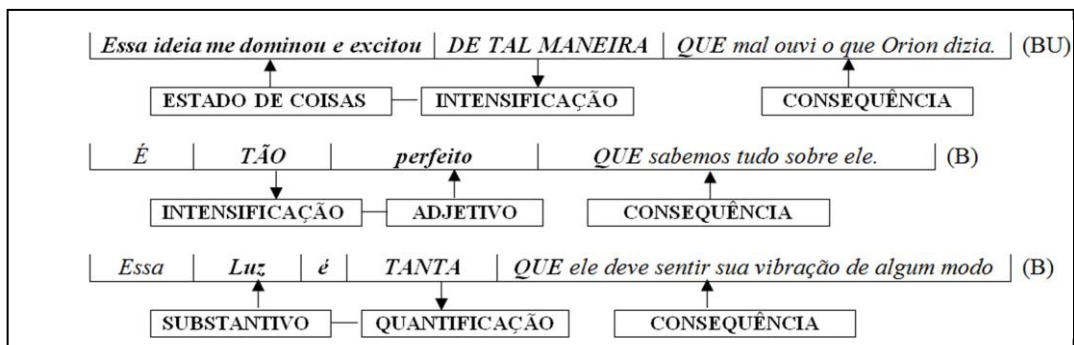
CONJUNÇÕES CONSECUTIVAS	
Melo (1978, p. 148)	As principais conjunções consecutivas são: <i>que, de forma que, tanto</i> , etc E as que são correlatas <i>tão... que, tanto... que</i> .
Luft (2000, p. 61)	As principais conjunções consecutivas são constituídas por <i>tanto, tão, tal... que</i> .
Cunha e Cintra (2001, p.588).	As principais conjunções consecutivas são: <i>que</i> (combinada com uma das palavras <i>tal, tanto, tão</i> ou <i>tamanho</i> , presentes ou latentes na oração anterior), <i>de forma que, de maneira que, de modo que, de sorte que</i> , etc.
Kury (2003, p. 97)	As principais conjunções consecutivas são: Quando desenvolvidas conexas, as consecutivas são introduzidas pelas conjunções ou locuções <i>que, de forma que, de modo que, de sorte que, tanto; que, sem que (= que não)</i> , etc. Mais comuns são as orações consecutivas encabeçadas pela conjunção <i>que</i> em correlação com um termo intensivo (<i>tão, tanto, cada, tamanho</i> , etc.) da oração principal.
Cegalla (2008, p. 292)	As principais conjunções consecutivas são: <i>que</i> (precedido dos termos intensivos <i>tal, tão, tanto, tamanho, às vezes subentendidos</i>), <i>de sorte que, de modo que, de forma que, de maneira que, sem que, que (não)</i> .
Bechara (2009, p. 403)	As principais conjunções consecutivas são: <i>que</i> , que se prende a uma expressão de natureza intensiva como <i>tal, tanto, tão, tamanho</i> , posta na oração principal.
Rocha Lima (2011, p. 237)	As principais conjunções consecutivas são: <i>que</i> (relacionado com <i>tal, tão, tanto, tamanho</i>), <i>de modo que, de maneira que, de sorte que, de forma que</i> .

Fonte: pesquisadora

Assim como nas orações anteriores, notamos que apenas Melo (1978) e Kury (2003) fazem referência à correlação. Bechara (2009) esclarece que a construção da consecutiva é expressa por um período composto, constituída pelo conjunto de uma oração nuclear, ou principal, e uma consecutiva. Portanto, o gramático chama atenção para esse tipo de construção afirmando que uma das construções consecutivas com antecedentes é do tipo correlata.

Neves (2011 [2000], p.913) assegura que as orações consecutivas podem ter o formato de “a uma primeira oração conter uma intensificação do estado de coisas, ou seja, da predicação como um todo”, ou ainda como uma “intensificação ou quantificação de um dos elementos (substantivos, adjetivos, adverbio)”.

Um outro formato, de acordo com a pesquisadora, que as construções correlativas consecutivas podem assumir, é quando “uma segunda oração que expressa uma consequência do estado de coisas, ou do elemento intensificado ou quantificado na primeira oração” (NEVES, 2011 [2000], p. 913). Sendo assim, podemos exemplificar:



(Neves, 2011 [2000], p.913)

Observando os exemplos de Neves (2011 [2000], p. 913), podemos dizer que na primeira oração há um correlator que serve com intensificador para um estado de coisas, substantivo, ou adjetivo, criando, portanto, a expectativa para a enunciação seguinte, tão característica desse tipo de construção. A segunda oração é introduzida pelo segundo correlator 'que'.

Castilho (2010) expõe que as correlatas consecutivas se caracterizam pelo fato de a segunda sentença apresentar a consequência, resultante de uma ênfase referida ao causador. As principais conjunções são *tão... que*, *tanto... que* (adjacentes ou não), *de tal arte... que*, *de tal modo... que*, *de forma... que*, *de modo... que*, *por maneira... que*.

Para melhor descrição das sentenças correlativas consecutivas, Castilho (2010) se fundamenta no estudo de Módolo (2008), o qual aponta três tipos de conjunções que aparecem nas consecutivas:

- i) Formas consecutivas entram como primeiro elemento da correlação: *tanto*, *tão*, *tal*, *tamanho*, *assim*, e como segundo elemento a conjunção *que*.
- ii) Formas substantivas entram na composição do primeiro membro da consecutiva, com o elemento *tal* + substantivo antecedido de preposição: *de tal arte... que*, *de tal feição... que*, *de tal sorte... que*, *em tal maneira... que*, *por tal figura... que*, *por tal guisa... que*.
- iii) A forma adverbial *tal* pode ser elidida: *de feição... que*, *de forma... que*, *de guisa... que*, *de jeito... que*, *de maneira... que*, *de modo... que*, *de sorte... que*, *por forma... que*, *por maneira... que*, *por modo... que*. (CASTILHO, 2010, p.390)

Perante o exposto, faz-se necessário evidenciar que os quatros tipos de construções correlatas são pouco estudados na visão dos gramáticos, o que corrobora a justificativa desta pesquisa.

Assim, o próximo capítulo integrará o perfil metodológico utilizado no trabalho, dados de análise e a ocorrência dos tipos de correlação, com a quantificação dos pares correlatos encontrados no *corpus*.

3. PERFIL METODOLÓGICO

Neste terceiro capítulo detalhamos os dados de análise, e os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa. O capítulo está dividido em quatro seções. Na primeira, mostramos brevemente a natureza e tipo de pesquisa. Na segunda, a caracterização do *corpus*. Na terceira, como foi feita a seleção dos dados. E, por fim, na quarta seção, destacaremos quais critérios serão usados em nossa análise.

Como vimos expondo ao longo do trabalho, a pesquisa tem como objetivo geral:

- Descrever o comportamento das estruturas correlatas em situações reais de comunicação.

E, de maneira mais específica, objetiva:

- Comparar o comportamento da correlação nas perspectivas tradicionais e funcionais;
- Demonstrar que as estruturas correlatas alternativas, aditivas, comparativas e consecutivas apresentam características que as diferenciam das típicas coordenadas e subordinadas;
- Analisar o comportamento semântico e sintático que envolve essas estruturas dentro da correlação;
- Analisar a prototipicidade dos conectores correlato, a partir da verificação da presença/ausência de critérios de pertencimento propostos à categoria.

A fim de alcançar esses objetivos, delineamos uma pesquisa com vistas à investigação do fenômeno da correlação em situações de uso da língua. Além disso, almejamos, ao final da averiguação dos dados, contribuir com a descrição do português contemporâneo, por meio da análise de dados nas modalidades falada e escrita – *corpus* Discurso & Gramática (D&G sede Natal).

Sendo assim, optamos por uma análise pautada no Funcionalismo Linguístico, por acharmos que essa abordagem analisa de maneira mais adequada os fenômenos que ocorrem na língua em uso, pois considera a variação e a mudança como inerentes à dinâmica da língua.

Em relação ao suporte teórico dado pelo Funcionalismo Linguístico, muitos autores têm apresentado novas propostas de identificação e classificação das sentenças complexas. Entre essas propostas funcionalistas, como já citadas anteriormente, destacamos Lehmann (1988), ao considerar que os processos de articulação de orações não podem ser descritos através das dicotomias coordenação/subordinação, estabelecendo uma tipologização das sentenças complexas a partir de um *continuun* que leva em conta níveis de maior ou menor vinculação sintática entre orações.

Dividimos a apresentação dos procedimentos metodológicos aqui adotados em três seções. Na seção 3.1, apresentamos a natureza e tipo de pesquisa; na seção 3.2, a caracterização do *corpus*; na seção 3.3 mostraremos como foi realizada a seleção dos dados; e por fim, na seção 3.4, os critérios de análise.

3.1. Natureza e tipo da pesquisa

A fim de alcançar os objetivos anteriormente apresentados, esta pesquisa se configura como qualitativa, uma vez que esse tipo de pesquisa “responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes” (MINAYO, 2001, p.21-22).

Ainda em relação ao tipo de pesquisa, ela é de caráter descritivo-interpretativista, pois não só descreve o fenômeno linguístico em estudo, como também busca interpretá-lo a partir dos contextos evidenciados. Andrade (2002) destaca que a pesquisa descritiva preocupa-se em observar os fatos, registrá-los, analisá-los, classificá-los e interpretá-los. Esteban (2010) aponta que o interpretativismo é uma perspectiva teórica que desenvolve interpretações da vida através do viés social, além de analisar aspectos culturais e históricos no mundo.

Esse tipo de pesquisa se acomoda bem à perspectiva teórica de cunho funcionalista, uma vez que não busca uma interpretação estanque, isolada dos fatos, mas sim a leitura de um fenômeno linguístico levando em conta uma determinada situação comunicacional.

3.2 Caracterização do *corpus*

A escolha do *corpus* não foi aleatória, posto que a presente pesquisa busca analisar o comportamento das orações correlatas em situações reais de comunicação, consideramos imprescindível refletir sobre os apontamentos de Cezario e Furtado da Cunha (2013, p.15), quando mencionam a importância de “adotar uma metodologia que leve em conta não apenas a interdependência desses fatores, mas sua atuação contextualmente diferenciada”. Além disso, as autoras salientam que:

Como estamos interessados no uso da língua em situações reais de interação comunicativa, a aferição da frequência de ocorrência de um dado fenômeno linguístico é importante, já que assinala aquilo que o uso consagra como estratégia de comunicação em um determinado contexto. (CEZARIO e FURTADO DA CUNHA, 2013, p.21)

Sendo assim, optamos pelo *corpus* do Grupo Discurso & Gramática (Grupo D&G), que é constituído por textos falados do português brasileiro, resultantes de entrevistas

sociolinguísticas, acompanhados de sua versão escrita. Os indivíduos entrevistados são estudantes cujo grau de escolaridade vai desde a alfabetização até o último ano do ensino superior, de cinco cidades brasileiras: Niterói (RJ), Rio de Janeiro (RJ); Rio Grande (RS), Juiz de fora (MG) e Natal (RN).

Para a presente pesquisa o recorte escolhido para análise foi o D&G de Natal – RN; a escolha dessa cidade justifica-se pelo fato de que o *corpus* se aproxima com o nosso contexto, por imaginarmos que representa uma amostra de fala da região em que vivemos, e também, por possuir tanto dados da língua falada, quanto da língua escrita, o que possibilita fazer um comparativo entre essas modalidades.

O D&G de Natal foi constituído em 1990, sob a coordenação da professora Maria Angélica Furtado da Cunha. As atividades desenvolvidas no referido Grupo centram-se, portanto, nas questões suscitadas a partir de dados de língua falada e de língua escrita de falantes da cidade de Natal.

Para melhor visualizar o *corpus*, se faz necessário detalhar a estratificação dos informantes. O *corpus* abarca cinco diferentes gêneros de textos orais transcritos: narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, descrição de local, relato de procedimento e relato de opinião, bem como seus correspondentes na modalidade escrita, redigida pelos próprios entrevistados após suas declarações orais. Desta forma, os participantes produziram cinco textos na modalidade falada e os mesmos cinco na escrita, totalizando um número de 10 produções textuais por informante.

Foram contabilizados 16 (dezesesseis) informantes, sendo 08 (oito) do sexo feminino e 08 (oito) do sexo masculino, com níveis de escolaridade de Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II, Ensino Médio e Ensino Superior, conforme evidenciado na tabela 01, a seguir:

Tabela 01: Distribuição dos informantes do *corpus* D&G conforme a escolarização

ESCOLARIZAÇÃO	PARTICIPANTES
Ensino Superior	4
Ensino Médio	4
Ensino Fundamental II	4
Ensino Fundamental I	4
TOTAL	16

Fonte: pesquisadora

Considerando o *corpus*, a tabela 02 apresenta a distribuição quantitativa dos gêneros utilizados nas modalidades falada e escrita na presente pesquisa, como demonstramos a seguir:

Tabela 02: Quantificação do *corpus* analisado conforme o gênero

GÊNERO	QUANTIDADE DE TEXTOS
Narrativa de experiência pessoal	32
Narrativa recontada	32
Descrição de local	32
Relato de procedimento	32
Relato de opinião	32
TOTAL	160

Fonte: pesquisadora

3.3 Seleção dos dados

Para a seleção dos dados, utilizamos o *corpus* já citado, que se encontra disponível para acesso e *download*, pelo meio virtual. Nele, realizamos um apanhado de ocorrências dos pares correlatos alternativos, aditivos, comparativos e consecutivos. Para isso, a coleta de dados, após leitura criteriosa, foi conduzida manualmente, cuidando para manter recortes dos contextos mínimos em que se ambientam os usos. Vale destacar, que o levantamento dos pares em estudo foi baseado na classificação de Castilho (2010).

Para o referido mapeamento dos pares correlatos, decidimos trabalhar com dados tanto da realidade escrita, quanto da realidade falada, por acreditarmos que analisar o fenômeno da correlação nessas duas modalidades constitui uma análise rica e possibilita observar como o fenômeno acontece em cada uma delas.

Após a coleta de dados, quantificamos as ocorrências nas modalidades falada e escrita na ordem decrescente dos pares correlatos dentro da sua classificação. Dando continuidade, separamos as duas modalidades e fizemos a quantificação dos pares correlatos encontrados em cada uma. Após destacarmos a quantificação das ocorrências dos tipos de correlação, fizemos, de forma separada, a quantificação dos itens que funcionam como conectores correlatos alternativos, aditivos, comparativos e consecutivos.

Para procedermos à quantificação desses pares, após a coleta de dados, contamos cada ocorrência manualmente, e para o cálculo da porcentagem, utilizamos a ferramenta *Microsoft Office Excel*.

Na análise, tentaremos estabelecer um diálogo entre os fundamentos teóricos da articulação de orações e dos estudos funcionais da sentença na tentativa de explicitar de que modo o fenômeno tem atingido as estruturas alternativas, aditivas, comparativas e consecutivas.

3.4 Critérios de análise

Observando a teoria até aqui exposta, apontamos que as estruturas correlatas apresentam características particulares no que diz respeito tanto à forma como à função desempenhada. Partindo desse pressuposto, para proceder à análise, é importante destacar quais critérios foram levados em consideração em relação ao fenômeno da correlação no *corpus*. No quadro, expomos quais critérios norteiam a análise:

QUADRO 15: Critérios de análise observados

CRITÉRIOS DE ANÁLISE
▪ Interdependência ▪ Integridade ▪ Tipologia ▪ Propriedades semântico-sintáticas

Fonte: pesquisadora

Deste modo, com base no quadro, faremos uma breve explicação de cada um desses fatores de análise que consideramos importantes para o desenvolver da nossa pesquisa.

Nesse sentido, como foi visto por Rodrigues (2007), a correlação é um fenômeno que se diferencia da coordenação e da subordinação, uma vez que na coordenação existe a independência entre as orações; na subordinação existe a dependência entre as orações; e na correlação existe a interdependência das orações⁴.

Assim sendo, um dos critérios diz respeito ao grau de *interdependência*, que se caracteriza quando um elemento de ligação presente na primeira oração determina a ocorrência de um elemento redobrado na segunda.

⁴ Vale destacar que em nosso recorte encontramos o fenômeno da correlação em dados não oracionais.

Com isso, como ressaltado por Rosário e Rodrigues (2017), a interdependência das estruturas correlatas caracteriza-se pelo fato de essas orações estarem ligadas por meio de dois conectivos. Portanto, a primeira oração depende da segunda, assim como a segunda depende da primeira, sendo ambas as orações correlatas.

Esse fator é importante para nossa análise, tendo em vista que é um dos principais critérios que diferencia a correlação dos outros processos de estruturação sintática. Isto posto, observamos a presença da interdependência nas orações correlatas aditivas, alternativas, comparativas e consecutivas em nossa análise de dados.

O segundo critério diz respeito à *integridade* das orações. Castilho (2010) explica que para avaliar o grau de integridade é necessário alterar a ordem de figuração, uma vez que elas são orações que se estruturam de formas diferentes, e, dependendo do tipo de articulação, existe a possibilidade de inversão.

No caso das estruturas correlatas, o grau de integração, apresenta em sua base o redobramento de conjunções. O interesse por esse critério surgiu pela possibilidade de alguns tipos de estruturas correlatas permitirem a inversão na sua ordem sem alterar o sentido.

Dessa maneira, consideramos fundamental observar como essas estruturas correlatas se comportam. Assim, investigamos aquelas estruturas correlatas que apresentam maior e menor possibilidade de inversão.

Como foi visto em nossa fundamentação teórica, a maior parte dos autores, ao tratar das orações complexas, desconsideram o estatuto da correlação como processo de articulação de oração. Oiticica (1952), entretanto, foi um dos primeiros pesquisadores que afirmou que a classificação dos processos de encadeamento sintático em coordenação e subordinação era insuficiente, e apresentou as orações correlatas como um terceiro tipo. Partindo dessa afirmação, o nosso terceiro critério de análise está relacionado à *tipologia* das orações correlatas.

Baseando-se nessa visão, como foi salientado no capítulo teórico, consideramos a tipologia das estruturas correlatas em relação a seu aspecto estrutural, logo caracteriza-se por apresentar um dos elementos na primeira oração e o outro na segunda correlacionando-se (embora, também tenhamos encontrado em dados não oracionais, como já citado), o que difere das conexões estabelecidas nas orações coordenadas e subordinadas que ocorrem normalmente com apenas uma conjunção.

Diante disso, consideramos importante observar a tipologia das estruturas correlatas em nosso recorte de dados.

O quarto e último critério está relacionado às *propriedades semânticas*, uma vez que alguns pares correlatos podem apresentar além do seu valor por excelência outros valores que resultam do contexto linguístico. Com isso, em análise prévia dos nossos dados, foi verificado que algumas estruturas correlatas apresentaram sobreposição de valores semânticos, a exemplo da proximidade entre as orações correlatas aditivas e as orações correlatas comparativas, o que será verificado com precisão em nossa análise de dados.

Com suporte nesses critérios, será feita a análise do fenômeno da correlação como um terceiro tipo de processo de articulação de orações.

Diante desse contexto, observaremos em nosso *corpus* de análise esses fatores aqui elencados, nas estruturas alternativas, comparativas, aditivas e consecutivas. Esses fatores contribuem para o estudo das orações complexas uma vez que podem evidenciar que a correlação possui características próprias, que a diferenciam do estatuto da coordenação e do estatuto da subordinação.

Após destacarmos os aspectos metodológicos da nossa pesquisa, passemos para o próximo capítulo, em que será feita a análise efetiva dos dados.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, apresentamos a análise de dados conforme o arcabouço teórico exposto em nossa fundamentação.

Antes de iniciarmos a análise propriamente dita, chamamos a atenção para Hopper & Traugott (1997), que apresentam um vasto estudo sobre o período composto, entretanto, não consideram a correlação como um terceiro tipo de articulação de oração. Já Lehmann (1985), em suas análises, acrescenta as correlatas, afirmando que elas não podem ser *encaixadas*. A partir disso, asseveramos que os processos de integração de orações não podem ser descritos somente através das dicotomias coordenação/subordinação e parataxe/hipotaxe.

Este capítulo defenderá que as correlatas são um terceiro tipo de articulação de oração, bem como já mencionado no decorrer do trabalho. Para tanto, nossa análise está dividida em três seções: em 4.1 mostraremos a quantificação dos termos correlatos, bem como a sua classificação; em 4.2, iremos analisar o fenômeno da correlação nos dados de análise; em 4.3, analisaremos o processo de gramaticalização em alguns itens correlatos e, por fim, em 4.4, iremos analisar a prototipicidade dos conectores correlatos. Essas seções abordarão algumas peculiaridades das estruturas correlatas aqui evidenciadas.

4.1 As ocorrências dos tipos de correlação

Para possibilitar melhor entendimento sobre o objeto de estudo, mostraremos a quantificação dos termos correlatos, bem como a sua classificação⁵. Uma primeira análise de nosso *corpus* revelou a existência de uma série de tipos de correlação bastante distintos, que foram organizados em ordem decrescente de frequência. Nesse sentido, almejamos verificar a classificação da correlação apresentada por Castilho (2010) que retoma as ideias de Oiticica (1952) e de Módolo (2008).

Para o mapeamento das ocorrências, optamos por usar dados tanto da modalidade falada, quanto da modalidade escrita. Vale salientar que ao abordarmos fala e escrita, consideramos que não há distinção de superioridade qualitativa entre uma ou outra, tampouco que a falada é primária e a escrita derivada. Nossa intenção é tão somente revelar a compreensão de que essas duas modalidades são formas competentes de realização do sistema linguístico.

A partir disso, constatamos que essa decisão de não separar, a princípio, a modalidade falada e a modalidade escrita possibilita uma análise panorâmica mais produtiva, pois nos

⁵ As ocorrências aqui expostas são consideradas como globais para os dados que vem na sequência.

permite a observação de como o fenômeno da correlação funciona independentemente da modalidade. Na evolução das análises, lidamos como os dados de uma e outra modalidade isoladamente.

A tabela 03 (três) informa a quantificação dos resultados obtidos no *corpus* D&G (Natal) nas modalidades falada e escrita:

Tabela 03: Quantificação da classificação dos tipos de correlação:

TIPO DE CORRELAÇÃO	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	%
Alternativas	66	50,38%
Comparativas	43	32,82%
Aditivas	16	12,21%
Consecutivas	06	4,58%
TOTAL	131	100%

Fonte: pesquisadora

A tabela 03 apresenta a quantificação das ocorrências dos pares correlatos verificados no *corpus* D&G (Natal) tanto na modalidade falada quanto na modalidade escrita. Como descreve a tabela, obtivemos um total de 131 (cento e trinta e uma) ocorrências dos tipos de correlação que esta pesquisa almeja estudar, sendo as correlatas alternativas as mais produtivas, seguidas, respectivamente, em ordem decrescente de frequência, das correlatas comparativas, das aditivas e das consecutivas.

Após a quantificação de cada tipo de correlação, nas modalidades falada e escrita, visando a uma melhor especificação estatística dos dados, foi feita a quantificação separada dessas modalidades como podem ser verificadas nas tabelas 04 e 05:

Tabela 04: Quantificação da classificação dos tipos de correlação – língua falada:

TIPO DE CORRELAÇÃO	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	%
Alternativas	62	54,87%
Comparativas	40	35,40%
Aditivas	07	6,19%
Consecutivas	04	3,54%
TOTAL	113	100%

Fonte: pesquisadora

A tabela 04 ilustra a quantificação das ocorrências dos pares correlatos na modalidade da língua falada. Como podemos observar na tabela, o tipo de correlação de maior ocorrência no *corpus* D&G de Natal foi à correlação alternativa. Na sequência, os tipos de correlação

mais utilizados foram comparativos e aditivos. Sendo a consecutiva o tipo menos produtivo na língua falada.

Tabela 05: Quantificação da classificação dos tipos de correlação – língua escrita:

TIPO DE CORRELAÇÃO	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	%
Aditivas	09	50,00%
Alternativas	04	22,22%
Comparativas	03	16,67%
Consecutivas	02	11,11%
TOTAL	18	100%

Fonte: pesquisadora

Na tabela 05, observamos no que diz respeito à modalidade escrita, um total de 18 ocorrências. O tipo de correlação de maior frequência nessa modalidade foi às aditivas, seguidas das alternativas. Na sequência, aparecem às comparativas e consecutivas.

É válido chamar a atenção para o número de ocorrências do fenômeno da correlação ser superior na modalidade falada aos dados da escrita. Uma possível justificativa para isso ter ocorrido é que, na língua falada, os usuários são mais livres para a criação de novos enunciados, já que a interação dos interlocutores acontece em tempo real, e pode haver “negociações” entre os falantes de uma língua durante esse processo.

Após termos ilustrado a quantificação das ocorrências dos tipos de correlação, se faz necessário destacarmos de forma isolada a quantificação dos itens que funcionam como conectores correlatos encontrados no *corpus* de análise. Para a quantificação, as orações correlatas, tanto na modalidade da língua falada quanto na da língua escrita, são dispostas em ordem decrescente do número de ocorrências, o que redundará nessa sequência: alternativas, comparativas, aditivas e, por fim, consecutivas.

a) Correlação alternativa

Tabela 06: Quantificação dos conectores correlativos alternativos – língua falada:

ITENS CORRELATOS ALTERNATIVOS	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	%
Já... Já	22	35,48%
Ou... ou	17	27,42%
Nem... nem	12	19,35%
Quer... quer	06	9,68%
Seja... seja	02	3,24%
ou (x) ou (x)	01	1,61%
Seja... ou	01	1,61%
Que... ou	01	1,61%
TOTAL	62	100%

Fonte: pesquisadora

Como podemos observar na tabela, o total de ocorrências das alternativas encontradas foi de 62 sendo o item de maior frequência no recorte de dados o *já... já*; na sequência, os itens mais utilizados pelos participantes foram *ou... ou*, *nem... nem* e *quer... quer*. Vejamos, a seguir, a quantificação dos conectores correlativos alternativos na língua escrita.

Tabela 07: Quantificação dos conectores correlativos alternativos – língua escrita:

ITENS CORRELATOS ALTERNATIVOS	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	%
Ou... ou	03	75%
Nem... nem	01	25%
TOTAL	04	100%

Fonte: pesquisadora

Como podemos atentar na tabela, diferentemente do que aconteceu no *corpus* da modalidade falada, a frequência dos conectores correlatos alternativos é baixa, supostamente pela liberdade mais espontânea e inovadora da língua falada. Então, obtivemos um total de apenas 04 ocorrências. O item mais frequente na modalidade escrita é *ou... ou*.

b) Correlação comparativa

Tabela 08: Quantificação dos conectores correlativos comparativos – língua falada:

ITENS CORRELATOS COMPARATIVOS	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	%
Mais... do que	16	40%
Tão... quanto	06	15%
Tão... como	05	12,5%
Tanto... como	05	12,5%
Bem... do que	03	7,5%
Tanto... quanto	03	7,5%
Melhor... do que	01	2,5%
Mais (x) como... do que	01	2,5%
TOTAL	40	100%

Fonte: pesquisadora

A tabela 08 apresenta a quantificação dos conectores correlativos comparativos, totalizando 40 ocorrências, dentre as quais aparecem com maior frequência os itens *mais... do que*, e *tão... quanto*. Na sequência, com o mesmo número de ocorrências os itens *tão... como* e *tão... quanto*. Observemos, a seguir, a quantificação dos conectores correlativos comparativos na língua escrita.

Tabela 09: Quantificação dos conectores correlativos comparativos – língua escrita:

ITENS CORRELATOS COMPARATIVOS	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	%
Mais... do que	02	66,67%
Tanto... quanto	01	33,33
TOTAL	03	100%

Fonte: pesquisadora

A tabela 09 apresenta a quantificação dos conectores correlativos comparativos presentes na amostra de textos escritos, em um total de apenas 03 ocorrências. O item que obteve maior ocorrência foi *mais... do que*, com 02 ocorrências.

c) Correlação Aditiva

Tabela 10: Quantificação dos conectores correlativos aditivos – língua falada:

ITENS CORRELATOS ADITIVOS	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	%
Desde... até	03	42,85%
Não... e sim	02	28,57%
Não só... como	01	14,29%
Não só... mas	01	14,29%
TOTAL	07	100%

Fonte: pesquisadora

A tabela 10 apresenta a quantificação dos conectores correlativos aditivos, com um total de 07 ocorrências. O item de maior frequência foi *desde... até*, seguido do *não... e sim*. A seguir, a quantificação dos conectores correlativos comparativos na língua escrita.

Tabela 11: Quantificação dos conectores correlativos aditivos – língua escrita:

ITENS CORRELATOS ADITIVOS	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	%
Não só... mas também	04	44,45%
Não somente... mas também	01	11,11%
Não somente... como também	01	11,11%
Não só... mas	01	11,11%
Desde... até	01	11,11%%
Não... e sim	01	11,11%%
TOTAL	09	100%

Fonte: pesquisadora

Ao observar a tabela, percebemos que houve a ocorrência de 09 conectores correlatos aditivos. Verificamos que o item mais produtivo foi o *não só... mas também*. É interessante perceber que os itens que apareceram na modalidade da língua escrita são diferentes dos que apareceram na modalidade da língua falada. Uma motivação para isso acontecer é que o usuário da língua, possivelmente, utilizou termos que estavam a serviço do propósito

comunicativo inerentes ao contexto, considerando que fala e escrita se realizam em situações distintas de interação.

d) Correlação Consecutiva

Tabela 12: Quantificação dos conectores correlativos consecutivos – língua falada:

ITENS CORRELATOS CONSECUTIVOS	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	%
Tão... que	03	75%
Tanto... que	01	25%
TOTAL	04	100%

Fonte: pesquisadora

A tabela 12 apresenta a quantificação dos conectores correlativos consecutivos na modalidade falada com um total de 04 ocorrências, sendo o item mais produtivo o *tão... que*. Vejamos, a seguir, a quantificação dos conectores correlativos comparativos na língua escrita.

Tabela 13: Quantificação dos conectores correlativos consecutivos – língua escrita:

ITENS CORRELATOS CONSECUTIVOS	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	%
Tão... que	02	100%
TOTAL	02	100%

Fonte: pesquisadora

Ao observar a tabela (13), percebemos que houve a ocorrência de 02 conectores correlatos consecutivos, ou seja, o par correlato *tão... que*.

Após essa quantificação dos termos correlatos, na seção seguinte será feita uma análise funcional dos dados, considerando fatores semânticos, sintáticos e discursivos inerentes aos usos.

4.2 O fenômeno da correlação nos dados de análise

Nesta seção, iremos abordar algumas peculiaridades das estruturas correlatas aqui analisadas. Para isso, nossa análise está dividida em quatro subseções: em 4.3.1, iremos analisar as estruturas correlatas alternativas; em 4.3.2, as estruturas correlatas comparativas; em 4.3.3, analisaremos as estruturas correlatas aditivas; e por fim, em 4.3.4, as estruturas correlatas consecutivas.

4.2.1 Estruturas correlatas alternativas

Como já citado, não podemos classificar as estruturas alternativas como pertencentes apenas à coordenação. Elas também apresentam características típicas da correlação, que extrapolam a combinação pura e simples de informações independentes. Como mostrado na

seção anterior, obtivemos um total de 66 ocorrências das estruturas correlatas alternativas em nosso recorte de dados, sendo 62 ocorrências na modalidade da língua falada e 04 na modalidade da língua escrita. Vejamos, a seguir, algumas ocorrências desse tipo de estrutura:

a) O par correlato *já... já*

Como apontado em nossa fundamentação, *já... já* é uma típica conjunção alternativa e foi a que apresentou o maior número de ocorrências em nossos dados. De acordo com Faria (1995), esse par se originou do advérbio *já*, do latim *iam* que significa “de modo imediato”, logo, era um advérbio de natureza nominal, denominado modal por assinalar “o modo de ser do evento”. Dessa maneira, dos 66 pares correlatos alternativos, foram encontrados 22 ocorrências do par *já... já* apenas na modalidade da língua falada. Possivelmente, o número de ocorrências desse item foi maior em relação aos outros devido a sua estrutura, por ser morfologicamente mais curta e, por conseguinte, de mais fácil processamento. Atentemos para o exemplo a seguir:

(05)

[...] você viver assim... dando satisfação a ... a tudo ... bom a pessoa ter confiança em você ... tanto a mãe ... como o namorado ... qualquer pessoa ... que confie em você ... não ... toda hora perguntando ... pra onde é que você vai ... o que você fez ... o que deixou de fazer ... isso é triste ... E:... é mesmo ... eu **já** sou o contrário ... eu **já** gosto ... eu já gosto de ... por mim mesma dou satisfação ... do que eu faço... (RM19/D&G/:104 – língua falada)

No excerto (05), observamos uma estrutura correlata alternativa podendo ser destacada pelo correlator *já... já*. Percebemos que esse par correlato indica uma inclusão, assim o par *já...já* foi utilizado como juntivo estabelecendo alternância entre as ideias expressas no contexto. Neste caso, o discurso gira em torno de dar satisfação ou não aos convivas com quem o falante se relaciona. Logo, o informante explica que, diferentemente das outras pessoas que não gostam de dar satisfação, ele gosta.

Portanto, em (05), podemos apontar uma estrutura correlata alternativa, já que se cria uma expectativa para o que será explicitado pela apódose⁶ *eu já gosto... eu já gosto de... por mim mesma dou satisfação*. Assim, afirmamos que esta expectativa gerada é uma característica das correlatas alternativas.

Outro aspecto que podemos analisar é a ordem das estruturas correlatas alternativas encabeçadas por *já... já*. À vista disso, se invertêssemos a ordem das orações, não teríamos grande prejuízo semântico em relação à primeira informação: *eu já gosto... eu já gosto de... por mim mesma dou satisfaçã ... do que eu faço... eu já sou o contrário*.

⁶ Prótase (primeira parte da estrutura) sempre motiva uma apódose (segunda parte da estrutura).

Vejamos outro exemplo desse par correlato:

(06)

[...] **já** na sala de:: janta ... tem a mesa ... com as cadeiras ... aquelas mesa bem redonda né? oval né? **Já** na cozinha ... tem aqueles armários ... a geladeira e o fogão ... aí tem um:: uma coisa de colocar panela num sabe? as vasilhas ... essa ... as panelas grandes de:: de ir pra lá né? panela ... bacia ... tampa ... que coloca tudo numa paredinha como ... como armário num sabe? (LF16/D&G/:165 – língua falada)

Na ocorrência (06), observamos a utilização do item *já... já*, que, como visto no nosso referencial teórico, é uma típica conjunção alternativa que indica alternância dos fatos. No recorte em questão, verificamos que o par correlato *já... já* une dois seguimentos: *já na sala de janta* e *já na cozinha*. Nesse caso, os dois seguimentos se excluem visto que aquilo que compõe um ambiente não está presente no outro.

b) O par correlato *ou... ou*

Em nossos dados foram encontradas 20 ocorrências desse par, sendo 17 na modalidade da língua falada e 03 ocorrências na modalidade escrita. Observemos o recorte a seguir:

(07)

[...] assim ... em mente ... que no caso o que eu faço é sorvete de ... sorvete ... sorvete cremoso ... sorvete caseiro aí:: é o procedimento ... né? a gente coloca ... faz ... passa no liquidificador ... a gente prepara o sorvete com um litro de leite ... faz o suco ... suco de alguma fruta ... né fruta que você queira fazer ... o sabor o que você quer o sorvete ... **ou** cajá **ou** manga ... (SF19/D&G/:164 – língua falada)

Na ocorrência (07), o par correlato *ou... ou* expressa a típica noção de alternância. Além disto, a alternância apresentada é de sentido de exclusão, uma vez que uma opção descarta a outra. Neste caso, a informante tem que escolher entre: ou sorvete de cajá, ou sorvete de manga.

De acordo com Faria (1962), a conjunção *ou* serve para alternar duas ideias na oração, em que uma deve excluir a outra. O autor explica que a conjunção *ou* se originou na conjunção latina *aut*. Sendo assim, *aut... aut* seria uma conjunção correlata alternativa equivalente a *ou...ou*, *ou... ou então*, *ou... pelo menos*.

É válido salientar que a correlação *ou cajá ou manga* não é formada com a presença de verbos. Portanto, em alguns casos, o fenômeno da correlação alternativa também é realizado em usos não oracionais, algo que não é explorado pelas abordagens tradicionais.

Diante de muitos questionamentos que incluem as estruturas alternativas ora no âmbito das coordenadas e ora no âmbito das correlatas, achamos que seria importante analisar o uso simples do *ou*. Para isso, verificamos a ocorrência a seguir:

(08)

[...] a gente se depara com grupo saindo de dentro de uma duna daquela e ... se encaminhando ao asfalto ... às passarelas de acesso pra corrida pra bicicleta ... e o importante nesse ... nesses encontros é você cumprimentar as pessoas **ou** ... passar normal ... (IM30/D&G/:53 – língua falada)

Nesta ocorrência, observamos a presença da estrutura alternativa com sentido de exclusão: *ou cumprimentar as pessoas ou passar normal*. Já na ocorrência seguinte, observamos o valor semântico de inclusão do *ou*:

(09)

[...] alguns amigos trabalhavam uns para os outros e quando alguém precisava fazer uma viagem **ou** estava com as necessidades financeiras ... e eu me lembro que nessa época eu fui muito ajudado pelos meus amigos ... para essa viagem ao Rio Grande do Sul... (IM30/D&G/:38 – língua falada)

Em (09), podemos perceber que uma informação não exclui a outra, embora elas sejam alternativas. Neste caso, percebemos que são possíveis duas leituras: os amigos se substituírem quando alguém precisasse viajar ou estivesse em dificuldades financeiras... como também, isso poderia ocorrer na concomitância dos dois motivos.

Isto posto, nesta breve análise em relação à conjunção simples *ou*, percebemos que ela apresenta valor de exclusão. De acordo com Neves (2011[2000]), a conjunção *ou* pode indicar tanto inclusão, quanto exclusão, mas a autora chama a atenção para o fato de que, quando a alternância acontece com *ou... ou*, a ideia sempre será de exclusão. Com isso, a partir da nossa pesquisa, confirmamos o que Neves (2011[2000]) diz sobre o par *ou...ou*, pois além de ser uma forma complexa, é preciso que possua valor semântico de exclusão.

Diante desse contexto, asseveramos que as estruturas coordenadas alternativas se diferem das estruturas correlatas alternativas, haja vista que, além de possuírem estruturas diferentes, também apresentam valores semânticos distintos.

Vejamos a seguir mais uma ocorrência, agora na modalidade escrita:

(10)

Os contrastes Brasileiros nunca irão terminar, a não ser que ele empobreça de vez, assim os ladrões deixam de roubar, **ou** os administradores tomem vergonha, **ou** os militares tomem o poder. (GF21/D&G/:27 – língua escrita)

Na ocorrência (10), observamos uma estrutura correlata alternativa, podendo ser destacada pelo correlator *ou... ou*. Uma das interpretações possíveis é de sentido de exclusão, tendo em vista que uma opção exclui a outra. Os Brasileiros devem escolher entre uma opção ou outra: *ou os administradores tomem vergonha, ou os militares tomem o poder*. Outra interpretação, é que os dois fatos poderiam acontecer ao mesmo tempo: *os administradores tomarem vergonha, e os militares tomarem o poder*, no caso, seria uma relação de inclusão.

Nesse caso, analisamos que a conjunção *ou* se redobrou, tornando-se uma estrutura complexa. Portanto, no excerto (10), podemos classificar essa oração como correlata alternativa já que se cria uma expectativa para o que será explicitado na segunda oração: *os militares tomem o poder*. Desse modo, é como se a primeira oração servisse como elemento focalizador para anunciar o que será apresentado na segunda oração.

Em (10), também podemos analisar a interdependência, característica típica da correlação, uma vez que cada elemento do par correlato *ou... ou* necessita um do outro para ter o sentido completo na estrutura. Ou seja, é possível observar que o *ou* presente na prótase gera uma expectativa para o que será dito na apódose, o que reforça a ideia de interdependência, como afirmam Rodrigues (2007), Módolo (2008), Castilho (2010), entre outros.

Outro aspecto que pode ser analisado neste recorte diz respeito à ordem das correlatas alternativas encabeçadas por *ou... ou*. Se invertêssemos a ordem das orações, não teríamos prejuízo semântico em relação à primeira informação que foi transmitida, *ou os militares tomem o poder ou os administradores tomem vergonha*. Logo, a inversão pode acontecer do ponto de vista sintático, por apresentar um enunciado gramatical, como também do ponto de vista semântico, por manter o sentido original. A partir disso, comprovamos que a possibilidade de inversão ou não da prótase e da apódose evidencia um fator associado à questão da sobreposição semântica.

c) O par correlato *nem... nem*

De acordo com Santos (1990), quando é usado o par correlato *nem... nem* em vez de usar *ou...ou*, tem-se a intenção de fazer uma negação simultânea, em que as duas alternativas não se realizam. Em nossos dados, foram encontradas 13 ocorrências, sendo 12 na modalidade falada e 01 na modalidade escrita. Observamos, a seguir, ocorrências de *nem... nem*.

(11)
[...] um dos meus projetos no ... para o futuro é participar de algum movimento ecológico em Natal ... fazer algum trabalho de ecologia sério mesmo ... me empenhar é ... tomar partido ... eu diri/ eu disse a você um dia que eu nunca mais iria vestir bandeira ... **nem** partido nenhum ... **nem** camisa de partido nenhum mas ... eu sinto necessidade hoje em dia de ... de fazer alguma coisa que ... pela preservação dessas praias ... da natureza e ... a gente tem que defender uma bandeira e a minha bandeira vai ser a bandeira da ecologia ... a bandeira da ... da vida sabe?
(IM30/D&G/:54 – língua falada)

No exemplo (11), percebemos a conjunção *nem*, considerada pelos gramáticos tradicionais uma aditiva negativa que possui o mesmo valor semântico de *e não*. Entretanto,

como podemos ver no recorte, a conjunção *nem* se redobrou, dando ideia não mais de adição negativa, mas sim de uma alternância negativa.

Na análise em questão, o correlator *nem... nem* aciona valor semântico de alternativa negativa, o que pode ser verificado pela interdependência contextual das informações contidas em *nem partido nenhum ... nem camisa de partido nenhum*. Logo, a prótase, *nem partido nenhum*, prepara a enunciação da apódose, *nem camisa de partido nenhum*.

Ainda podemos diferenciar o valor semântico desempenhado pelo conector *nem... nem* do conector *ou... ou*. Analisamos que *nem... nem* apresenta carga semântica de inclusão, ainda que seja uma inclusão negativa, enquanto que *ou... ou* apresenta carga semântica de exclusão.

Faz-se importante analisar a ordem dessas estruturas, tendo em vista que alguns tipos de correlatas permitem a inversão na sua ordem, sem modificações relevantes no sentido veiculado. Sabendo disso, verificamos que esse par pode ser invertido sem perda do seu valor semântico original, como podemos observar em *nem camisa de partido nenhum nem partido nenhum*. Evidentemente, sabemos que essas alterações representariam interferências discursivas que poderiam modificar a relevância de determinadas informações quando postas em um ou outro ponto estrutural do texto.

Averiguamos também que todas as ocorrências do *nem... nem* demonstraram a interdependência típica das correlatas. Outro fator que destacamos em relação a esse exemplo é que as estruturas com *nem...nem* também apresentaram preferência por estruturas não oracionais.

Vejamos mais uma ocorrência desse par correlato, agora com estrutura oracional:

(12)

Em alguns pontos eu tenho algumas características parecidas com meu pai, por exemplo, **nem** gosto de ser mandada e **nem** de dar satisfação. Minha mãe às vezes pergunta muito sobre o que eu faço e o que eu deixo de fazer e realmente eu não gosto dessas coisas (RF124/D&G/:124 – língua escrita)

Na ocorrência (12), assim como ocorre na (11), o correlator *nem... nem* constitui uma relação de correlação alternativa negativa entre orações. É interessante percebermos uma proximidade da adição, uma vez que a conjunção *e* foi usada junto do *nem* para adicionar informação, no caso as características que a informante tem em comum com o pai.

d) O par correlato *quer... quer*

Em nossos dados, foram encontradas 06 ocorrências na modalidade falada de *quer... quer*. Vejamos a seguir uma ocorrência desse par correlato:

(13)

[...] foi isso justamente ... que ... quando a gente quer ... quando a gente quer alguma coisa e fica naquela ansiedade toda ... e ... e tudo ... querendo passar por cima de todo mundo ... porque tem gente que quando sabe que tem um prêmio desse ... fica naquela ansiedade ... quer passar por cima de todo mundo ... **quer** você queira **quer** não quer derrubar acaba não sendo o melhor ... acaba sendo ... é:: é:: como é que chama? criticado ... é ... é ... odiado ... (GM19/D&G/:82 – língua falada)

Na ocorrência (13), percebemos uma estrutura correlata alternativa relacionada pelo correlator *quer... quer*. O valor desempenhado por esse par é de exclusão, tendo em vista que um fato exclui o outro. No recorte, o informante destaca que existem pessoas que, ao saberem da existência de um prêmio, sentem a ansiedade e o desejo de passarem por cima de todo mundo, e que isso não é algo bom, pois faz com que sejam criticados e odiados.

Neste caso, percebemos que a ideia de alternância acontece quando o informante anuncia na prótase *quer você queira*, gerando uma expectativa para o que será dito na apódose *quer não*.

e) O par correlato *seja... seja*

A respeito desse conector, é interessante lembrar que Garcia (1988) afirma que *seja* é mesmo o verbo *ser*, pois há concordância com o nome (sujeito ou predicativo). Nesse caso, foram encontradas 02 ocorrências na modalidade falada de *seja... seja*. Vejamos a seguir:

(14)

[...] essa:: essa questão que eu tô te falando ... é uma questão muito polêmica ... ela tem muitos porquês ... é:: um:: é um assunto que é muito extenso ... a economia realmente ... ela é um assunto que talvez **seja** hoje **seja** amanhã se/ seja falado por muitos anos e pra resolver seja uma pessoa de pulso muito forte ... pra que consiga dominar toda essa situação ... (GF21/D&G/:35 – língua falada)

No recorte (14), observamos a correlação alternativa sendo estabelecida pelo correlator de base verbal *seja... seja*. O par correlato *seja... seja* une dois seguimentos: na prótase *seja hoje*, e na apódose *seja amanhã*. Esses sintagmas estão ligados por correlação e apresentam a alternância de inclusão. Essa relação de adição acontece quando a informante afirma que é difícil encontrar um rapaz fiel e dedicado. Esse seria um uso em que o verbo parece vivenciar uma mudança linguística, passando de uma função menos gramatical, posto que preserva seu valor lexical, para uma mais gramatical, na qual funcionaria relacionando orações, ou seja, teríamos manifestação do processo de gramaticalização, conforme veremos adiante.

f) O par correlato *seja... ou*

O par correlato *seja... ou* não é mencionado pelas gramáticas do português brasileiro, embora já existam casos de sua ocorrência na língua. Em nossos dados, encontramos 01 ocorrência, como podemos ver no seguinte recorte:

(15)
[...] eu acho isso meio perigoso porque as crianças elas ... não entendem ainda bem **seja** ... ser um homem bom **ou** um homem mau e ... copiam esses modelos equivocadamente ... se enchem de armas a ... na defesa é ... às vezes até copiando modelos de ... personagens más ... de vilo/ vilões né? (IM30/D&G/:69 – língua falada)

Acosta (2016) chama atenção para esse tipo de estrutura mostrando que se trata de um processo de analogização. Ela explica que o falante cria novas estruturas a partir de estruturas já existentes. No caso de *seja... ou* foi criado a partir da junção dos pares *seja... seja* e *ou... ou*.

Analisando o excerto (15), percebemos que ocorre a alternância e que ele apresenta a interdependência típica da correlação, uma vez que há na prótase *seja ... um homem bom* uma anunciação do que será dito na apódose *ou um homem mau*. É importante destacar que esse tipo de estrutura não admite inversão, e a conjunção *ou*, que é a responsável pela ideia de alternância, sempre vem na apódose.

Essa criação de novos pares correlatos, no caso de *seja... ou*, nos remete a Hopper (1987), quando este afirma que, na ótica da gramática funcionalista, os usuários das línguas, ao lançarem mão de seu poder inovador, realizam a criação de novas estruturas, contribuindo, assim, para a instabilidade da gramática.

g) O par correlato *que... ou*

Em nossos dados encontramos 01 ocorrência desse par na modalidade da língua falada, comprovando que é um tipo de estrutura que pode acontecer na língua. Para melhor visualização, vejamos a seguir:

(16)
É ... a gente faz muito assim passeio né:: às vezes acontece muita coisa assim pra gente ... **que** a gente gosta ... **ou** até que num gosta ... (SF13/D&G/:193 – língua falada)

Analisando a ocorrência (16), compreendemos que ocorre a alternância com valor de exclusão. Percebemos que apresenta a interdependência típica da correlação, uma vez que há na prótase *que a gente gosta* uma anunciação do que será dito na apódose *ou até que num*

gosta. Assim como ocorreu no par correlato *seja... ou*, com *que... ou* também não é possível fazer a inversão.

É relevante chamar atenção para o estudo que Acosta (2006) faz em relação aos pares correlatos como o *seja... ou*. Ela demonstra que esses pares correlatos constituídos por elementos distintos, um de base conjuncional e outro de base verbal, são formados por meio da atração de membros já existentes, como: *seja...seja*, *quer...quer*, *nem...nem* e *ou...ou*. A pesquisadora explica que “essas novas formas partilham, alinham traços das velhas e das novas estruturas possibilitando a emergência de novas formas” (p.87). Para exemplificar, ela propõe o seguinte esquema:

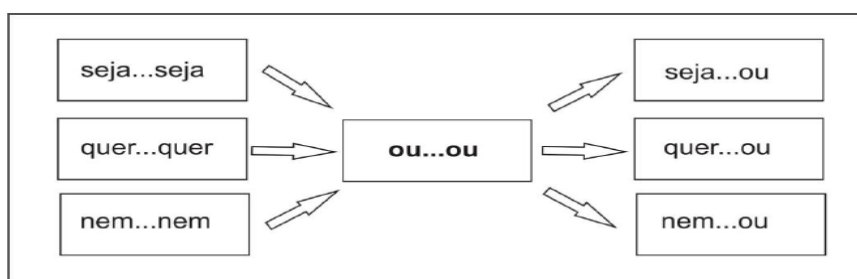


FIGURA 2: Analogização das estruturas espelhadas (ACOSTA, 2016, p.87)

Analisando o esquema posto por Acosta (2016), percebemos que o par *ou... ou* está no centro da criação dos novos pares correlatos alternativos. Através de análise de dados, de acordo com a pesquisadora, o par *ou...ou* é o mais produtivo da língua.

É interessante evidenciar que os pares *seja... ou* e *que... ou* ocorreram apenas na modalidade da língua falada, e uma explicação para isso é que a língua falada é mais propícia à criação de novos usos, o que nos faz lembrar de Hopper (1987) ao afirmar que o processo de estrutura de uma gramática da língua é constante e sempre dirigido pelo discurso.

Terminada a análise das estruturas correlatas alternativas, veremos, na próxima seção, a análise das estruturas correlatas comparativas.

4.2.2 Estruturas correlatas comparativas

Castilho (2010) explica que as orações comparativas não podem ser classificadas apenas como orações subordinadas, tendo em vista que elas apresentam características das orações correlatas. Para comprovar essa afirmação, tivemos um total de 43 ocorrências em nossos dados, sendo 40 na modalidade falada e 03 na modalidade escrita. Observemos, a seguir, a análise dessas ocorrências:

a) O par correlato *mais... do que*

O par correlato *mais... do que* foi o que mais apresentou ocorrências, talvez por ser uma das principais conjunções que indique comparação. Do total de 43 ocorrências, 18 foram desse par, sendo 16 na modalidade falada e 02 na modalidade escrita.

As estruturas comparativas revelam uma tipologia bastante variada. Castilho (2010) destaca que o par *mais... do que*, assim como *tão... quanto*, *tão... como*, entre outros, são estruturas comparativas que normalmente na prótase apresentam uma intensificação e na apódose o par da comparação. Atentemos para o exemplo a seguir:

(17)

[...] veja só ... o ensino público é muito mais escolas ... então há uma:: uma cultura e tudo ... então ... você tem que formar primeiro a base para melhorar estado ... município ... e:: instituto federal ... escolas federais ... então ... é:: você vai melhorando isso aí ... aí só assim vai melhorando as médias ... mas em todo caso tem muito **mais** escola pública **do que** particular ... (GM19/D&G/:93 – língua falada)

Na ocorrência (17), destacamos o par correlato *mais... do que*, o qual, de acordo com Castilho (2010), estabelece uma relação de correlação comparativa de superioridade. No recorte, percebemos que o par está unindo dois segmentos não oracionais. Na prótase o *mais* funciona como quantificador de *escola pública*. Já na apódose vemos que estabelece uma relação de superioridade entre duas realidades, combinado a *do que*. O uso desses pares correlatos é para demonstrar que existem mais escolas públicas que escolas particulares. Vejamos a próxima ocorrência:

(18)

Todos nós trouxemos uma mochila, dentro dessas mochilas havia **mais** comida **do que** utensílios pessoais. (EM15/D&G/:149 – língua escrita)

Na ocorrência (18), apreendemos que o par *mais... do que* desempenha a mesma relação de sentido da ocorrência (17), ou seja, de comparação de superioridade. Logo, o *mais* intensifica o substantivo *comida*, demonstrando que o elemento colocado após *do que* é inferior, no caso *utensílios pessoais*.

Em relação à estrutura de *mais... do que*, constatamos que não é uma estrutura simples, pois, como afirma Castilho (2010), na primeira oração, há uma quantificação relativa de um elemento (substantivo), e na segunda oração, há apenas um segundo termo da comparação, da mesma natureza do primeiro. Neste sentido, percebemos a típica interdependência da correlação, logo, se trata de uma estrutura correlata comparativa.

Outro aspecto em relação a esse par correlato é que ele apresenta estrutura fixa, não desfrutando de mobilidade dentro do sintagma:

(19)

[...] há muitos anos... você diz uma coisa pra mim ... você acha que eu vou duvidar? eu vou acreditar **mais** em você **do que** numa pessoa que eu conheço há pouco tempo. (RF19/D&G/:113 – língua falada)

Neste caso, se invertêssemos a ordem, teríamos prejuízo tanto semântico como sintático em relação à primeira informação que foi transmitida, dando origem a uma estrutura inaceitável:

(19')

[...] há muitos anos... você diz uma coisa pra mim ... você acha que eu vou duvidar? eu vou acreditar **do que** em você **mais** numa pessoa que eu conheço há pouco tempo.

Sendo assim, podemos dizer que nas estruturas correlatas comparativas o elemento que marca a comparação vem sempre na apódose, não podendo acontecer à inversão.

b) O par correlato *tão... quanto*

Esse par correlato, em nossos dados, teve um total de 06 ocorrências apenas na modalidade da língua falada.

(20)

[...] da casa ... tem a lagoa de ... Arituba ... essa lagoa de Arituba é aonde a gente vai ... uma lagoa bem grande ... num é **tão** grande **quanto** à lagoa do Bonfim... mas é uma lagoa bem grande que ... a gente num deixa de ir no veraneio ... lá. (VM14/D&G/:176 – língua falada)

No exemplo (20), observamos a correlação comparativa sendo estabelecida pelo correlator *tão... quanto*. O par correlato *tão... quanto* une dois segmentos não oracionais: na prótase *grande*, e na apódose *a lagoa do Bonfim*. É interessante atentar que a estrutura é uma comparativa de igualdade, uma vez que o informante compara a dimensão de duas lagoas: Arituba e Bonfim.

Vejamos mais um exemplo desse par correlato:

(21)

O meu grupo não foi vencedor infelizmente ... mas ... ele não foi o pior ... quem conseguisse pegar mais fita do pé dos inimigos ... era vencedor ... depois veio o almoço ... um almoço não **tão** bom **quanto** o de casa. (EM15/D&G/:143 – língua falada)

Na ocorrência (21), *tão* intensifica o advérbio *bom*, estabelecendo uma relação de igualdade combinada a *quanto*. Módolo (2008) explica que na estrutura correlata encabeçada por *tão... quanto* acontece uma intensificação de um processo, que pode ser uma qualidade, uma circunstância ou de elemento na primeira oração.

Assim, a comparação de igualdade acontece quando o informante compara a qualidade do almoço servido depois da gincana, com o almoço que é servido em casa, que no caso, não foi bom.

c) O par correlato *tão... como*

O par correlato *tão... como* teve um total de 05 ocorrências apenas na modalidade da língua falada. É curioso perceber que a maioria dos gramáticos (Melo, 1978; Cunha e Cintra, 2001; Bechara, 2009, entre outros) não cita esse par entre as conjunções comparativas, embora registrem-se casos na língua em uso desse par. É válido lembrar que Kury (2003) afirma ser o item *como* a conjunção comparativa assimilativa mais comum nas comparativas.

O uso desse par nos faz lembrar a concepção de gramática emergente proposta por Hopper (1987), em que a gramática é vista como um produto instável, e suscetível às pressões de uso, relacionadas às necessidades comunicativas do falante.

Vejamos o exemplo desse par na seguinte ocorrência:

(22)

... depois do suco pronto ... aí a gente passa de novo no:: liquidificador com meia colher de ... uma colher de café pequena de um ... de liga neutra ... é um ... um pozinho que a gente coloca no sorvete pra ele não ficar **tão** duro ... **como** gelo ou dim-dim ... picolé né coisa desse tipo ... (SF19/D&G/:134 – língua falada)

Na ocorrência (22), a informante utiliza a expressão *tão... como* para fazer uma comparação, que, de acordo com Castilho (2010), é uma relação de correlação comparativa de igualdade. Percebemos que a ideia de igualdade se estabelece quando a informante faz uma comparação alegando que o uso do “pozinho” não deixa o sorvete duro como o gelo ou dim-dim.

Desse modo, em (22), há uma estrutura correlata comparativa, encabeçada pelo correlator *tão... como*. Esse par inter-relaciona elementos não oracionais: *tão duro... como gelo ou dim-dim...* Percebemos que *tão* intensifica o adjetivo *duro* e a relação de comparação de igualdade é marcada pelo *como* na apódose.

(23)

o grande tcham da ... da viagem foi a chegada no Rio Grande do Sul ... porque a última escala o ... eles avisam né? dessa última escala estamos chegando em Porto Alegre ... e eu senti uma alegria **tão** grande ... **como** se eu retornasse a uma terra que eu nunca encon/ que eu nunca tinha deixado de estar lá... (IM30/D&G/:41 – língua falada)

Na ocorrência (23), assim como na ocorrência (22), o informante utiliza a expressão *tão... como* para fazer uma comparação de igualdade. Verificamos que a comparação de

igualdade se estabelece quando o informante anuncia que a alegria que ele sentiu é igual a nunca ter deixado, provavelmente, a sua terra.

Portanto, em (23), podemos dizer que se trata de uma estrutura correlata comparativa, uma vez que o primeiro termo depende do segundo e o segundo depende do primeiro, criando uma interdependência entre as orações. Então, no recorte, observamos que na prótase o *tão* funciona como intensificador de *grande* e a relação de comparação é marcada pelo *como* na apódose.

d) O par correlato *tanto... como*

As estruturas de igualdade que são introduzidas pelos itens *como* ou *quanto* Bechara (2009) esclarece que está em correlação com o advérbio *tanto* ou *tão* da oração principal. Em nossos dados foram encontrados 05 ocorrências do par *tanto... como* apenas na modalidade da língua falada. Observemos o seguinte exemplo:

(24)
 não ... é ... ele coloca vários traços delimitando ... **tanto** no desenho original ... **como**
 na tela então vai copiando ... (IM30/D&G/:58 – língua falada)

No excerto (24), percebemos uma estrutura complexa do par correlato *tanto... como*, uma vez que cada elemento está em uma oração. Na análise em questão, o correlator *tanto... como* possui valor semântico de comparação de igualdade, podendo ser verificado por *tanto no desenho original ... como na tela então vai copiando*. Logo, na prótase, *tanto no desenho original* intensifica um termo que será comparado na apódose *como na tela então vai copiando*.

Ainda em relação ao *tanto... como*, podemos dizer que o informante optou por usar o item *como* a usar o *quanto* na segunda oração, talvez por achar que o *como* possui uma carga semântica maior de comparação.

Outro aspecto observado em relação a esse par é que há uma proximidade da adição. Nesse sentido, Neves (2011 [2000]) e Castilho (2010) explanam que as estruturas comparativas que indicam igualdade implicam uma ideia de adição correlata do tipo: *não só..., mas também*. Vejamos a seguinte ocorrência:

(25)
 [...] todo e todo final de semana eu via o ... o ... meus parentes né ... só de longe né ... a ... a sorte é que fui bem ... bem atendido **tanto** pelo médico **como** pela enfermeira ... lá tinha enfermeira até que eu ... gostei muito né ... dela ... e a ... a empregada também. (CM26/D&G/:3 – língua falada)

Na ocorrência (25), percebemos a típica comparação de igualdade, em que o informante expressa ter sido bem atendido pelo médico e pela enfermeira. Entretanto, essa mesma ocorrência poderia ter acontecido por meio de uma adição:

(25')

[...] todo e todo final de semana eu via o ... o ... meus parentes né ... só de longe né ... a ... a sorte é que fui bem ... bem atendido **não só** pelo médico **como também** pela enfermeira ... lá tinha enfermeira até que eu ... gostei muito né ... dela ... e a ... a empregada também.

Assim, percebemos não só uma ideia de comparação, mas também de adição. Essa relação é concedida quando o informante diz que além de ter sido bem atendido pelo médico, também foi bem atendido pela enfermeira, portanto, poderíamos dizer que se trata de uma relação comparativa-aditiva.

Averiguamos também que todas as ocorrências de *tanto... como* demonstraram a interdependência típica das correlatas. Vejamos mais uma ocorrência desse par correlato:

(26)

eu fiz dois cursos que num tinham nada a ver comigo e num dado momento eu me acordei fazendo coisa que eu num queria na vida ... é ... **tanto** no campo profissional **como** no campo ... no campo profissional **como** no campo de estu/ é estudantil ... né (IM30/D&G/:63 – língua falada)

Nesta ocorrência, podemos perceber que o correlator *tanto... como* apresenta valor de comparação de igualdade. Em (26), o informante compara dois campos: o profissional e o estudantil. A partir dessa ocorrência, também podemos analisar a interdependência típica das orações correlatas, uma vez que o par correlato *tanto... como* une dois segmentos não oracionais. Assim, é possível observar que o elemento *tanto*, presente na *prótase*, gera uma expectativa para o que será dito na *apódose*, o que reforça a ideia de interdependência.

e) O par correlato *tanto... quanto*

Nos nossos dados foram encontradas 04 ocorrências de *tanto... quanto*, sendo 03 ocorrências na modalidade da língua falada e 01 na modalidade da língua escrita. Castilho (2010) afirma que esse par é uma estrutura de marca formal. Parece-nos claro que o item *tanto... quanto* marca uma relação de igualdade, implicando numa ideia correlativa de comparação.

(27)

Eu assisti a um filme que eu achei o máximo, **tanto** pela história **quanto** a produção. Este filme foi Batman, o retorno. (EM15/D&G/:149 – língua escrita)

Em (27), demonstra-se mais uma estrutura comparativa, agora encabeçada pelo correlator *tanto... quanto*, apresentando relação de igualdade. O par correlato inter-relaciona

dois sintagmas: *pela história* e *a produção*. Nesse recorte, o informante expõe sua opinião em relação a um filme (Batman), fazendo uma comparação entre a história e a produção do filme.

Atentemos para outra ocorrência:

(28)

... então foi assim o ponto forte ... do congresso foi os grupos de interesse ... enquanto nos outros congressos não acontece né ... **tanto** no CONJUBALESTE **quanto** no CONORDESTE ...CONJUBARN ou CONACIONAL ... não acontece muito isso ... esse interesse quanto aos grupos de interesse ... foi bem melhor ... o debate também foi muito bom ... o debate sobre dança ... (SF19/D&G/:129 – língua falada)

No recorte (28), podemos ver uma estrutura complexa do par correlato *tanto... quanto*, inter-relacionando elementos não oracionais, no caso *Conjubaleste* e *Conordeste*. Com isso, o correlator *tanto... quanto* apresenta valor semântico de comparação de igualdade.

Posto isso, verificamos que, na prótase, *tanto no Conjubaleste*, *tanto* intensifica um termo que será comparado na apódose, *quanto no Conordeste...Conjubarn ou Conacional*.

f) O par correlato *bem... do que*

Chamamos a atenção para o que Tavares (2012) fala sobre a frequência de uso, uma vez que este princípio está relacionado com a manutenção da gramática, pois possibilita a criação de novas estruturas, no nosso caso, como a criação do par *bem... do que*.

Todas as estruturas desse par presentes em nossos dados apresentam a mesma tipologia, ou seja, na prótase existe a intensificação, e na apódose, o termo responsável pela comparação. Foi encontrado um total de 03 ocorrências de *bem... do que* apenas na modalidade da língua falada. Recordamos que Hopper (1991) enfatiza que é possível acontecer a criação de novas expressões, já que a fala é manifestada de acordo com os propósitos comunicativos do falante, com a finalidade de facilitar a compreensão do ouvinte. Vejamos a seguir uma ocorrência desse par correlato:

(29)

... as salas do ... do ... do primeiro ... do primeiro prédio ... não são muito boas não ... apesar de ser limpinhas e tudo bem conservado ... mas falta mais iluminação ... falta ventilação ... é ... enfim mais conforto para os alunos ... que estudam no ... no ... no prédio ... no prédio um ... mas ... mas a do prédio dois que são ... que entre os três prédios é:: é a melhor que tem ... são as melhores né ... ela tem tudo ... apesar da ... da ... da ...é quer dizer ... estrutura dela é **bem** arrumada **do que** a do prédio em geral. (CM26/D&G/:10 – língua falada)

Na ocorrência (29), observamos a estrutura correlata comparativa estabelecida pelo correlator *bem... do que*. Esse par une dois segmentos oracionais: na prótase *arrumada*, e na apódose *do prédio em geral*. É interessante atentar que a estrutura *bem* está funcionando como intensificador de *arrumada*.

Nesse contexto, esse par correlato produz no discurso uma ideia de comparação de superioridade, pois a informante faz uma comparação entre a estrutura dos prédios, em que uma estrutura é melhor que a outra.

g) O par correlato *melhor... do que*

O par correlato *melhor... do que* apresentou 01 (uma) ocorrência apenas na modalidade da língua falada. É interessante perceber que a sua estrutura é semelhante o do par correlato *mais... do que*, uma vez que na prótase vem uma intensificação (*melhor*) e na apódose o par da comparação (*do que*). Atentemos para o exemplo a seguir:

(30)

ó ... primeiro pra ... pra poder tocar teclado tem que ter duas coisas ... paciência ... que é muito difícil eu até admito que ontem ... eu tava pegando umas musiquinha assim ... um pouco mais difícil ... mas ... e a segunda é ... como eu diria ... é ouvido ... porque sem ouvido num vai pra frente não ... se você ficar ... você pode ficar três anos numa ... numa escola de música ... pegando métodos clássico eticêtera ... se você num tiver ouvido vai ficar no marcha soldado ... no atirei o pau no gato ... e num sai do lugar ... eu no caso ... ainda bem que eu tenho alguma coisa de ouvido ... num é lá grandes coisas não mas ... ao menos dá pra ... dá pra enganar o povo ... é ... quando eu entrei lá na ... na ... na escola ... eu peguei logo o clássico que é muito me/ é muito mais ... é muito **melhor** você pegar o clássico **do que** ... e depois pegar pelo ouvido ... (VM14/D&G/:177 – língua falada)

Na ocorrência (30), o informante está relatando sobre aprender a tocar teclado. Para isso, ele se utiliza de uma comparação marcada pelos pares *muito...do que*. O informante, provavelmente, quis dar uma ideia de superioridade entre um tipo de música e outro, no caso, ao fazer uma comparação entre um clássico e uma música popular.

Nesse recorte, percebemos que, na primeira oração, o *melhor* funciona como qualificador de *você pegar o clássico*. Já na segunda oração percebemos que se estabelece uma relação de superioridade entre duas realidades, combinado a *do que*.

Assim como os demais pares correlatos, vemos que *melhor... do que* é uma estrutura complexa. Como consequência desse redobramento, observamos a típica interdependência das correlatas, logo, se trata de uma estrutura correlata comparativa.

Outro aspecto relevante em relação aos componentes desse par correlato é que eles compõem uma estrutura fixa, não apresentam mobilidade, tendo em vista que o elemento que compara, no caso, o *do que*, vem sempre na segunda oração.

(30')

[...] é **do que** melhor você pegar o clássico **maior** ... e depois pegar pelo ouvido ...

Como podemos ver, se invertêssemos a ordem, teríamos grande prejuízo em relação à primeira informação que foi transmitida, dando origem a uma estrutura inaceitável.

h) O par correlato *mais (x) como... do que*

Por fim, o último par correlato comparativo encontrado foi o *mais (x) como... do que* com 01 (uma) ocorrência apenas na modalidade da língua falada. É interessante observar que se trata de uma estrutura complexa, contendo três elementos. O *mais (x) como* vem na primeira parte da estrutura, enquanto que o *do que*, elemento que marca a comparação, vem na terceira oração. Para melhor visualização dessa ocorrência, vejamos o excerto a seguir:

(31)
realmente eu nunca me dobrei pra ele ... sabe? nunca me dobrei ... já com esse meu namorado não ... e às vezes eu penso que vale **mais** a pena a gente ser **como** eu era com o Alexandre **do que** com ... agora com o Tarcísio. (RF19/D&G/:107 – língua falada)

Na ocorrência (31), observamos que a informante está relatando sobre como agir em relação ao namorado e faz uma comparação com um ex-namorado. Nesse caso, percebemos que a comparação vem acontecendo desde o *mais* que funciona como intensificador de *a pena a gente ser* e gera uma expectativa para o que vem na sequência. No caso, a comparação de fato acontece entre os elementos *como Alexandre* e *do que Tarcísio*.

Concluída a análise das estruturas comparativas, na próxima seção serão analisadas as estruturas correlatas aditivas.

4.2.3 Estruturas correlatas aditivas

As estruturas aditivas, assim como as alternativas, são consideradas pelas gramáticas tradicionais como pertencentes apenas à coordenação. Por meio dos nossos dados, iremos mostrar que elas também podem ser correlatas, uma vez que se diferem das coordenadas aditivas em relação à estrutura, como também em relação ao aspecto semântico.

Em nossos dados, encontramos um total de 16 ocorrências, sendo 07 na língua falada e 09 na língua escrita. Para melhor visualização desse fenômeno, vejamos a seguir as ocorrências de cada par correlato encontrado.

a) O par correlato *não só... mas também*

O par correlato *não só... mas também* foi o que mais apresentou ocorrências. Do total de 16 ocorrências, 04 foram desse par na modalidade da língua escrita. Vejamos o exemplo a seguir:

(32)

Em países desenvolvidos que têm uma justiça que realmente funciona, a pena de morte é bem aplicada **não só** para livrar a população de bandidos perigosos, **mas também** para inibir outros bandidos a não cometer um crime bárbaro. (V14M/D&G:184 – Língua escrita)

Na ocorrência (32), averiguamos que se estabelece uma relação negativa na prótase, *não só para livrar a população de bandidos perigosos*, procedida à relação de adição a partir da inclusão na apódose *mas também para inibir outros bandidos a não cometer um crime bárbaro*.

Ainda podemos analisar esse recorte em relação às orações aditivas binárias destacadas por Neves (2011[2000]), que são irreversíveis pela pressuposição que se cria, sendo que essas estruturas ficam no meio do caminho entre:

a) as **não correlativas aditivas** com *E*, como:

(32')

[...] a pena de morte é bem aplicada para livrar a população de bandidos perigosos, **e** para inibir outros bandidos a não cometer um crime bárbaro.

b) as **correlativas comparativas**, como:

(32'')

a pena de morte é bem aplicada **tanto** para livrar a população de bandidos perigosos, **quanto** para inibir outros bandidos a não cometer um crime bárbaro.

Nesse contexto, as correlatas do tipo aditivo mantêm as características de interdependência, próprias à correlação, particularmente o binarismo.

Podemos analisar também a ordem das estruturas correlatas aditivas encabeçadas por *não só... mas também*. Vejamos o recorte:

(33)

Já bem quase nas imediações do Hotel Vila do Mar encontramos uma árvore imensa **não só** na copa **mas também** na raiz. O mais impressionante é que a árvore se mantinha de pé mesmo com sessenta por cento da raiz descoberta. Fizemos novas fotografias aproveitando ângulos onde fossem destacadas mais as raízes. (I30M/D&G:77 – Língua escrita)

Na ocorrência (33), observamos uma estrutura correlata aditiva encabeçada pelo correlator *não só... mas também*. O valor desempenhado por esse par é de adição. Percebemos que a correlação *não só na copa, mas também na raiz* é formada através de elementos não oracionais.

Em relação à ordem das estruturas correlatas aditivas encabeçadas por *não só... mas também*, se invertêssemos a sequência, iríamos ter, além de prejuízo semântico, inviabilidade sintática: *...mas também na copa não só na raiz*.

b) O par correlato *desde... até*

Em nossos dados, encontramos 04 ocorrências do par correlato *desde... até*, sendo 03 (três) ocorrências na modalidade da língua falada e 01 ocorrência na língua escrita. Esse tipo de par correlato ainda não é considerado pelas gramáticas. Nesse sentido, Rosário (2012, p.134) explica que dentro da correlação aditiva, esse par correlato “talvez seja o mais marginal ou menos prototípico⁷, visto que, não adiciona simplesmente, mas incorpora em si uma extensão de elementos, cujos polos são focalizados”.

Para visualização dessa ocorrência, vejamos o exemplo a seguir:

(34)

[...] a casa toda por si ... ela não é muito grande nem muito pequena ... normal ... todas as janelas têm grade de ferro ... contra roubos ... todas têm grade de ferro ... e também ... **desde** a área **até** ... a janela do banheiro ... o banheiro também tem janela ... e todas são gradeadas ... sem deixar nenhuma passar ... então tudo isso foi à definição ... sobre a minha casa... (E15M/D&G: 146 – Língua falada)

No exemplo (34), observamos a correlação aditiva encabeçada pelo item *desde... até*. O informante está descrevendo a sua casa, como ela é. Ele explica que todas as partes da casa têm grade de ferro e que vão *desde* a área, *até* a janela do banheiro. Analisando esse par correlato, percebemos que ocorre uma preocupação em marcar dois estágios: inicial (área) e final (janela do banheiro), em uma relação de adição entre os dois termos que representam duas partes da casa cimentada.

Vejamos outro exemplo desse par correlato:

(35)

O rádio ligado tocava uma canção do Guilherme Arantes e eu embalado na melodia apanhava-me nas minhas lembranças, **desde** as mais remotas **até** às mais recentes. Despedi-me. Tudo correu rápido, dos abraços à entrada no avião. (I30M/D&G: 74 – Língua escrita)

No exemplo (35), o informante relata que, ao ouvir Guilherme Arantes, suas lembranças vão desde as mais remotas (que funciona como um polo) até as mais recentes (outro polo). Assim, há adição de dois polos que representam dois momentos de lembrança da vida do informante.

Outro fator que observamos em relação à *desde... até* é que um elemento não funciona sozinho, tendo em vista que o *desde* presente na *prótase* gera uma expectativa para o que será dito na *apódose*, marcado pelo item *até*. Assim, percebemos a interdependência, típica das orações correlatas.

⁷ Ver, adiante, análise da prototipicidade dos pares correlatos encontrados no *corpus*.

c) O par correlato *não... e sim*

Rosário (2012) chama a atenção para os processos de subjetivização e intersubjetivização que explicariam o surgimento desse tipo de estrutura, o qual está a serviço de uma maior expressividade para o discurso. Em nossos dados, foram encontradas 03 ocorrências desse par, sendo 02 na modalidade da língua falada e 01 ocorrência na modalidade escrita. Vejamos o exemplo a seguir:

(36)

ela é uma secretária comum ... e tem o seu patrão ... é empresário que tem um plano de ... construir a ... usina nuclear ... **não** para gerar energia ... **e sim** sugar da cidade ... ela ... esquece alguns papéis no escritório e volta ... (E15M/ D&G: 143 – Língua falada)

Em (36), observamos a correlação aditiva sendo estabelecida pelo correlator *não... e sim*. O par correlato *não Ø... e sim*, nesse excerto, une dois segmentos: na prótase, *para gerar energia*, e na apódose, *sugar a cidade*. É interessante atentar que a estrutura *não Ø* pode indicar a ausência do só.

Nesse contexto, esse par correlato produz no discurso não apenas a noção de adição, mas uma ideia de explicação. Evidenciamos que essa estrutura veio acompanhada de um advérbio afirmativo *sim* na apódose, o que dá equilíbrio com a partícula negativa *não*, presente na prótase. E, também, destacamos que esse advérbio está junto da prototípica conjunção coordenativa aditiva *e*, o que nos permite afirmar que o par correlativo reforça ainda mais a noção de adição. Vejamos mais uma ocorrência desse par, agora na modalidade escrita e produzida pelo mesmo informante:

(37)

O drama começa quando a secretária de um empresário descobre que o seu patrão quer construir uma usina nuclear, **não** para gerar energia, **e sim** para sugar energia da cidade. O patrão chega repentinamente no escritório e flagra a secretária mexendo em seus documentos. (E15M/ D&G: 149 – Língua escrita)

Analisando a ocorrência (37), verificamos que o informante praticamente repete o que ele expressou na modalidade oral. Logicamente, o informante poderia ter usado outros itens aditivos mais prototípicos como o *não só... mas também*, mas ele optou pelo par *não... e sim*. Essa ocorrência – os usos linguísticos em geral – nos faz comprovar, de acordo com Martelotta (2011), que o falante é responsável pela gramática da sua língua, e os itens gramaticais são usados de acordo com as necessidades comunicativas e o contexto de uso.

Sendo assim, da mesma maneira que na ocorrência (36), a correlação aditiva acontece pelo par *não... e sim*. Esse par une dois segmentos: na prótase *para gerar energia*, e na apódose *sugar a cidade*.

d) O par correlato *não só... mas*

Dentro das estruturas correlatas aditivas, é possível observar o parâmetro de variabilidade paradigmática proposto por Lehmann (1995[1982]), uma vez que esse parâmetro diz respeito à possibilidade de uso de um item em lugar de outro, desde que pertençam a um mesmo paradigma. Dessa maneira, dentro da correlação aditiva, existe uma rica variação de formas que funcionam como adição de termos aparentemente sem uma forte restrição de uso

Rosário (2012) explica que *não só... mas* apresenta uma forte característica argumentativa. Encontramos 02 ocorrências desse par, sendo 01 ocorrência na modalidade da língua falada e 01 ocorrência na modalidade da língua escrita. Observemos o exemplo a seguir:

(38)

é ... eu gosto de várias coisas ... né ... que são muito interessantes ... mas ... uma coisa que eu ...aprendi a fazer desde pequeno e gosto muito é nadar ... eu comecei a nadar basicamente porque eu tinha um problema de saúde ... né ... alérgico e a médica recomendou que eu nadasse ... isso desde os seis anos de idade ... né ... até os doze eu nadava por nadar ... mais por causa do problema ... quando eu fui chamado para participar da equipe do América e comecei a ... a entrar no clima ... realmente ... de competição ... né ... num clima de equipe ... né ... passei a encarar o negócio **não só** um ... um ... hobby ... **mas** um esporte realmente que eu tinha que me dedicar ... né ... e eu acho superinteressante a natação ... né ... (G16M/ D&G: 98 – Língua falada)

Na ocorrência (38), o informante conta como a natação deixou de ser um *hobby* e passou a ser um esporte sério. A partir disso, notamos que a ideia de correlação aditiva ocorre por meio dos pares *não só... mas*. Na prótase existe uma negação marcada por *não só um hobby*, e na apódose vem à ideia de inclusão marcada por *mas um esporte realmente que eu tinha que me dedicar*.

Podemos afirmar que *não só... mas* não é uma estrutura simples, uma vez que, de acordo com Módolo (2008), esse par é constituído de duas partículas na primeira parte e uma única partícula na segunda parte correlacionada, sendo assim uma estrutura complexa. Com isso, outro ponto que também destacamos em relação a esse par é a interdependência, pois o par *não só... mas* não funciona com cada termo isoladamente. Vejamos outra ocorrência desse par:

(39)

A casa fica um pouco distante da praia, mas mesmo assim, todo dia nós vamos à praia, **não só** para aproveitar o sol, jogar frescoboll ou nadar um pouco, **mas** nós vamos à praia, principalmente para observar todas aquelas "bundinhas" de fora. (V14M/ D&G: 183 – Língua escrita)

Em (39), o discurso gira em torno dos hábitos que o informante tem ao ir à praia. O informante, certamente com a intenção de não atribuir a ida à praia apenas a aproveitar o sol e jogar frescobol, utilizou uma estrutura correlata para revelar que também vai à praia para ver “bundinhas de fora”.

Com isso, verificamos que a expressão *não só*, presente na prótase, imprime um aspecto de negação, e a expressão *mas*, presente na apódose, apresenta uma ideia de inclusão.

Ainda em relação a essa ocorrência, Silva (2016) explica que nesse tipo de estrutura, possivelmente, o termo *também* tenha sido suprimido e a correlação aconteceu por meio de *não só... mas*.

e) O par correlato *não só... como*

De acordo com Neves (2011 [2000]), assim como o par *não só... mas (também)*, o par *não só... como* é considerado um tipo diferente das estruturas aditivas, uma vez que elas ficariam entre as correlatas aditivas e as correlatas comparativas, como uma espécie de classificação híbrida. Em nossos dados foi encontrada 01 ocorrência desse par na modalidade da língua falada, que pode ser observada a seguir:

(40)

aí a gente não é ... num obedecia né ... ao ... ao toque de alerta pra todo mundo ir fazer suas obrigações ... aí ele colocava lá o:: som né ... um corinho ... bem acelerado que a gente num tinha condições de ficar mais deitada né ... a gente se levantava né ... cada um tinha hora também determinada pra ir ao banheiro ... né ... fazer suas necessidades ... depois ... não tomava café ... a gente ia logo fazer o culto doméstico ... né ... de manhã ... então nesse ... nessa consagração pela manhã ... **não só** eu senti **como** todo mundo sentiu ... a gente tava lá ... e era um amor tão grande ... (G21F/D&G/:28 – língua falada)

Em (40), observamos uma estrutura correlata aditiva encabeçada pelo correlator *não só... como* indicando sentido de adição e apresentando a interdependência típica da correlação. Dessa maneira, há na prótase uma denotativa negativa percebida pelo elemento *não só* e na apódose uma denotativa de inclusão por meio do elemento *como*.

Outro fator que podemos analisar a respeito dessa estrutura é em relação a sua proximidade com a comparação. Vejamos a reescrita:

(40')

aí a gente não é ... num obedecia né ... ao ... ao toque de alerta pra todo mundo ir fazer suas obrigações ... aí ele colocava lá o:: som né ... um corinho ... bem acelerado que a gente num tinha condições de ficar mais deitada né ... a gente se levantava né ... cada um tinha hora também determinada pra ir ao banheiro ... né ... fazer suas necessidades ... depois ... não tomava café ... a gente ia logo fazer o culto doméstico ... né ... de manhã ... então nesse ... nessa consagração pela manhã ... **tanto** eu senti **quanto** todo mundo sentiu ... a gente tava lá ... e era um amor tão grande ...

Considerando a reescrita, percebemos não mais uma relação de adição, mas uma relação de comparação de igualdade. Logo, confirmamos que há uma proximidade entre as estruturas comparativas e as estruturas aditivas, como afirmou Neves (2011 [2000]).

f) O par correlato *não somente... mas também*

Em nossos dados de análise, encontramos 01 ocorrência desse par na modalidade da língua escrita. Vejamos:

(41)

As autoridades locais bem como a população em geral muito falam da preservação deste verdadeiro pulmão verde praticamente dentro da cidade. Eu não diria somente pulmão, mas sim o coração. Temos ali, bem no meio daquelas dunas, **não somente** um parque verde com vegetação de encostas, **mas também** um dos maiores lençóis freáticos do perímetro urbano. (I30M/D&G: 73 – Língua escrita)

Em (41), demonstra-se uma estrutura aditiva encabeçada pelo correlator *não somente... mas também*, apresentando a função de adição. O referido par correlato inter-relaciona dois sintagmas: *um parque verde com vegetação de encostas* e *um dos maiores lençóis freáticos do perímetro urbano*.

Nesse recorte, o informante expressa uma preocupação tanto com a preservação da vegetação verde que existe no meio das dunas (prótase), como também com um dos maiores lençóis freáticos (apódose).

De acordo com Silva (2016), o informante se utiliza do par correlato, possivelmente, devido alguma intensão ou devido ao uso de um conector que expresse maior ideia de adição. Vejamos que, nesta ocorrência, esse par correlato pode ser substituído pela típica conjunção aditiva *e*:

(41')

As autoridades locais bem como a população em geral muito falam da preservação deste verdadeiro pulmão verde praticamente dentro da cidade. Eu não diria somente pulmão, mas sim o coração. Temos ali, bem no meio daquelas dunas, um parque verde com vegetação de encostas, **e** um dos maiores lençóis freáticos do perímetro urbano.

É interessante perceber que ao trocarmos o par *não somente... mas também* pela conjunção *e*, perde-se completamente a ênfase que o falante consegue pelo uso do *não só... mas também*, logo, o valor discursivo é alterado. Verificamos a presença de uma estrutura coordenada aditiva. Compreendemos que na coordenação a conjunção é uma estrutura simples, enquanto que na correlação, a conjunção se redobra, contendo um par em cada oração.

Ainda podemos observar nesse par o parâmetro de variabilidade sintagmática proposto por Lehmann (1995[1982]), uma vez que foram possíveis outras combinações entre os correlatores. Assim, percebemos que a segunda partícula do primeiro correlator é imediatamente seguida pelo segundo correlator.

Podemos, também, analisar esse par em relação à ordem das correlatas aditivas encabeçadas por *não somente... mas também*. Se invertêssemos a ordem das orações, teríamos prejuízo em relação à primeira informação que foi transmitida. Diante disso, a inversão nas estruturas correlatas aditivas não pode acontecer do ponto de vista sintático, já que o enunciado fica agramatical, e em relação ao ponto de vista semântico, o enunciado fica incompreensível.

g) O par correlato *não somente... como também*

Esse par nos remete ao primeiro parâmetro paradigmático, o da *integridade*, proposto por a Lehmann (1995[1982]), que se refere ao tamanho substancial de um signo, assim, *não somente... como também* tende a ser bem mais extenso, e com isso, possui mais massa fônica em comparação aos conectores coordenados aditivos (por exemplo a conjunção e).

É válido salientar que estudiosos como Melo (1978), Luft (2000), Bechara (2009), entre outros, destacam que o par correlato *não somente... como também* é um dos conectores mais conhecidos dentro da tradição gramatical, entretanto, em nossos dados, foi encontrada apenas 01 ocorrência na modalidade da língua escrita. Supostamente, pelo seu peso fonológico, o seu uso já esteja sendo substituído por outros elementos mais econômicos da língua portuguesa, como pode ser visto ao longo deste capítulo. Vejamos a ocorrência desse par:

(42)

A trama conseguia envolver o telespectador **não somente** pelo seu caráter intimista, **como também** os recursos geográficos colocavam a "deixa" no ar para uma outra linguagem; esta agora muito mais plástica porque a natureza como que adentrava, através do enredo, pelo nosso vídeo e se nos apresentava como um personagem vigoroso na sua maior forma. (I30M/D&G: 78 – Língua escrita)

Na ocorrência (42), observamos uma estrutura correlata aditiva encabeçada pelo correlator *não somente... como também* indicando sentido de adição. Nesse excerto, assim como nos anteriores, a conjunção se redobrou em duas expressões, apontando uma para a primeira oração e outra para a segunda.

Portanto, o locutor manifesta o seu ponto de vista em relação ao envolvimento do telespectador com a trama. Temos o par correlato *não somente... como também* unindo dois

segmentos: *pelo seu caráter intimista e os recursos geográficos colocavam, a "deixa" no ar para uma outra linguagem*. Sendo assim, podemos dizer que essas orações são ligadas por correlação, uma vez que estão ligadas por:

comparação, *como*,
negação, *não*,
focalização, *somente*,
inclusão, *também*.

Portanto, constatamos que as estruturas correlatas aditivas são estruturas complexas, uma vez que podem ser formadas por meio de vários processos semânticos ou discursivos, como no caso da ocorrência, na qual ocorreu comparação, negação, focalização, e inclusão. Vejamos a seguir as estruturas correlatas consecutivas.

4.2.4 Estruturas correlatas consecutivas

As estruturas consecutivas são tradicionalmente conhecidas como oração subordinada adverbial consecutiva, pertencendo, portanto, ao quadro das orações subordinadas. Em nossos dados de análise, obtivemos um total de 06 (seis ocorrências) das estruturas correlatas consecutivas, sendo 04 (quatro) ocorrências na modalidade da língua falada e 02 (duas) ocorrências na modalidade escrita. Vejamos, a seguir, as ocorrências das estruturas correlatas consecutivas:

a) O par correlato *tão... que*

As consecutivas estabelecem uma ideia de consequência em relação à oração anterior a qual se liga através da conjunção *que* em correlação a um termo intensivo; assim, de acordo com Castilho (2010), a configuração das correlatas consecutivas prototípicas é *que* correlacionado a *tão*. Em nossos dados, encontramos um total de 06 ocorrências, sendo 04 na modalidade da língua falada e 02 na modalidade da língua escrita. Para melhor visualização, observamos o recorte a seguir:

(43)
[...] é ... caneta **tão** chique **que** num sabe nem escrever direito... (I30M/D&G:55 – Língua falada)

Na ocorrência (43), observamos o par correlato *tão... que*, indicando uma ideia de consequência que é percebida por meio da interdependência de pares correlatos: no primeiro membro da estrutura, temos o correlator *tão* que intensifica o adjetivo *chique*, criando um clima de expectativa para a enunciação da segunda estrutura iniciada pelo segundo correlator

que, com o qual se relaciona. Por meio da apódose, é possível tomar conhecimento de que não se sabe nem escrever direito com a caneta chique.

Outro fator que podemos destacar em relação ao par *tão... que* é a presença da interdependência, uma vez que o *tão*, presente na prótase, gera um suspense para o que será dito na apódose, o que reforça que os termos correlacionam ideias.

Percebemos que a relação entre o primeiro correlator intensificador *tão* e o segundo correlator *que* também é observada em outros exemplos de nosso *corpus* como podemos ver a seguir:

(44)

Logo em seguida somos bombardeados por uma outra de fraca consistência onde o enredo desemboca numa repetição de temas que, de *tão* explorados, não despertam curiosidade alguma aos telespectadores *que* não vêem outra opção senão assistirem esses maus momentos que a tv brasileira nos oferece. (I30M/D&G:78 – Língua escrita)

Na ocorrência (44), assim como na ocorrência (43), observamos o par correlato é *tão... que* indicando uma relação de consequência e apresentando interdependência típica da correlação. Nesse sentido, na primeira oração, há uma anunciação do que será dito na segunda. Assim, entendemos que na primeira oração o *tão* intensifica *explorados*, dando espaço para o que será enunciado na segunda oração, encabeçada pelo *que*, no caso, *não vêem outra opção senão assistirem esses maus momentos que a tv brasileira nos oferece*.

Outro aspecto que pode ser analisado neste recorte é em relação à ordem das correlatas consecutivas encabeçadas por *tão... que*, pois elas se comportam de maneira fixa, ou seja, suas orações não podem ser invertidas, caso contrário, iria causar problemas tanto na interpretação, como no ponto de vista sintático.

Terminada a análise do par *tão... que* podemos afirmar que existe uma relação entre o primeiro correlator intensificador *tão* com somente um elemento de base nominal seguinte (adjetivo) e com o segundo correlator *que*. Essa configuração é confirmada por Módolo (2008), ao afirmar que uma das formas das consecutivas é o primeiro elemento da correlação ser *tanto, tão, tal, tamanho, assim*, e como segundo elemento a presença da conjunção *que*.

Comprovamos também que, na prótase da correlação consecutiva, é apresentada parte de um conteúdo de consequência e que esse possui, como função, criar uma expectativa para a enunciação da outra proposição, com a qual está relacionado e a que chamamos de apódose.

b) O par correlato *tanto... que*

Houve, em nossos dados, 01 ocorrência do par correlato *tanto... que* na modalidade da língua falada. Assim, como o par anterior, *tanto... que* é uma estrutura complexa, que envolve a interdependência, como podemos visualizar na seguinte ocorrência:

(45)

I: é ... aí eu achava nunca que ... não ia nem passar né ... fiquei com **tanto** medo **que** pensei que num ia nem passar ... pra mim foi uma surpresa ... aí ficou ... até hoje nunca esqueci também ... (G17F/D&G:152 – Língua falada)

Analisando o recorte, verificamos que, na prótase, existe um intensificador, *tanto*, intensificando o substantivo *medo*, criando, portanto, a expectativa para a enunciação seguinte, tão característica desse membro. A apódose é introduzida pelo segundo correlator *que + pensei que num ia nem passar*.

Logo, podemos dizer que esse par organiza-se através da correlação entre o primeiro correlator intensificador *tanto* e o segundo correlator *que*.

Concluída a análise semântica e funcional dos dados, em que comprovamos que as alternativas, comparativas, aditivas e consecutivas podem ser classificadas também como estruturas correlatas, na seção a seguir, iremos analisar alguns pares correlatos em relação ao processo de gramaticalização, atentando para os princípios de Hopper (1991).

4.3 Gramaticalização dos pares correlatos

Nesta seção, serão analisados casos de manifestação do processo de gramaticalização que parecem presentes em alguns pares correlatos. Desse modo, como foi visto em nosso capítulo teórico, de acordo com Martelotta (2011), a gramaticalização é processo de mudança linguística unidirecional, segundo o qual itens lexicais passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais.

Conforme já visto em capítulo anterior, Hopper (1991) propõe cinco princípios que operam no processo de gramaticalização. Todavia, esses princípios atuam em estágios iniciais do referido processo, o que contribuiu, possivelmente, para raras as ocorrências de todos os princípios em nossos dados.

Nossa análise comprova essa afirmação, ao observar a manifestação de três dos princípios, considerando o comportamento dos pares em análise e os contextos evidenciados no *corpus* investigado. Trata-se dos princípios da estratificação, da divergência e da persistência.

Como vimos em nossa fundamentação, o *princípio da estratificação* ocorre quando novos itens coexistem com outros já consolidados e exercem a mesma função numa mesma categoria. No nosso caso, podemos apontar, a título de exemplificação, a manifestação desse princípio nos pares correlatos *bem... do que* e *desde... até*, sendo respectivamente um comparativo e outro aditivo. Nesse sentido, observamos esse princípio na seguinte ocorrência:

(46)

[...] ao redor da casa ... é encimentado ... mas o quintal todo não é encimentado ... algumas partes é ... como por exemplo ... **desde** o portão **até** a garagem é encimentado ... na garagem ... é grande dá pra dois carros ... tem (E15DL/D&G, ORAL: 145)

Na ocorrência (46), observamos a correlação aditiva encabeçada por um correlator que parece inovador nessa categoria dos aditivos, o par *desde... até*. Observando esse par correlato, averiguamos que ocorre uma preocupação em marcar dois estágios: inicial (o portão) e final (a garagem). Assim, a relação desencadeada se insinua como reveladora de uma adição de informações, materializada entre os dois termos que representam duas partes da casa cimentada.

Analisando o par *desde... até*, de acordo com os princípios de Hopper (1991), poderíamos, então, afirmar que ocorre o princípio de *estratificação*, uma vez que surgiu uma nova forma dentro da classe das correlatas aditivas. Todavia, ela coexiste com as outras formas mais antigas que representam o grupo das conjunções correlatas aditivas. Como exemplo desse domínio, Luft (2000) cita os pares *não só... mas também*, *não somente... como também*, etc.

É relevante apontar que o par *desde... até* é formado por duas preposições. Entretanto, esse par aparece nos dados do *corpus* como conector que adiciona informações, estabelecendo relação aditiva, marcada pela interdependência entre os dois termos, característica que temos destacado como típica da correlação. Isso significa que está ocorrendo uma mudança linguística através da qual o item passa de uma classe gramatical, a preposição, para outra mais gramatical ainda, a conjunção. É, portanto, um caso de gramaticalização.

Vejamos outro exemplo desse princípio, agora, com o par *bem... do que*:

(47)

no caso é a sala que eu estudo... né ... tem uma sala grande ... **bem** estruturada **do que** as de lá de cima né... tem muito mais do que setenta cadeiras apenas ... ela é mais larga... logo após vem a sala... (SF19/D&G/: 134 – língua falada)

Na ocorrência (47), observamos que esse par no discurso produz uma ideia de comparação de superioridade, uma vez que a informante faz uma comparação entre as estruturas das salas de aula.

Observamos que *bem... do que* não é um par correlato comum, uma vez que o advérbio *bem* foi usado como membro de um par correlativo, ou seja, exerce um papel relacional mais típico do conector. Desse modo, a classe dos correlatores comparativos passa a contar com mais um membro, o que significa que está ocorrendo a manifestação do princípio da estratificação.

Chamamos a atenção para a defesa que Tavares (2012) faz de que este princípio está relacionado com a renovação da gramática, pois possibilita a criação de novas estruturas, no nosso caso, a criação do par *bem... do que*, disponibilizando para o falante mais uma alternativa de uso quando necessitar expressar relação comparativa.

Este exemplo, *bem... do que*, assim como o anterior, *desde... até*, ilustram o princípio da estratificação nos termos de Hopper (1991). De fato, parece ocorrer a gramaticalização de formas que passam de uma classe para funcionar, também, em, outra, gerando novos itens no domínio das conjunções correlatas, sem que os itens que já existiam nessa classe sejam excluídos.

Em relação ao *princípio da divergência*, observamos à permanência de um item que mantém seu sentido original convivendo de forma autônoma com formas dela derivadas e que exercem novas funções. Vamos ilustrar esse fenômeno com o seguinte dado:

(48)

[...] e... de vez em quando ... a gente se depara com grupo saindo de dentro de uma duna daquela e ... se encaminhando ao asfalto ... às passarelas de acesso pra corrida pra bicicleta ... e o importante nesse ... nesses encontros é... **quer** cumprimentasse as pessoas **quer** ... passasse normal. (IM30/D&G/: 53 – língua falada)

Na ocorrência (48), percebemos que o par *quer... quer* funciona como estrutura correlata alternativa. O valor desempenhado por esse par é de exclusão, tendo em vista que a ocorrência de um fato elimina a possibilidade de o outro também ocorrer.

Nesse caso, manifesta-se o princípio da divergência, proposto por Hopper (1991), tendo em vista que, a partir da gramaticalização, o par *quer... quer* neutralizou as marcas de categoria plena (verbo) e passou a assumir características de categoria secundária (conjunção), assim, houve o deslocamento de uma categoria menos gramatical para outra, mais gramatical. Ao indicarmos que algumas características deixam de se manifestar, estamos nos referindo, por exemplo, à ausência de concordância verbal devido ao não preenchimento formal da função de sujeito.

Vale destacar que, a despeito da mudança que leva o item a operar como conector alternativo, a forma plena original continua disponível na língua e exercendo toda a funcionalidade que lhe é inerente nos devidos contextos de uso. Isso que dizer que o sentido

da forma *querer* como verbo pleno não desapareceu e convive com as formas derivadas. Assim, está caracterizada a *divergência* funcional entre as formas primitiva e derivada.

Já o *princípio da persistência* diz respeito à conservação de traços característicos da forma-fonte do item, o que faz com que ocorra a conservação de partes do seu valor semântico e ou de sua funcionalidade sintática, mesmo que atue em novas funções e em novos contextos. No caso dos pares correlatos de base verbal, eles preservaram características de sua origem, as quais influenciam em seu comportamento sintático e semântico, como é comprovável no exemplo do par *seja... seja*. Vejamos:

(49)

[...] a maioria são senhoras ... senhoras que ... é ... já com uma profissão definida ...
seja ... dona de casa ... é ... **seja** profissionais autônomas como ... dentistas ... é ...
 advogadas ... mas a maioria são mulheres ... porque o preconceito nessa área é muito
 forte ... (IM30/D&G/: 66 – língua falada)

Nesta ocorrência (49), percebemos que o par *seja... seja* estabelece no discurso uma relação de alternância, tendo em vista que o informante faz um revezamento entre os fatos, de modo que uma situação exclua a outra. Esse exemplo nos remete ao princípio de *persistência*, proposto por Hopper (1991). No processo de gramaticalização do par correlato analisado, a despeito da passagem de uma função mais lexical para outra mais gramatical, alguns traços de seu sentido original tenderam a continuar. De igual modo, percebemos a manutenção de sua funcionalidade estrutural, uma vez que é comum anotar usos dessas formas que, mesmo pluralizadas, estabelecem concordância verbal com eventuais sujeitos sintáticos, mesmo constituindo casos de conexão correlata alternativa.

Defendemos que, ao contrário do *quer... quer*, *seja... seja* ainda não está totalmente gramaticalizado, pois o primeiro, como conjunção, não admite sua forma flexionada, o que é atestado de sua gramaticalização avançada como conectivo. No caso do *seja... seja*, lembramos, com Bechara (2009), que certas estruturas podem aparecer flexionados como *sejam... sejam*, nas quais o valor de verbo pleno parece mais preservado. Entretanto, vale destacar que em nossos dados não foi encontrada a estrutura flexionada do verbo *ser* redobrado.

Da observação dos dados em análise, podemos defender que a gramaticalização é bastante produtiva no domínio dos pares correlatos. Nosso estudo indica que são numerosas as formas inovadoras identificadas nos dados do *corpus*, especialmente, aquelas que apontam a migração de itens a partir de classes menos gramaticais. Assim, observamos verbos, advérbios, preposições, entre outras, passando a assumir a função de conector que, em todos

os casos observados, é uma função mais gramatical que aquelas que abrigam as formas-fonte originárias.

Em suma, nesta seção, pudemos atestar as peculiaridades semântico-sintáticas de alguns pares correlatos, conforme a verificação de seu estágio de gramaticalização a partir dos princípios formulados por Hopper (1991): estratificação, divergência e persistência.

Vejamos, na próxima seção, a análise da prototipicidade dos pares correlatos.

4.4 Critérios de prototipicidade na categorização dos conectores correlatos

Consideramos importante tentar aplicar a teoria dos protótipos, uma vez que há poucos estudos usando esta teoria, sobretudo no que se refere à abordagem funcionalista. Com isso, é importante destacar que antes de uma análise propriamente dita, se faz necessário compreender o porquê de alguns itens serem classificados em uma categoria e não em outra. Isso nos remete a Hopper (1991), ao explicar o princípio da decategorização, no qual os itens perdem suas características em que eram reconhecidos originalmente, como as formas plenas (nomes e verbos) e passam a assumir características de categorias secundárias (conjunções), por exemplo.

Sabendo disso, nesta seção, iremos analisar o comportamento dos conectores correlatos em estudo a partir da verificação da presença/ausência de critérios de pertencimento à referida categoria em nossos dados de análise. Para isto, iremos delimitar os critérios para a verificação da prototipicidade dos itens correlatos, considerando a relação de alternância, adição, comparação e consequência, prestando atenção no valor que o item deve ativar para relacionar orações interdependentes. Considerando a natureza da função em tela, os valores semânticos e discursivos presentes nos usos, os critérios estabelecidos para medir o grau de prototipicidade foram os seguintes:

Presença de dois elementos para correlacionar orações: os enunciados ligam-se por meio de conectores que se redobram, ou que estão segmentados, com parte em um ponto estrutural do enunciado e outra parte num segundo ponto – que podem ser orações ou mesmo enunciados nominais.

Interdependência entre orações: a interdependência é uma das principais características da correlação, e se caracteriza por suas orações estarem relacionadas estrutural e semanticamente. Desse modo, a primeira parte do enunciado depende da segunda, assim como a segunda depende da primeira.

Leitura semântica dos pares correlatos: o conteúdo da primeira oração depende do da segunda e vice-versa, e eles ligam-se por meio de conectivos redobrados – ou segmentados - que manifestam intensificação, realce, ênfase. Imaginamos uma gradualidade de manifestação da função semântica, defendendo que haja conectores mais explicitamente reveladores de papéis aditivos, alternativos, comparativos, e consecutivos.

Índice de frequência: nos estudos funcionalistas, considera-se que a frequência é indício de gramaticalização em determinada função, de tal modo que, quanto mais recorrente a presença de um item em um dado contexto, mais provável que ele se aproxime do representante prototípico da classe. Para evitar a circularidade que poderia advir da constatação de que maior frequência é determinante da prototipicidade – e não o contrário, utilizamos esse critério para desempatar casos em que os demais critérios não nos permitam aferir o *cline* de prototipicidade dos itens analisados.

Portanto, a partir desses critérios, iremos analisar os elementos, e quanto maior for o número de atributos presentes em cada um deles, mais esse item se aproxima do representante prototípico de sua classe. Como explicamos, é provável que alguns itens apresentem características idênticas; por isso, iremos considerar o índice de frequência como um critério de desempate. No gráfico, para destacar as características de cada item, usaremos + para a presença da característica e – para a característica ausente.

Assim, a seguir, iremos analisar a prototipicidade dos itens correlatos alternativos, comparativos, aditivos e consecutivos. Vejamos no quadro 16 a identificação dos critérios apresentados em relação aos itens alternativos.

QUADRO 16: Prototipicidade dos conectores alternativos:

CONECTORES	Interdependência	Dois termos	Leitura semântica	Total de +	Número de frequência
Já... Já	+	+	-	2	22
Ou... ou	+	+	+	3	20
Nem... nem	+	+	-	2	13
Quer... quer	+	+	-	2	06
Seja... seja	+	+	-	2	02
Seja... ou	+	+	-	2	01
Que... ou	+	+	-	2	01

Fonte: pesquisadora

De acordo com o quadro 16, a análise comprova o que o conector que mais se aproxima de ser um representante prototípico das estruturas alternativas no *corpus* é o *ou... ou*, o que já é confirmado pelas gramáticas tradicionais. Enquanto que os conectores *seja... ou* e *que... ou* foram os que mais se distancia do prototípico, pois apresentaram o menor número de características dos critérios de prototipicidade por nós formulados, como também, os menores índices de frequência.

Os exemplos que seguem ilustram a análise:

(50)

[...] a hora do intervalo ... a gente fica sentado ... conversando ... **ou** conversando **ou** se tiver dinheiro pra lancha ... lancha ... também se num tiver ... bem ... e pra ... como é:: quando o pessoal leva lanche né ... o colégio ... a turma fica reunida no colégio ... aí quando o pessoal leva lanche ... todo mundo lancha... (GF17/D&G/:155 – língua falada)

(51)⁸

[...] eu acho isso meio perigoso porque as crianças elas ... não entendem ainda bem **seja** ... ser um homem bom **ou** um homem mau e ... copiam esses modelos equivocadamente ... se enchem de armas a ... na defesa é ... às vezes até copiando modelos de ... personagens más ... de vilão/ vilões né? (IM30/D&G/:69 – língua falada)

Observando as ocorrências (50), vemos que o *ou... ou* está clara e explicitamente alternando ideias: *ou conversando ou se tiver dinheiro pra lancha*. Em (51) acontece a mesma coisa, existe a alternância de ideias *seja... ser um homem bom ou um homem mau*. Entretanto, essas ocorrências se diferem em relação aos princípios de prototipicidade de correlacionar termos e leitura semântica.

Em relação ao critério de correlacionar termos, provavelmente, o usuário da língua terá mais dificuldade de processar e identificar que o par *seja... ou* está correlacionando de forma direta as ideias expressas nas duas partes do enunciado do que o par *ou... ou*. O mesmo acontece em relação à leitura semântica desses pares, em que o sentido de alternância do par *ou... ou* não apresenta dificuldade para revelar o seu sentido, enquanto que, possivelmente, com o *seja... ou* o falante terá um esforço cognitivo maior para determinar o valor semântico desejado pelo autor do enunciado. Portanto, esses critérios demonstram que, no *corpus*, podemos defender uma prototipicidade para o par correlato alternativo *ou... ou*.

Concluída a análise da prototipicidade dos conectores correlatos alternativos, vejamos, a seguir, a análise da prototipicidade dos itens comparativos.

⁸ Como o par *seja... ou* em nossos dados obteve 01 (uma) ocorrência, foi utilizado em (51) o mesmo recorte do dado (15).

QUADRO 17: Prototipicidade dos conectores comparativos:

CONECTORES	Interdependência	Dois termos	Leitura semântica	Total de +	Número de frequência
Mais... do que	+	+	+	3	18
Tão... quanto	+	+	+	3	06
Tão... como	+	-	+	2	05
Tanto... como	+	+	-	2	05
Tanto... quanto	+	+	+	3	04
Bem... do que	+	-	-	1	03
Melhor... do que	+	+	+	3	01
Mais (x) como... do que	+	-	+	2	01

Fonte: pesquisadora

Observando os critérios de prototipicidade nos conectores comparativos, verificamos que em nossos dados de análise, ocorre um empate entre 04 pares correlatos, entretanto, utilizando o critério do índice de frequência o par correlato que representa o prototípico é o *mais... do que*, diferentemente dos estudos realizados por Castilho (2010), que afirmou que *tanto... quanto* seria o par correlato mais conhecido, sendo assim o mais prototípico. Já o menos prototípico é o par *bem... do que*, possivelmente por ainda não estar totalmente gramaticalizado, ainda requer esforço para perceber que se trata de um conectivo correlato comparativo. Vejamos, a seguir, dois exemplos que ilustram os usos dos conectores em tela e que podem nos dar uma noção da funcionalidade desses elementos:

(52)

ela disse que não era ... que era mentira que tinha rejeitado ... mas ele não acreditou ... aí ela se sentiu assim ... é:: humilhada ... porque ... acreditar **mais** no amigo **do que** nela que tava vivendo com ele ... né? (RF19/D&G/:133 – língua falada)

(53)

eu acho também na organização do congresso ... quanto a ... foi um pouco **bem** organizado **do que** o outro a nível de CONJUBALESTE né ... daqui de ... de Natal ... eu só fui a um ... (SF19/D&G/:129 – língua falada)

Analisando as ocorrências (52) e (53), concluímos que os pares *mais... do que* e *bem... do que* desempenham a mesma função, são pares correlatos comparativos. Percebemos que em ambos os exemplos ocorre a interdependência, uma vez que o primeiro elemento depende estruturalmente do segundo e vice-versa. Todavia, em relação ao princípio de correlacionar orações, o par *bem... do que* requer que o usuário da língua retome informações ocultas. Esse fator pode contribuir para uma funcionalidade mais produtiva do par *mais... do que*, o qual demandaria menor esforço cognitivo – o que teria reflexos em seu nível mais elevado de frequência. Assim, esse par parece se impor como o que mais se aproxima da representatividade prototípica da categoria.

Em relação ao critério de leitura semântica, o par *bem... do que* se distancia virtualmente do membro prototípico da categoria, uma vez que requer maior esforço cognitivo por parte do usuário para processá-lo e interpretá-lo, identificando-o como elemento comparativo.

Após a análise dos critérios de prototipicidade nos conectores comparativos, analisamos, a seguir, a prototipicidade dos conectores aditivos.

QUADRO 18: Prototipicidade dos conectores aditivos:

CONECTORES	Interdependência	Dois termos	Leitura semântica	Total de +	Número de frequência
Não só... mas também	+	+	+	3	04
Desde... até	+	+	-	2	04
Não... e sim	+	-	+	2	03
Não só... mas	+	-	+	2	02
Não só... como	+	+	+	3	01
Não somente... mas também	+	+	+	3	01
Não somente... como também	+	+	+	3	01

Fonte: pesquisadora

A partir da análise dos critérios de prototipicidade, observamos que houve um empate entre 04 pares correlatos, para desempatar, utilizamos o índice de frequência, logo, em nossos dados, podemos afirmar que o par correlato que melhor representa o prototípico aditivo é o *não só... mas também*, enquanto o par correlato que parece mais se distanciar do prototípico é o *desde... até*. Para defendermos essa afirmação, observemos os exemplos a seguir:

(54)

A casa fica um pouco distante da praia, mas mesmo assim, todo dia nós vamos à praia, **não só** para aproveitar o sol, jogar frescoboll ou nadar um pouco, **mas também** nós vamos à praia, principalmente para observar todas aquelas "bundinhas" de fora. (VM14/D&G/:183 – língua escrita)

(55)

[...] a cadeira onde eu me sento... uma máquina ... uma mezinha pra apoiar a máquina ... né? um sonzinho ... que vai mais velho do que eu ... acho que tem uns sete anos ... **desde** que a clínica foi fundada ... **até** tem hora que ele quer parar ... sabe? (GF19/D&G/:120 – língua falada)

Analisando as ocorrências (54) e (55), percebemos que o par *desde... até* é menos prototípico que o par *não só... mas também*. Para defender esse ponto de vista poderíamos nos sustentar no fato de que a formação deste par correlato, constituído por duas preposições, pode causar maior dificuldade à percepção de uma função semântica aditiva.

Assim, no critério de leitura semântica, confirmamos que o par *não só... mais também* responde positivamente ao que se espera da categoria, deixando mais explícita a noção de

soma de informações, enquanto o contrário parece ocorrer com *o desde... até*. Esse fator pode ser determinante na maior produtividade do *não só... mais também* em relação aos demais membros da categoria.

Por fim, iremos analisar a prototipicidade dos conectores correlatos consecutivos, como podemos visualizar no quadro 27:

QUADRO 19: Prototipicidade dos conectores consecutivos:

CONECTORES	Interdependência	Dois termos	Leitura semântica	Total de +	Número de frequência
Tão... que	+	+	+	3	05
Tanto... que	+	+	+	3	01

Fonte: pesquisadora

Analisando a prototipicidade dos conectores correlatos consecutivos em nossos dados, observamos que se trata de dois itens já considerados pelas gramáticas como tipicamente consecutivos. Considerando os critérios de prototipicidade por nós propostos, mais uma vez o critério de frequência foi utilizado, e o par que representa o prototípico é o *tão... que*. Para melhor visualização, vejamos os exemplos a seguir:

(56)

casa interiorana né ... pequena ... tem basicamente uma sala ... três quartos ... uma cozinha ... né ... e tem ... é **tão** antigo **que** o banheiro é separado. (GM16/D&G/:98 – língua falada)

(57)⁹

é ... aí eu achava nunca que ... não ia nem passar né ... fiquei com **tanto** medo **que** pensei que num ia nem passar ... pra mim foi uma surpresa ... aí ficou ... até hoje nunca esqueci também ... (G17F/D&G:152 – Língua falada)

A partir da análise realizada, observamos que, em relação aos critérios destacados, ocorre empate entre os pares *tão... que* e *tanto... que*. Entretanto, consideramos o par *tão... que* como o que melhor representa o membro prototípico da categoria, em decorrência do índice de frequência, pois, conforme já afirmamos, este critério é usado como uma maneira de desempate.

Essa aplicação dos critérios de prototipicidade assume relevância na descrição da gramática da correlação, pois pode fornecer uma visão tanto panorâmica quanto detalhada da funcionalidade dos itens conectores que cumprem a função de inter-relacionar semântica e sintaticamente, de modo indissociável, as informações que se sucedem na cadeia discursiva. Entretanto, nunca é demais alertar que a realidade de números e comportamentos ora descritos

⁹ Como o par *tanto... quanto* em nossos dados obteve 01 (uma) ocorrência, foi utilizado em (57) o mesmo recorte do dado (45).

diz respeito a um *corpus* específico, o D&G – Natal, e não pode ser generalizada para todos os dados da língua em uso, mesmo que se considere apenas a correlação.

Feita a análise em relação aos critérios de prototipicidade dos conectores alternativos, comparativos, aditivos e consecutivos, podemos concluir que nosso estudo confirma o que Taylor (1989) estabelece, uma vez que os elementos + prototípicos que pertencem a uma categoria compartilham mais características, já os elementos - prototípicos compartilham menos características e representam aquelas estruturas que ainda estão em observação no uso linguístico. Sendo assim, para melhor visualização dos conectores mais prototípicos, segue o quadro 20:

QUADRO 20: Conectores mais prototípicos

TIPO DE CORRELAÇÃO	CONECTORES PROTOTÍPICOS
Alternativas	Ou...ou
Comparativas	Mais... do que
Aditivas	Não só... mas também
Consecutivas	tão... que

Fonte: pesquisadora

Em resumo, o quadro nos mostra os pares correlatos mais prototípicos de cada tipo de correlação. Portanto, a análise comprova que o conector prototípico das estruturas alternativas no *corpus* é o *ou... ou*, o que já é confirmado pelas gramáticas tradicionais; Em relação as comparativas tivemos o par mais prototípico *mais... do que*; As aditivas, o par correlato que melhor representa o prototípico é o *não só... mas também*; Por fim, nas consecutivas, e o par que representa o prototípico é o *tão... que*.

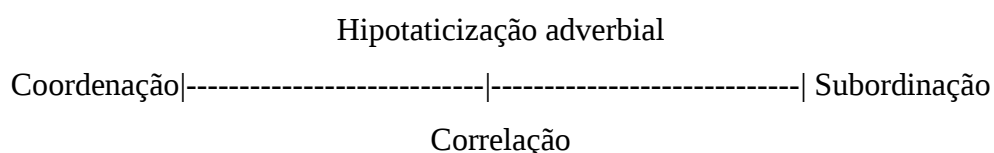
CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, realizamos uma breve síntese dos resultados obtidos a partir da análise de dados, e buscamos, também, verificar se os objetivos propostos, aqui recuperados, foram alcançados ao longo da pesquisa:

- Descrever o comportamento das estruturas correlatas em situações reais de comunicação;
- Comparar o comportamento da correlação nas perspectivas tradicionais e funcionais;
- Demonstrar que as estruturas correlatas alternativas, aditivas, comparativas e consecutivas apresentam características que as diferenciam das típicas coordenadas e subordinadas;
- Analisar o comportamento semântico e sintático que envolve essas estruturas dentro da correlação;
- Analisar a prototipicidade dos conectores correlato, a partir da verificação da presença/ausência de critérios de pertencimento propostos à categoria

Conforme foi constatado nos resultados obtidos através do recorte de dados do *corpus* D&G, podemos asseverar que os objetivos propostos foram alcançados. Ao longo da pesquisa, verificamos a frequência de uso dos itens correlatos das estruturas alternativas, comparativas, aditivas e consecutivas em contextos da língua falada e escrita, por meio da quantificação desses itens. Como também analisamos cada uma dessas estruturas observando suas particularidades, bem como o processo de gramaticalização presente em alguns dos conectores correlatos e, por fim, verificamos a prototipicidade dos mesmos.

O estudo realizado buscou comprovar que o fenômeno da correlação é, assim como a coordenação e da subordinação, mais um processo de articulação de orações, como já havia sido confirmado por Módolo (2008) e Castilho (2010), entre outros. Sendo assim, entendemos que a correlação se encontra entre coordenação e subordinação, bem como a hipotaticização adverbial. Para ilustrar esse posicionamento em relação ao fenômeno da correlação, recorreremos a Castilho (2010) que nos apresenta um pequeno gráfico em que podemos verificar o *continuum* em que se encontram as coordenadas e as subordinadas:



O que se observa, no gráfico, é que as correlatas não podem ser consideradas nem subordinadas e nem coordenadas, pois estão no meio do caminho desses dois extremos, e percebemos, também através do gráfico, que as coordenadas e as subordinadas admitem que as hipotáticas adverbiais e as correlatas fiquem entre esses dois extremos, compartilhando algumas de suas propriedades.

Com isso, podemos retornar à ideia de *continuum* proposta por Hopper & Traugott (1997) em relação à combinação dos traços [dependência] e [encaixamento], acrescentando à correlação entre a coordenação e a subordinação:

QUADRO 21: Dependência e encaixamento com correlação

Coordenação	>	Correlação	>	Subordinação
- Dependência		+ interdependência		+ Dependência
- Encaixamento		- Encaixamento		+ Encaixamento

Fonte: a pesquisadora (inspirado em Hopper & Traugott (1997))

Portanto, asseveramos que, na coordenação, as orações são independentes; na correlação, os dois conectores não estão em uma relação de encaixamento, embora se encontrem em uma relação de interdependência; e, na subordinação, uma oração está encaixada na outra e a relação entre eles é de dependência. Nessa conjuntura, em nosso recorte de dados, analisamos 04 tipos de estruturas correlatas: alternativas, comparativas, aditivas e consecutivas.

Em relação às alternativas, provamos que essas estruturas podem se manifestar na língua por meio de diversos pares correlatos. Além do par *ou... ou* que é o mais referendado pelas gramáticas, encontramos outros pares correlatos alternativos – como o par *seja... ou* e *que... ou* – que embora sejam menos recorrentes, estabelecem valor de correlação alternativa.

Outro fator observado, é que as estruturas alternativas possuem a característica típica da correlação, a interdependência, uma vez que suas orações ligam-se por meio de dois conectivos. Além disso, a correlação nas estruturas alternativas pode ocorrer por meio da união de segmentos oracionais e não oracionais.

Também identificamos e analisamos que os pares correlatos constituídos, respectivamente, de base conjuncional seguida de base verbal podem ser invertidos no enunciado sem alterar o sentido original. Já nos pares que são formados pela sequência de base conjuncional e base verbal, a ordem não pode ser invertida.

Além disso, percebemos que os valores semânticos desempenhados pelos pares correlatos alternativos apresenta a típica relação de exclusão.

No tocante à prototipicidade dos conectores alternativos, nossos dados confirmaram o que já é estabelecido pela gramática tradicional, sendo o par correlato que mais se aproxima do ideal prototípico *ou... ou* e o que mais se distancia é o *que... ou*.

Em relação às estruturas comparativas, observamos que diferentemente dos pares correlatos alternativos que apresentam mobilidade na oração, como o *ou... ou, seja... seja*, entre outros, os pares correlatos comparativos se comportam de maneira fixa, ou seja, a sua ordem não pode ser invertida dentro da estrutura, e caso ocorra inversão, o sentido é alterado, e sua sintaxe inviabilizada. Também encontramos a correlação nas estruturas comparativas por meio da união de segmentos oracionais e não oracionais.

O estudo também evidenciou que alguns pares correlatos comparativos quando indicam igualdade – como *tão... quanto* – apresentaram proximidade de sentido com a adição, implicando uma ideia de adição correlata do tipo: *não só..., mas também*. Encontramos, também, novos pares que indicam dentro da correlação, noção de comparação, como o par *bem... do que*.

Ademais, podemos dizer que, assim como as estruturas alternativas, as comparativas apresentam a característica típica das correlatas, a interdependência, comprovando, assim, que não podem ser classificadas apenas como subordinadas.

Sobre a prototipicidade dos conectores comparativos, o par correlato que mais se aproxima do ideal prototípico é o *mais... do que* e o mais se distancia é o *bem... do que*.

Em relação às estruturas correlatas aditivas, verificamos que assim como as estruturas alternativas e as comparativas, a correlação aditiva pode ocorrer por meio de elementos oracionais e não oracionais. Também observamos que os pares correlatos aditivos não apresentam mobilidade dentro do sintagma, pois se invertêssemos a ordem, iríamos ter prejuízo tanto semântico como sintático.

De outro lado, assim como as estruturas alternativas e comparativas, as aditivas expressam a interdependência típica das correlatas, comprovando que as estruturas aditivas não podem ser classificadas apenas como coordenadas.

Encontramos, também, novos pares que indicam, dentro da correlação, noção de adição, como os pares *desde... até* e *não... e sim*. E confirmamos que alguns pares correlatos aditivos apresentaram sobreposição de valores semânticos, como a proximidade com o valor de comparação.

Quanto à prototipicidade dos conectores aditivos, o par correlato que mais se aproxima do ideal prototípico é o *não só... mas também*, e o menos prototípico é o *desde... até*.

Em relação às estruturas consecutivas, observamos que assim como as demais estruturas aqui analisadas, elas apresentam interdependência, característica típica das correlatas, confirmando, então, que não podem ser classificadas apenas como subordinadas.

Constatamos que os pares correlatos consecutivos não apresentam mobilidade na oração, e sua configuração é entre a relação do primeiro correlator que funciona como intensificador (*tão* ou *quanto*) com um segundo elemento de base conjuncional *que*.

No que diz respeito à prototipicidade dos conectores consecutivos o par correlato que mais se aproxima do prototípico é *tão... que*.

Ao final da pesquisa, confirmamos a hipótese que impulsionou este trabalho: as estruturas correlatas alternativas, aditivas, comparativas e consecutivas se diferenciam dos processos da coordenação e da subordinação, uma vez que apresentam funções particulares relacionadas aos aspectos semânticos e sintáticos.

Essa nova proposta coloca a correlação como um terceiro tipo de articulação de oração, e, também, demonstra que as aditivas e alternativas podem ser classificadas tanto na coordenação quanto na correlação, assim como as comparativas e consecutivas podem ser classificadas tanto dentro da subordinação, quanto na correlação, o que vai determinar a classificação dessas estruturas são suas características sintáticas, semânticas e o contexto.

Ao concluir esta pesquisa, esperamos que ela contribua para os estudos das estruturas alternativas, comparativas, aditivas e consecutivas, bem como para os estudos sobre a correlação de uma forma geral. Nesse sentido, consideramos que a presente pesquisa configura a abertura para estudos mais aprofundados sobre as estruturas correlatas aqui evidenciadas.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, Jovana Mauricio. *Análise funcional das construções correlatas alternativas*. Niterói: 2016.
- ANDRADE, Maria Margarida de. *Como elaborar trabalhos para cursos de pós graduação: noções práticas*. 5 Ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- AZEREDO, José Carlos. *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. Ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- CASTILHO, Ataliba de. *A língua falada no ensino do português*. São Paulo: Contexto, 2004.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova gramática do Português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 48.ed. revisada. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- CEZARIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. (Orgs.) *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad x FAPERJ. 2013.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2001.
- DIK, Simón. *Functional grammar*. Cinnaminson - USA: Foris, 1978.
- ESTEBAN, Maria Teresa; Afonso, Almerindo (Orgs.). *Olhares e interfaces: reflexões críticas sobre a avaliação*. São Paulo: Cortez, 2010.
- FARIA, Ernesto. *Gramática da língua latina*. 2. ed., Brasília: FAE, 1995
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios de. MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. 26. ed., Rio de Janeiro: FGV, 1988.
- GIVÓN, Talmy. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam: John Benjamins, 1990.
- GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1995.

GIVÓN, T. *A compreensão da gramática*. Tradução: Maria Angélica Furtado, Mário Eduardo Martelotta, Felipe Albani. São Paulo: Cortez, Natal: EDUFRN, 2012.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia & CASSEB-GALVÃO Vânia Cristina. *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. *Explorations in the function of language*. London: Edward Arnold, 1973.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1985.

HEINE, Bernd. CLAUDI, Ulrike. HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization: A conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, Paul. *Emergent grammar*. Berkley Linguistics Society, 1987

HOPPER, Paul. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs. HEINE, Bernd. (Orgs.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991, p.17-35.

HOPPER, Paul & TRAUGOTT, Elisabeth. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

KURY, Adriano da Gama. *Novas lições de análise linguística*. São Paulo: Ática, 2003.

LEHMANN, Christian. *Gramaticalization: synchronic variation and diachronic change*. *Lingua e Stile* XX, 3. Bolonha: Le reviste del Mulino, 1985.

LEHMANN, Christian. "Towards a typology of clause linkage". In: HAIMAN, John & THOMPSON, Sandra A (ed.). *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1988.

LEHMANN, Christian. *Thoughts on grammaticalization*. Munique: Lincom Europa, (1995[1982]).

LIMA, Rocha. *Gramatica normativa da língua portuguesa*. 49.ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna Gramática Brasileira*. São Paulo: Globo, 2000.

MACKENZIE, John Lachlan. *What is functional Grammar?* Comunicação apresentada no XX Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes, Zurique, Suíça, 1992.

- MARTELOTTA, M. E.; AREAS, E. K. A visão funcionalista da linguagem. In: CUNHA, M. A. F. da; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. (orgs.) *Linguística Funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2003. P. 137.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. Unidirecionalidade na gramaticalização. In: VITRAL, Lorenzo; COELHO Sueli. (orgs.) *Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações*. Campinas: Mercado das Letras, 2010. P. 148.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Mudança Linguística: Uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.
- MELO, Gladstone Chaves de. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1968.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MÓDOLO, Marcelo. *Correlação: estruturalismo versus funcionalismo*. (Pré) publications: forskning og undervisning. nº. 168, februar. Romansk Institut: Aarhus Universitet, Danmark, 1999.
- MÓDOLO, Marcelo. As construções correlatas. In: CASTILHO, A. *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Unicamp, 2008.
- MÓDOLO, Marcelo. *Correlacionando orações na língua portuguesa*. 2005. Disponível em: <https://issuu.com/museulp/docs/correlacionando_oracoes_na_lingua>. Acesso em: 14 de janeiro de 2018.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins pontes, 1997.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Construções encaixadas: considerações básicas*. In: CONGRESSO NACIONAL DA ABRALIN, Florianópolis, fev, 1999.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2007.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. 2. Ed., São Paulo: Editora UNESP, 2011.
- NEY, João Luiz. *Guia de análise sintática*. Rio de Janeiro: sn. ed., 1955.
- OITICICA, José. *Teoria da correlação*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1952.
- OLIVEIRA, Mariangela Rios. Gramaticalização de construções como tendência atual dos estudos funcionalistas. *Estudos Linguísticos* (São Paulo). v. 42, 2013.
- RODRIGUES, Violeta Virginia. Correlação. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Sílvia Figueiredo (Orgs.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do. *Construções correlatas aditivas em perspectiva funcional*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2012.

ROSÁRIO, Ivo da Costa. OLIVEIRA, Mariângela Rios de. *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina/FAPERJ, 2014.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do; RODRIGUES, Violeta Virginia. Correlação na perspectiva funcionalista. In: RODRIGUES, Violeta Virginia; *Articulação de orações: pesquisa e ensino / organização: Violeta Virginia Rodrigues*. - Rio de Janeiro: UFRJ, 2017.

SILVA, Camilo Rosa. *Mas tem um porém...: mapeamento da oposição e seus conectores em editoriais jornalísticos*. Tese de Doutorado. João Pessoa: UFPB, 2005.

SILVA, Camilo Rosa. Mas tem muitos poréns!. In: SILVA, Camilo Rosa. HORA, Dermeval da. (orgs). *Forma e conteúdo: estudos de sintaxe e semântica do português*. João Pessoa: Ideia, 2016. p. 67-104.

TAVARES, Maria Alice. Gramática emergente e o recorte de uma construção gramatical. In: SOUZA, Edson Rosa. *Análise e descrição*. São Paulo: Contexto, 2012. P.33-51.

TAYLOR, John. *Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory*. New York: Oxford University Press, 1989.

VITRAL, Lorenzo. VIEGAS, Maria do Carmo. OLIVEIRA, Alan Jardel de. Inovação versus mudança: a interseção gramaticalização/teoria da variação e mudança. In: VITRAL, Lorenzo; COELHO, Sueli (Org.). *Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.